

TRIBO SCHWANTES



VOLUME I A ORIGEM DA TRIBO

ÉDIO SCHWANTES

ESTE LIVRO . . . estava em gestação há vários anos. Finalmente ele nasceu.

Para que a gente se possa situar corretamente neste mundo e nele atuar de forma positiva em relação às coisas e, principalmente, em relação às pessoas, se precisa conhecer e saber tudo e mais um pouco. Precisa-se, como disse por exemplo, o grande filósofo Sócrates: **“saber que nada se sabe”**. ‘Quem sabe que nada sabe’ pertence à categoria dos mais sábios.

Mas Sócrates disse mais: *‘gnōthi seauton’* ou em latim *‘nosce te ipsum’* ou em inglês *‘know thyself’* ou em uma língua conhecida *‘conheça-te a ti mesmo’!* Esta máxima teve, no decorrer dos tempos, inúmeras variações, interpretações e aplicações. Eu quero usá-la, neste contexto, como um estímulo para conhecer-se a si mesmo buscando desvendar sua origem geográfica, étnica, cultural, sanguínea e outras. As gerações passadas contribuem, além do conhecimento adquirido e da experiência vivida, para a formação geral. Para se conhecer precisa conhecer sua história.

À busca da minha história dediquei bastante do meu tempo de não fazer nada como aposentado. Como esta história não é só minha, mas de todos os meus parentes dos mais diferentes graus e, principalmente, de meus filhos, netos, bisnetos e de todas as futuras gerações da tribo Schwantes, deixo-a aqui registrada.

Desde já disponibilizo todos os dados e relatos deste livro para livre uso de quem se dispõe a melhor ‘conhecer-se a si mesmo’ e fazer buscas sobre seus antepassados que tenham alguma relação com a tribo Schwantes.

O autor

TRIBO SCHWANTES

VOLUME I A ORIGEM DA TRIBO

Autor
Edio Schwantes

Revisão
Alessandra Schwantes Marimon

Capa
Caio Schwantes

*Para a Edit,
com quem convivo em 'paz e amor'
por mais de meio século
e que me acompanha
em todas as aventuras pelo mundo.*

PRÓLOGOS - πρόλογος

“Um povo que não conhece o seu passado tem dificuldade de construir o seu futuro. Quem não sabe de onde veio, tem dificuldade de saber para onde ir. Quem não valoriza seus antepassados terá dificuldade de valorizar seus sucessores.”

Não consegui descobrir quem é o autor deste pensamento. Provavelmente não se sabe por ser de um passado remoto. A demais ele tem tantas variações, que será difícil chegar ao original. *“O povo que não conhece o passado, não se faz presente no presente.” “Não se faz futuro sem passado e presente.” “Povo que não respeita seu passado e sua história não é digno de futuro.” “Povo sem memória, país sem História”.* A ‘história’ – sem distorções ideológicas - é certamente uma das matéria mais importantes em todas as graus de todas classes escolares. Mas, qual é a história sem distorção ideológica?

Num país como o nosso, historicamente novo, no qual o seu povo é composto de inúmeras etnias com suas diferentes línguas e culturas, é deveras importante conhecer – para poder aceitar e respeitar – estas diferentes etnias, línguas e culturas com as quais se convive.

Vamos fazer a nossa parte! Vamos resgatar a história dos Schwantes e dos Lüdtke, Ebert, Bartz, Mädge, Bier, Graeff,

Veeck, Kettler, Klein, grupos familiares, nossos antepassados. Com que facilidade esta história se perde, se conscientemente não for conservada, podemos constatar de uma carta do tio Arlindo para o Norberto (A carta está transcrita no Segundo Capítulo): “... *Norberto, tua impressão estava certa, o Christian Schwants é meu bisavô, o primeiro a imigrar. O passaporte foi assinado em 9 de setembro de 1857 e seu filho, meu avô, emigrou um ano mais tarde para o Brasil ... Ninguém sabia que meu bisavô também veio para o Brasil ... Ninguém imaginou que aquele Christian Schwants pudesse ser meu bisavô; meu pai tinha três anos quando o seu avô Christian Schwants faleceu e provavelmente ninguém falou mais tarde com ele sobre isso ...*”. ‘Provavelmente ninguém falou com ele sobre isso’. É assim, quando não se fala; não se escreve; não se registra; não se arquiva para a posterioridade, ninguém mais sabe.

Este livro deve ser entendido como um arquivo, o primeiro de muitos outros que hão de seguir, complementando a história dos Schwantes e registrando a história dos outros grupos familiares que compõem nossa árvore genealógica. Eu também pensei que escrever e registrar esta história seria uma tarefa difícil e complicada. Ao concluir estes registros, constato que é uma missão muito gratificante e realizável. É fácil, é só começar.

Nova Xavantina, setembro de 2016

Edio Schwantes

PREFÁCIO DA SEGUNDA EDIÇÃO REVISADA E AMPLIADA

A segunda edição é uma consequência natural da primeira edição. Só em dois casos uma segunda edição de um livro não acontece: 1) o livro é tão ruim que ninguém o compra, nem de graça quer! 2) foram impressos centenas de milhares de exemplares num país como o Brasil, onde só há centenas de leitores. Eu evitei os dois casos. Na primeira edição imprimi 50 exemplares e doei todos em ato de lançamento com dedicatória aos 50 parentes que estavam presentes. O livro foi um sucesso absoluto. Se foi lido é outra questão. Mas estou muito satisfeito. Recebi retorno de duas parentes. Acredito que elas realmente leram o livro todo. Por outro lado, o autor de livros não se pode preocupar se suas obras são lidas ou não. O importante é que sejam comprados. Como eu não vendo os livros – somente os distribuo gratuitamente, não tenho nem esta preocupação econômica.

Brincadeiras à parte, a verdade é que elaborei esta segunda edição porque: 1) constatei que na primeira faltaram pesquisas *in loco* (em Nova Petrópolis e na Pomerânia, Polônia); 2) tinha chegado a conclusões erradas sobre a localização das vilas, donde emigraram os Schwantes; 3) durante pesquisas complementares encontrei registros de antepassados do século XVIII, que fazem parte da minha história e merecem registrado. Portanto, nesta nova edição tem muita coisa retificada, complementada e adicionada sobre a tribo que não poderia deixar de publicar e divulgar. Nela você vai encontrar um minucioso relato sobre as viagens da

Edit e minhas para Nova Petrópolis e Neukirchen, terra de nossos antepassados no Brasil e na Pomerânia, hoje Polônia. Na nova edição deixei fora as informações que tinha transcrito sobre as condições na Europa no período da emigração, as quais podem ser lidas em Wikipédia.

Depois da primeira edição dois descendentes dos imigrantes me mandaram o “ramo de sua família”, que faz parte da frondosa ‘Árvore Genealógica da Tribo Schwantes’. Isto me animou a ampliar as pesquisas e reunir todos os descendentes brasileiros dos patriarcas imigrantes.

Desta forma minhas pesquisas me levaram a dividir o livro **TRIBO SCHWANTES** em dois volumes: **VOLUME 1 - A ORIGEM DA TRIBO** e **VOLUME 2 - A ÁRVORE GENEALÓGICA DA TRIBO NO BRASIL**.

Além disso, com esta Segunda Edição Revisada e Ampliada o **TRIBO SCHWANTES** se adapta às inovações e transformações do mundo digitalizado. A partir de agora todos os membros da grande Tribo Schwantes terão acesso digital aos dois volumes do livro através da internet. Assim consigo dar a todos os Schwantes acesso a sua história e seus ancestrais de forma rápida, eficiente e sem custo. É só acessar o Site

triboschwantes.org

Quem quer ver o ramo de sua família incluído neste livro da **ÁRVORE GENEALÓGICA DA TRIBO NO BRASIL**, precisa enviar todos os dados de sua família através Site.

Desta forma vamos construindo juntos a frondosa árvore genealógica da Tribo Schwantes, que é formada pelos descendentes dos ancestrais que imigraram no século XIX.

Nova Xavantina, período do COVID19, 2020

Edio Schwantes

ÍNDICE		
PRIMEIRO CAPÍTULO OU		
A TRIBO CHÁ-AVANTE	pg	15
O Começo de Tudo	pg	15
Uma Brincadeira no WhatsApp	pg	18
Escrever com /Fantasia	pg	20
Homo Sapiens: A Tribo Chá-Avante	pg	21
E o Homem Criou Deus	pg	23
O Começo da Migração	pg	25
O Aprendizado da Humanidade	pg	28
A Migração Continua - I	pg	34
A Politização da Humanidade	pg	40
O Início da Industrialização	pg	42
O Comércio Internacional	pg	45
A Migração Continua - II	pg	48
Concluindo Este Capítulo	pg	52
SEGUNDO CAPÍTULO OU		
OS SCHWANTES NA POMERÂNIA	pg	53
Os Eslavos no Norte da Alemanha	pg	54
O Brasil em Evidência	pg	57
A Divindade Svantevit	pg	58

Meu DNA Mostra as Origens e as miscigenações ..	pg	62
Os Schwantes	pg	63
Uma Missão Difícil, Mas Importante	pg	65
A Procura dos Schwantes na Terra do Svantevit	pg	72
Em Busca do Passado	pg	74
Quem Procura, Acha	pg	76
Resumo da História da Terra dos Antepassados	pg	82
Os Locais de Origem dos Schwantes	pg	87
A Segunda Viagem à Pomerânia	pg	88
Estou Realizado	pg	109
E os Contratempos da viagem.....	pg	109
O Fim de uma Viagem que Remete à Próxima	pg	110
TERCEIRO CAPÍTULO OU	pg	
OS SCHWANTES COM REGISTROS EM	pg	
NEUKIRCHEN E NOVA PETRÓPOLIS ..	pg	111
Os Antepassados que não Emigraram	pg	112
Os Patriarcas Imigrantes	pg	114
Os Filhos dos Patriarcas Imigrantes	pg	118
Resumo da Família dos Patriarcas Imigrantes	pg	130
Uma Triste Realidade	pg	132
O Que os Schwantes Faziam na Pomerânia	pg	134
A Aventura Começa: A Migração Continua - III	pg	137
QUARTO CAPÍTULO OU	pg	
OS SCHWANTES MIGRANDO AO BRASIL	pg	140
Os Schwantes Chegam ao Brasil	pg	140
O Brasil que os Schwantes Encontram	pg	143
Nova Petrópolis Começa com os Schwantes	pg	146
O Que os Schwantes Vieram Fazer no Brasil	pg	150
Edit e Edio nos Caminhos dos Imigrantes.....	pg	151

Edit e Edio Procurando Parentes	pg	154
Schwantes com Grau de Parentesco Desconhecido .	pg	157
Outras fontes de Pesquisa	pg	159
Concluindo o Capítulo	pg	162
QUINTO CAPÍTULO OU	pg	
OS SCHWANTES NO BRASIL	pg	163
Os Irmãos Norbert, Edio, Arlindo e Milton	pg	164
A Primeira Geração de Schwantes Brasileiros	pg	165
A Migração Continua - IV	pg	166
O Meu Avô: Ferdinand August Schwantes	pg	167
Os Bier Entram na História	pg	168
Meus Avós Paternos	pg	170
A Segunda Geração dos Schwantes no Brasil	pg	170
A Migração Continua - V	pg	172
A Migração Continua - VI	pg	176
As Memórias do Arlindo	pg	176
O Diário do Augusto	pg	183
Galeria de Fotos - I	pg	191
Os Graeff Entram na História	pg	197
Meus Avós Maternos	pg	207
O Início de uma Nova Geração	pg	209
A Terceira Geração dos Schwantes no Brasil	pg	210
Uma Curiosidade	pg	211
A Família em Linha Etelvina	pg	212
A Migração Continua - VII	pg	217
A Vida Segue Rumos Inesperados	pg	221
Galeria de Fotos - II	pg	223
Finalizando	pg	230
A Migração Continua em Evidência	pg	230

A Tribo Xavante	pg	231
A História do Reencontro	pg	231
O Fim Que Remete a um Novo Começo	pg	232
POR	pg	233
..... FIM	pg	234

PRIMEIRO CAPÍTULO OU A TRIBO CHÁ-AVANTE

O COMEÇO DE TUDO

As pesquisas sobre o passado da humanidade, o início da vida, a formação da Terra, a origem do sistema solar, o surgimento das galáxias e o Big Bang evoluíram muito nas últimas décadas. Já se sabe bastante sobre os mais diferentes momentos do nascimento do Universo. Sabemos, por exemplo, que a grande explosão, que deu origem ao universo

ocorreu por volta de 13,7 bilhões de anos. Sabemos que a Terra se formou há cerca de 4,5 bilhões de anos. Os primatas começaram a se desenvolver há 70 milhões de anos e o Homo Sapiens iniciou sua trajetória pela terra há 200 mil anos.

Por outro lado, quem sabe o nome dos seus bisavôs? Você já teve curiosidade de pesquisar ou perguntar para algum parente sobre a origem de seus avôs? Sabe as datas mais importantes de seus pais - nascimento e casamento? E afinal, quem realmente mantém os registros da família em algum lugar acessível? Poucos certamente conhecem estas datas, mas é justamente essa história que mais influencia e determina a nossa vida. O nosso passado influencia nosso ser e agir no presente. O fato de termos nascido num país como o Brasil decorreu da decisão de nossos antepassados.

Por exemplo: o que seria de mim, se a avó da Edit, a Johanne Jansen, teria ficado firme na decisão: *“pode ter a certeza que nada mais me prende ao irmão Hammann”*, que comunicou no dia 23 de junho de 1898 para o diretor da Sociedade Missionária do Reno, na Alemanha? Onde eu estaria hoje se o "irmão Hammann" não teria corrido atrás do prejuízo e reconquistado o coração da Johanne? O que teria acontecido comigo se em 1904, há mais de um século, não teria eclodido o levante da tribo herero contra a ocupação alemã da atual Namíbia, no sul da África? O missionário Hammann trabalhava entre os nativos da Namíbia. Por causa do levante dos herero o missionário retornou para a Alemanha e veio para o Brasil, onde era pastor no município gaúcho de Paraíso do Sul, onde nasceu a Edit, neta do casal Hammann. Tudo isso aconteceu para que eu pudesse encontrar o meu grande amor, com quem vivo há mais de 50 anos! O nascimento de cada um de nós dependeu de uma infinidade de decisões, de coincidências, encontros e desencontros dos antepassados. Nossa existência é um milagre.

Pertence à natureza de cada um ter maior ou menor grau de interesse em conhecer essas coincidências, caminhos

ou descaminhos que conduziram a vida de milhares de antepassados e que culminaram no milagre do próprio nascimento, exatamente naquele lugar e momento da bilionária história do universo.

A Edit e eu temos especial curiosidade em saber o máximo possível da história dos nossos antepassados. Já estivemos na região do Vale do Aço na Alemanha, em Barmen, Wuppertal e Vohwinkel à procura dos rastos dos Hammann e dos Jansen. Já estivemos na região da fabricação do vidro e cristal, na Boêmia, atual República Tcheca, à procura da história dos Prade. Estivemos no “Hunsrück”, na Renânia, numa das regiões mais pobres da Alemanha durante o período das emigrações no século XIX, onde pudemos vasculhar em registros eclesiásticos dos nascimentos, batismos, confirmações, casamentos e mortes de dez gerações dos Graeff, regredindo até o ano de 1701. No registro de casamento de um destes Graeff encontramos a curiosa anotação ‘*sie hatten sich miteinander vergangen*’, ou seja, praticaram sexo antes do casamento e provavelmente a noiva estava grávida. Estivemos na Pomerânia Oriental, atual Polônia, em Neukirchen (Belczna), região donde em 1858 e 1859 emigraram os Schwantes para o Brasil. Temos milhares de fotos e registros de todos esses lugares. Dessa forma, conseguimos entender um pouco como nossos antepassados viveram e os motivos que os levaram a emigrar.

Nós, nossos filhos e netos somos como somos porque nossos antepassados foram como foram. É tudo um grande e interminável emaranhado de histórias, nem sempre claramente explicáveis ou compreensíveis, por meio do qual surgiu o milagre da minha vida, da sua vida, da nossa vida.

UMA BRINCADEIRA NO WHATSAPP

A gota d'água de reunir informações sobre a história da Família Schwantes surgiu de uma brincadeira no aplicativo de mensagens WhatsApp do grupo dos Schwantes, onde se reúnem parentes de Lagoa dos Três Cantos e Porto Alegre, cidade de São Paulo, Brasília, Barra do Garças e Nova Xavantina no Mato Grosso e Humaitá no Amazonas. A conversa girava em torno da dificuldade de outras pessoas conseguirem pronunciar e escrever corretamente o nosso nome. Assim, no dia 29 de maio de 2015 ocorreu o seguinte diálogo no grupo:

Martin: *“Olha no que dá ter nome fácil: Martins Shuantes”.*

Juraci: *“Você tá bem... e nós que apelidaram de xuxu”.*

Ana: *“Putz Martin, isso sempre acontece comigo”.*

Marilia: *“Todos esses sobrenomes não são piores que o “Xavantes”, aqui fica assim kkkkkk”.*

Ana: *“Xavantes também – Schwantes indígena”.*

Foi aí que algumas divagações minhas começaram a tomar força e resolvi dar início a uma brincadeira, criando a partir de minha mente inquieta uma nova história, totalmente fictícia, sobre o surgimento da família Schwantes. Para descontrair, decidi compartilhá-la com a família.

Edio: *“Já que vocês tocaram no assunto Schwantes – Xavante, relato rapidamente o resultado de minhas pesquisas: Há 40, 60, 80 mil anos a tribo Já Avante chegou ao nordeste da Ásia. Uma disputa de liderança na tribo a dividiu. Uma parte tomou o rumo para o Leste e chegou aos Estados Unidos e a outra seguiu para o Oeste até a Europa. Os Já Avante dos Estados Unidos continuaram sendo nômades e finalmente se fixaram no vale do rio Araguaia e assumiram a denominação brasileira Xavante. Os Já Avante europeus se fixaram no leste da Alemanha e assumiram a denominação alemã Schwantes. Em 1858 uma nova rivalidade tribal dividiu o grupo da Alemanha e uma parte da*

tribo ficou naquele país, já outra parte foi para os Estados Unidos e uma outra veio para o Brasil. O destino quis que o meu falecido irmão Norberto e mais uma pequena parte da tribo viessem para o vale do Araguaia e aqui se deu, depois de 40, 60, 80 mil anos, o histórico reencontro. Os dois caciques Norberto Schwantes e Mário Juruna Xavante se encontram em Barra do Garças, em Mato Grosso. Assim, a estória vira história que vocês conhecem”.

A reação dos participantes do grupo foi imediata:

Alexandre: “Caracas ... Haja imaginações”.

Ademir: “PQP que tese de doutorado!!!”

Juraci: “Tio Edio é um mestre de sabedoria”

Alexandre: “É um verdadeiro estoriador...”

Ademir: “Bem antes desse povo chegar em Schwantina, Brasília e São Paulo, esse povo passou ou 'cruzou' pela Linha Etelvina, localidade que pertence a Lagoa dos Três Cantos.”

Ben Hur: “Schwantes e Xavantes se encontraram no Brasil Central após 40 mil anos! Oh povo persistente! Nessa toada vão se encontrar na Galáxia SCHW3 nos próximos 40 mil anos.”

Após os comentários e depois de constatar o interesse pelo assunto, concluí que poderia seguir em frente com essa “maluquice”. No dia 15 de junho de 2015 escrevi:

“Nesse fim de semana não viajei pela geografia e aproveitei para viajar pela ficção: Consegui avançar um pouco mais nas pesquisas sobre os Xavante/Schwantes. Descobri, por exemplo, que a fonte de pesquisa que eu estava seguindo não é muito confiável. De acordo com essa fonte a tribo “Já Avante” seria um povo Guerreiro e se impunha mediante o uso da força. A denominação da tribo teria se originado de um grito de guerra. De acordo com uma das fontes, a denominação original da tribo não era pronunciada com ‘J’ mas como ‘CH’, portanto o correto seria “Chá Avante”. Descobri também que a palavra “Avante” não é um termo militar, mas sim o nome de uma árvore pré-histórica que existia na região Sul/Sudoeste da África. Ao que tudo indica

esta árvore não sobreviveu ou recebeu outra denominação nessa transição dos períodos. É o desafio que tenho de desvendar, para poder avançar nas investigações.”

Alexandre: *“Meeeu Deeeeus, onde isso vai parar...? A Avante coevoluiu com a humanidade, e sendo transportada em suas migrações hoje é amplamente difundida no Centro Sul da América do Sul onde é conhecida como Mate???”*

Ademir: *“Agora enrolou o meio do campo”*

Edio: *“Me ajuda a desenrolar.”*

Edio (escrevendo no dia 16/06/1015): *“Acordei cedo – na minha idade tenho direito pra isso – e continuei a pesquisa: Para entender o passado, voltei-me a observar o presente. Portanto, não como normalmente se faz: observar o passado para entender o presente (andar de ré, também é andar!). Observei os membros da tribo Xavante que vivem por aqui. Eles não têm nada de guerreiro. São todos fortes, saudáveis, mas bonachões. O máximo que fazem é falar grosso e alto, mas é raro chegarem às vias de fato. Os Schwantes creio que não preciso analisar. Vocês mesmo podem observar e vão ver que são bastante acomodados – o Martim faz uma boa média – e certamente ninguém estaria disposto em pegar numa borduna.”*

Ademir: *“Está começando a clarear.”*

ESCREVER COM FANTASIA

Para contar a verdadeira história da família Schwantes, senti a necessidade de continuar a minha brincadeira que, pelo jeito, havia feito sucesso no grupo do WhatsApp. Com algumas idéias na cabeça, tempo livre e mãos hábeis para escrever, decidi mergulhar na ficção para, posteriormente, relatar as origens reais de nossos antepassados. Ao longo desses relatos ficcionais, você será capaz de perceber certas

semelhanças com a história da humanidade e, até mesmo, com alguns costumes, crenças e valores da nossa família.

Assim, peço que não tenha medo de mergulhar comigo nessa fantasia! A partir daqui tudo, absolutamente tudo, é possível. Mas se você é do tipo racional demais, que não se dá muito bem com fábulas e contos e que só se interessou por esse livro para conhecer melhor a história e não a "estória" da família, o melhor a fazer, então, será pular algumas páginas e ir direto ao seu objetivo no Segundo Capítulo.

No entanto, sinto a obrigação de insistir para que me dê uma chance de mostrar que nem tudo precisa ser concreto, objetivo, e a literatura nos prova que é possível escapar um pouco dessa realidade muitas vezes monótona. Afinal, nenhuma história é 100% confiável e sempre haverá um ou outro relato inventado, omitido ou até mesmo aumentado. Além do mais, queria fugir da mesmice, do clichê de escrever um livro que pudesse soar um tanto maçante. E por que não fazer isso utilizando a literatura?

HOMO SAPIENS: A TRIBO CHÁ-AVANTE

Finalmente consegui avançar um pouco mais nas pesquisas. Descobri que a origem da tribo dos Chá-Avante é do mesmo continente do *Homo Sapiens*: na África! Ela se desenvolveu no sudoeste africano, na região do território da atual Namíbia.

Naqueles tempos havia lá uma imensa e densa floresta "monodominante" de uma árvore chamada "Avante". (*Uma floresta é considerada monodominante quando mais de 50% dos indivíduos ou da área principal pertencem a uma única espécie*) Prof^a. Beatriz Schwantes Marimon, em sua obra "A Dinâmica de uma floresta monodominante de *brosimum rubescens taub.* em comparação com uma floresta mista em

Nova Xavantina-MT”, Brasília 2005, na página 1 diz que a África, entre outros continentes, é propícia para este tipo de floresta: *"As florestas tropicais monodominantes têm sido registradas na África, Ásia, América e Oceania. Em geral, ocorrem adjacentes a florestas mistas, que apresentam maior diversidade de espécies"*. Desvendei então que o *Homo Sapiens* viveu na África, na região da mata das árvores Avante há aproximadamente 100 mil anos.

As mulheres da tribo eram muito inteligentes. Elas descobriram que as folhas daquelas árvores produziam um chá muito gostoso e de efeito alucinógeno, que deixavam todos muito felizes. Enquanto os homens não voltavam com a caça, as mulheres saciavam a fome se alimentando dos frutos da árvore que produziam nelas um efeito curioso. Hoje se sabe que os frutos da árvore avante tinham efeitos afrodisíacos.

Essa conjugação de alucinógeno e afrodisíaco da árvore trouxe como consequência o crescimento demográfico da população. Ela cresceu tanto que em poucos séculos já dominava grande parte do sudoeste africano. Esse vertiginoso crescimento da população não ocorreu por meio da força bruta ou pelas armas, subjugando outras tribos. Tudo aconteceu na base do "paz e amor". A semelhança com o paraíso certamente não é mera coincidência. Todos viviam em paz e harmonia. Não havia disputa, pois tinha alimento suficiente para todos.

Esta tribo, devido seu constante e grande consumo dos frutos e do chá das árvores avante, passou a ser chamada de Tribo Chá-Avante.

Consegui também precisar com mais exatidão o lugar na Namíbia, onde existiu a mata das árvores avante, que serviram de base para a alimentação da tribo: na região de *Twyfelfontein*, logo acima do grande Deserto da Namíbia. Ali existe até hoje uma grande área com inúmeros desenhos rupestres ainda não totalmente decifrados. Seriam vestígios da tribo Chá-Avante? Provavelmente!

Mas há mais um forte indício de ser aquele o local onde a tribo Chá-Avante se desenvolveu e cresceu. Naquela região há uma grande "floresta de árvores petrificadas". Seriam as árvores Avante? Possivelmente! A região das árvores petrificadas mostra que a floresta era muito extensa e que tinha capacidade para alimentar uma grande população. Lá também se encontra o grande Parque Nacional de Etosha, com inúmeras espécies de animais silvestres de grande e pequeno porte. Era um inesgotável estoque de proteínas! A tribo Chá-Avante tinha num mesmo local tudo o que necessitava para um ótimo desenvolvimento físico, uma brilhante mente e um constante crescimento demográfico, proporcionado pelos frutos e o chá das árvores avante como fonte de carboidratos e a proteína do grande rebanho de animais silvestres do parque Etosha.

E O HOMEM CRIOU DEUS

A tribo Chá Avante superava todos os demais grupos humanos em força e inteligência. Assim mesmo, porém, os chá-avantenses tinham muitas perguntas sem respostas: Como surgiu ou quem criou o primeiro ser humano? Por que pessoas ficam doentes e morrem? Como curar as doenças? Qual a nossa tarefa na terra e nosso destino após a morte? Essas e muitas outras dúvidas desafiavam a inteligência dos mais sábios da tribo. Intermináveis reflexões e discussões acaloradas avançavam noite a dentro.

Apesar de tudo, porém, não encontraram nenhuma resposta ou explicação plausível e lógica. Depois de muito estudo e discussão chegaram à conclusão de que, mesmo sendo um povo inteligente, sabem pouco. Essa descoberta foi expressa séculos mais tarde de forma magistral pelo filósofo grego Sócrates, quando disse: "*Sei que nada sei*". Ou em

outras palavras: “só os *mais inteligentes sabem que muito se precisa saber, para saber que pouco se sabe*”.

O reconhecimento da falta de conhecimento levou a tribo dos Chá-Avante a admitir a existência de um ser superior. E assim, para suprir necessidades e insuficiências, a tribo Chá-Avante criou um deus ‘à *sua imagem e semelhança*’. Um deus ao qual podiam recorrer quando a própria força ou inteligência não encontrava solução para seus problemas.

Agora só faltava representar a divindade de alguma forma concreta. Os artistas foram convocados para desenhar uma imagem representativa. Como eram inteligentes, chegaram rapidamente à conclusão de que a imagem do deus que sabe tudo, que vê tudo, que ouve todas as perguntas e dúvidas do povo deve ter quatro faces: olhar para todos os lados, aconselhar todas as pessoas, ouvir as súplicas de todos e proteger o povo de todos os perigos. Esse deus garantiu as condições para que pudessem viver em plena paz e amor.

Para esculpir a imagem com quatro faces e construir uma casa para o ser divino, foi escolhida a maior, mais frondosa e produtiva árvore Avante da floresta. O mais hábil escultor foi encarregado de dar forma ao deus. Os melhores carpinteiros foram incumbidos de construir uma bela casa no centro da aldeia. Os mais hábeis marceneiros foram escolhidos para projetar e fabricar o altar.

Após três luas, a casa de deus, o seu altar e sua imagem estavam prontas. Uma grande festa, com muito chá alucinógeno, muita fruta afrodisíaca e muita carne, foi preparada. Os festejos seguiram noite a dentro. A tribo estava feliz e realizada. Finalmente havia quem cuidasse e protegesse a todos. Mas ainda faltava um pequeno detalhe. Passada a celebração, o povo se reuniu em praça pública para escolher democraticamente o nome daquele deus tão adorado. Possivelmente por analogia fonética, o nome **Svantevit** foi o mais votado.

O COMEÇO DA MIGRAÇÃO

A nação vivia em paz e amor e estava de bem com a vida. Mas por que, então, em um determinado momento da estória, ela resolveu sair de lá? O que aconteceu? Porque a Tribo Chá-Avante foi expulsa do seu paraíso? Outros grupos mais numerosos de homo sapiens ocuparam a região das árvores avante? Mas que tribo poderia ser maior, mais forte e inteligente que a tribo Chá-Avante?

Essas e outras perguntas me atormentaram por muito tempo. Por isso fui a campo - mais precisamente ao Google, que sabe tudo - pesquisar. Creio ter encontrado o motivo. Na região ocupada pela tribo caiu um meteorito conhecido por Hoba. Agora estou falando da realidade! Quem quiser certificar-se, dê uma olhada no Google Earth, nas coordenadas 19°35'32.97" S e 17°56'01.31" L e verá o meteorito Hoba.

E assim o mistério começou a ser desvendado. As pesquisas revelam o que aconteceu quando caiu o meteorito no Golfo do México. O mundo ficou por décadas encoberto por uma nuvem de poeira que encobriu o sol. Muitas espécies de árvores e animais, por exemplo, os dinossauros desapareceram. Passaram-se séculos até que a vida na terra voltasse ao normal.

O meteorito Hoba, que caiu nas terras da tribo Chá-Avante na África era menor, porém, também causou um estrago considerável na região. Provavelmente a poeira, que levantou com seu impacto no árido e seco solo africano, fez com que se instalasse um período de seca extrema que, em parte, persiste até hoje. A mata das árvores avante foi secando

e morrendo e se petrificou. Algumas árvores ainda estão lá, petrificadas de pé por milênios, como monumentos em forma de obeliscos em memória à Tribo Chá-Avante. O grande lago do parque de Etosha reduziu de tamanho. Só restou pouca água e quase nenhuma vegetação para os animais silvestres. O grande rebanho com a incalculável reserva de proteína minguou. A região virou um extenso semi-deserto inóspito e inabitável. Da grande etnia sobrou apenas um pequeno grupo, os mais resistentes.

Como sempre na história da humanidade, quando a ameaça se torna insuportável, a busca pela solução é mais intensa. Os poucos membros remanescentes da tribo Chá-Avante se botaram a caminho. Para onde? Para onde o destino os levasse!

A próspera nação perdeu a maior parte de sua população; perdeu seu habitat; perdeu até seu chá alucinógeno e os frutos afrodisíacos; perdeu suas terras e finalmente sua identidade. Transformou-se num grupo nômade sem rumo e sem perspectiva! Mesmo diante dessas dificuldades, não deixou de lado sua devoção e fé à divindade que criou à sua imagem, o deus Svantevit. Durante as andanças pelo mundo os sacerdotes carregavam com muita devoção a escultura do deus entalhada na madeira da árvore Avante. Ao se fixar em algum lugar, a primeira tarefa, liderada pelos sacerdotes, era a construção do novo templo para o deus Svantevit.

A tribo agora não possuía mais o incentivo das folhas alucinógenas e dos frutos afrodisíacos – verdadeiros Viagens naturais – como estímulo para o instinto pro criativo. Aquele pequeno grupo errante, como muitos outros, só sobreviveu porque os anciãos, que ainda guardavam uma leve lembrança dos velhos e bons tempos, conseguiram passar a idéia da beleza dessa vida às gerações mais jovens. Todos captaram a mensagem e começaram a desenvolver estímulos que até hoje persistem e são aperfeiçoados com o objetivo de assegurar que a Tribo Chá-Avante continue a crescer e a viver em paz e amor.

Com o passar do tempo as mulheres desenvolveram novos estímulos, técnicas afrodisíacas e alucinógenas – um novo Viagra – que induziram ao crescimento demográfico. Os homens, por sua vez, entraram na jogada, participando ativamente. Nesse jogo só há ganhadores, só há vida nova em paz e amor. Assim, no ímpeto do encontro de sexos opostos acontece o milagre da vida. E a possibilidade de recompor a tribo Chá-Avante em qualquer canto desse mundo passou a ser uma perspectiva real.

No entanto, como não detinham mais nenhuma terra que os mantivesse em torno de um mesmo objetivo, perderam o rumo. Deixaram de ser uma tribo próspera e unida e viveram por aí como um grupo qualquer. Foram se dividindo e se espalhando. Por séculos não encontramos mais a tribo Chá-Avante em lugar nenhum. Surgem, então, as perguntas: Onde e com que grupo de pessoas eles se miscigenaram? Os aborígenes da Austrália poderiam ser descendentes dos Chá Avante? E os neandertalenses da Europa, será que apresentam alguma relação com eles? Os vikings da Noruega provavelmente não são descendentes dos Chá-Avante, já que era um grupo de guerreiros sanguinários, ao contrário dos protagonistas dessa história.

Se analisarmos de perto cada uma das incontáveis comunidades mundo a fora, encontraremos certamente muitos vestígios e aspectos da tribo Chá-Avante em todos os continentes do mundo. Eles se miscigenaram com um número incontável de outras etnias durante sua secular vida nômade pelo mundo, principalmente se considerarmos que a descendência dessa tribo não tem a ver com consanguinidade, mas é uma questão de espírito de paz e amor.

O APRENDIZADO DA HUMANIDADE

Após milhares de anos de andanças por esse mundo, encontramos descendentes da etnia Chá-Avante no nordeste da Ásia. As pesquisas me mostraram que a tribo, depois de ter vagado pelo imenso território africano, passou pelo estreito de Suez, quando um novo horizonte se abriu. Vislumbraram uma nova perspectiva. De repente eles tinham um incalculável mundo novo pela frente. Encontraram regiões áridas e desérticas, sem condições de base ou suporte para a formação de um novo povo. Mas também encontraram áreas férteis e desabitadas, com água abundante e geografia favorável, ideal para o grupo se fixar e construir um novo futuro.

No vale da confluência de dois grandes rios, o rio Eufraterno e o rio Felino, um grupo da tribo dos Chá-Avante encontrou as melhores condições geográficas, pluviométricas e de fertilidade do solo para a agricultura. Depois que a alimentação natural do local foi diminuindo, a tribo resolveu abandonar a vida nômade e se fixar ali mesmo, às margens desses rios. Começaram com os primeiros experimentos agrícolas. Eles era inteligentes e rapidamente aprenderam a produzir alimento suficiente para toda a tribo. Desenvolveram técnicas de edificação e construção de casas. Construíram uma grande cidade.

Após milhares de anos de vida nômade iniciou-se uma nova fase na estória desse grupo. Abriram-se perspectivas de uma vida há muito tempo perdida e esquecida. A agricultura produzia reservas de alimentos, que outrora tinham na imensa mata mono-dominante das árvores avante, de forma que a procura pela comida para o dia seguinte não era mais a preocupação primordial da tribo. Organizaram o ano agrícola, planejaram a quantidade ideal de sementes a serem plantadas anualmente; construíram cidades bem estruturadas com

sistemas de água e esgoto; desenvolveram uma vida familiar e social que proporcionava bem-estar para todos; organizaram a administração pública a serviço da sociedade. Já para o deus Svantevit, no lugar da modesta casa, foi construído um majestoso templo, cujas ruínas podem ser vistas ainda hoje. Não se podia imaginar lugar melhor para viver em paz e amor.

Mas ninguém vive isolado no mundo, ainda mais uma sociedade tão bem estruturada como essa. A vida deles provocou inveja em tribos nômades que passavam pela região. Sabe-se que a cobiça leva a pensamentos de maldade e os Chá-Avante acabaram sendo assaltados e furtados constantemente por outras tribos. Houve até um grupo – o Movimento Sem Vontade de Trabalhar (MSVT) – que se assentou na periferia das cidades e das lavouras dos Chá-Avante com a única intenção de viver do trabalho dos outros. Surgiu então a necessidade de, em determinadas épocas, celebrar acordos de convivência: Os grupos nômades podiam recolher da lavoura o que ficava para traz na hora da colheita. Esses convênios funcionaram por algum tempo. Acontece, porém, que os MSVT aumentavam cada vez mais e a ameaça de invasão se concretizava. Sentindo a pressão, a organizada tribo Chá-Avante desenvolveu formas de defesa com uma complexa infra-estrutura. Fabricaram armas defensivas, construíram muros de defesa e proteção e organizaram um exército. De todas as formas procuraram se defender e manter a vida de paz e amor.

Mas o perigo de invasão e assalto aos grandes depósitos de alimentos continuou. Agora a intimidação vinha também por parte dos exércitos de nações de outras partes do mundo. O que fazer? Como superar? Para buscar respostas a estas perguntas, tinha sido criado no seio do governo dos Chá-Avante o Grande Conselho dos Anciãos (GranCA). O cacique-mor do governo convocou uma reunião do GranCA. No centro da Praça Central foi erguida uma grande tenda com toda a estrutura básica de sobrevivência. Assim, determinou-se aos membros do conselho que lá permanecessem até

encontrarem uma solução para o problema que preocupava a nação. Para dar suporte às necessidades físicas dos anciãos, o chefe de governo escolheu um grupo de cem jovens que se revezavam diariamente.

Os sete vezes sete membros do GranCA entraram em clausura permanente em busca de uma solução. O tempo foi passando e lá eles permaneciam. A ansiedade entre a população Chá-Avante aumentava. Mesmo com reforços nas linhas periféricas de defesa, aconteciam invasões por parte dos marginais. Só depois de um tempo, que pareceu interminável, os jovens que apoiavam os anciões abriram a enorme cortina da tenda e os membros do GranCA se posicionaram em semi-círculo. Diante da complexidade do problema, a solução que encontraram foi a mais lógica possível.

A notícia da conclusão dos trabalhos do GranCA foi anunciada pelos sinais visuais da *Fumaça no Morro (FM)* e do rufar dos tambores da tribo. Todos estavam bem treinados e conscientes da importância de seguir as instruções do chamamento. Em pouco tempo estavam reunidos os milhares de membros - crianças, jovens, adulto e idosos - ansiosos para ouvir a sábia resolução do GranCA. O porta-voz do grupo anunciou em alto e bom tom: "Estimados companheiros da nação chá-avantense! Depois de muita reflexão, muitas discussões, muita análise e ponderações, o grupo de anciões chegou às seguintes conclusões:

1) Fica criada a *Força-Tarefa 'Defensor' (FTD)*, composta pelos jovens adultos mais inteligentes e com o melhor preparo físico, para compor o exército provisório de defesa. As fronteiras das terras da nossa nação serão reforçadas contra eventuais exércitos e grupos invasores.

2) Fica criada também a *Força-Tarefa 'Bandeirantes' (FTB)*, composta pelos adultos com conhecimento e experiência, dividida em dois grupos: a) o grupo que continua plantando e colhendo para manter o estoque de alimentos numa faixa de segurança; b) o grupo que irá mundo a fora,

dividido em subgrupos, à procura de uma nova terra, uma ‘Terra Nova’, desabitada. Essa terra deve abranger um território muito extenso, cujo solo tenha uma boa estrutura para desenvolver uma avançada agricultura de precisão e cujo clima seja ameno, sem temperaturas extremas. A região deve ser fácil de ser protegida. O prazo de execução de cada uma dessas ações corresponderá à duração do transcorrer do ciclo de quatro estações. É esta a decisão do GranCA. Execute-se!”

A partir daquele momento o Conselho de Caciques da grande nação Chá Avante mexeu todas as peças necessárias para concretizar a decisão. Em poucos dias tudo estava preparado, inclusive uma grande festa com a participação do povo. Os diferentes grupos e forças-tarefa estavam prontos para cumprir sua missão, sob a bênção do povo. Após o almoço festivo, os defensores das fronteiras das terras se apresentaram uniformizados, armados e treinados. Ao ouvirem novamente a missão que lhes cabia e receberem a bênção do povo por meio do cacique-mor, partiram em marcha acelerada, sob aplausos calorosos, para os seus postos de defesa.

O grupo escolhido para produzir alimentos num esforço concentrado recebeu do cacique-mor, como símbolo de sua missão, uma mão cheia de sementes de diversas espécies. Por último apresentou-se a Força-Tarefa Bandeirantes, na qual residia a maior esperança. Cada um recebeu, como símbolo de sua missão, uma borduna do cacique-mor. Sob os aplausos do povo também a Força-Tarefa Bandeirantes, dividida em subgrupos, partiu para todos os quadrantes. A festa foi encerrada e a vida do povo Chá-Avante retomou seu ritmo normal. À noite, as pessoas recolhidas no aconchego do lar, deixaram seus pensamentos vagarem com seus familiares ou amigos que haviam recebido aquelas missões.

Na medida em que o prazo final para o retorno dos grupos da Força Tarefa Bandeirantes se aproximava, as expectativas, a curiosidade e a angústia aumentavam. Será

que eles encontraram um bom lugar para nosso povo viver em paz e amor? Muitos “será que ...” permaneceram no ar.

Ainda faltavam duas luas cheias para terminar o prazo, mas os primeiros dois sub-grupos, os que tinham ido para o sul e o sudoeste, retornaram. Foi o sinal para que o cacique-mor ordenasse a remontagem da grande tenda no centro da grande Praça Central e convocou o GranCA. Em tempo recorde tudo foi remontado. Os jovens atendentes estavam a postos e o Conselho dos Anciãos entrou novamente em clausura.

Os grupos da Força Tarefa Bandeirantes foram convidados a entrar na grande tenda e apresentar um minucioso relatório de tudo o que encontraram e viram. O processo durou quase um quadrante de lua. Na medida em que os demais grupos chegavam, foi seguido o mesmo ritual. Aos poucos começou a se desenhar diante dos membros do Conselho de Anciãos um colorido quadro sobre o mundo. Muitos dos membros pensavam que já conheciam tudo o que existia. Tiveram que mudar de opinião e chegaram à conclusão que a terra era bem maior do que imaginavam, mais complexa e com infundáveis diferenças. Na medida em que os grupos retornavam e apresentavam seus relatórios minuciosos, aumentava a complexidade para tomar uma decisão sobre a Terra Nova para a tribo Chá-Avante.

O prazo para o retorno de todos os subgrupos estava se esgotando. Na manhã do último dia, o GranCA mandou fazer uma verificação se todos já haviam retornado. Constatou-se que faltava apenas um grupo, o que tinha tomado o rumo para o nordeste. Os familiares e também os anciãos começaram a se preocupar. O que será que aconteceu? O grupo se perdeu? O grupo foi atacado e dizimado por salteadores ou inimigos? Por que eles estão perdendo o prazo? Os anciãos decidiram aguardar até o pôr do sol. O tempo passava, o sol se inclinava e a preocupação aumentava. A população da tribo estava toda reunida na grande Praça Central. Os olhos de todos oscilavam entre o portão de entrada e a altura do sol. Nas mãos já não

tinham mais unhas para roer. A preocupação chegou ao máximo. E então, finalmente, o grupo que faltava apontou no grande portão. Aos poucos, todos eles, um por um, até o último que veio mancando, entraram. Cansados, mas com um grande brilho no rosto, que substituiu a luz do sol poente. O Conselho dos Anciãos os dispensou para descansarem durante a noite e solicitou a presença deles na grande tenda ao despontar dos primeiros raios do sol do próximo dia.

Conforme a convocação dos anciãos, à luz do amanhecer, todos estavam diante da grande tenda, e a cortina se abriu para a entrada do último grupo apresentar seu relatório diante dos anciãos. Todos entraram. Um dia se passou e ainda permaneciam dentro do local. Dois dias e nada da cortina se mexer. Passaram-se três dias e nenhuma reação. Só no final do quarto dia a cortina se abriu e o grupo foi dispensado. O chefe dos anciãos comunicou que eles ficariam em clausura até chegarem a uma conclusão definitiva – e a cortina novamente se fechou.

O GranCA não tinha prazo para concluir a tarefa. Todos os membros da tribo foram aos seus trabalhos e retomaram suas tarefas. A vida, mesmo que passageira naquele lugar e nesse mundo, continuou. Não era e nunca foi da índole dos Chá-Avante deixar passar o dia de sol a sol ou o tempo de lua a lua. A vida precisa ser construída, a felicidade precisa ser buscada, a paz e o amor se tem como se não a tivesse.

E o tempo passou. Já estava para se concluir a segunda lua quando, no momento em que o sol estava a pino, a cortina da grande tenda finalmente se abriu e o chefe dos anciãos, acompanhado por todos os demais, inclusive os jovens que os serviam, apareceu na Grande Praça Central. Estava pronto para anunciar as conclusões. Imediatamente o cacique mandou acender a FM e rufar os tambores para convocar todos os membros da tribo e tomarem conhecimento de seu novo destino.

A MIGRAÇÃO CONTINUA - I

Em pouco tempo todos estavam reunidos e a autoridade anunciou: "O processo, ao qual foi dado início há quinze luas, finalmente chegou ao fim. Encerra-se um período, uma etapa, uma caminhada de nossa tribo Chá-Avante. Estamos no limiar de uma nova era. Agora começa uma nova época. Anuncio oficialmente que, neste momento, a Tribo-Chá Avante terá a chance de uma vida totalmente diferente. Apesar de termos aqui, onde residimos, uma terra fértil com um clima agradável, apesar de termos crescido e reencontrado o nosso objetivo, não podemos mais viver aqui o nosso amor na plenitude da paz. Nós vamos nos mudar daqui! Vamos migrar. Vamos para uma Terra Nova! Seguiremos em direção a um grande vazio demográfico, onde há terra suficiente para que possamos nos expandir muitas vezes mais; onde há os mais diferentes climas; onde há grandes rios com muita água, mas onde há também regiões áridas e secas; intermináveis planícies e montanhas inacessíveis. Teremos tudo o que for necessário para uma vida em paz e amor! Declaro que nesse momento inicia a organização e execução do grande projeto Êxodo! A missão do Grande Conselho dos Anciões está concluída e agora inicia a etapa da execução de suas decisões. Avante, tribo, Avante!"

Aplausos de toda a tribo ressoaram pelo local e o povo gritou de alegria, pulou e festejou. Foi o último carnaval naquela grande Praça Central. A celebração foi madrugada a dentro e muitos saudaram, ali mesmo, o nascer do sol. Mas aquele também seria, por muito tempo, o último festejo da tribo Chá-Avante. Agora começava a difícil, demorada e desgastante etapa de mudança e transferência para a Terra Nova.

O Conselho de Administração, sob a coordenação do cacique-mor, entrou em reunião permanente para organizar todas as etapas e prever todas as dificuldades do Êxodo. Qual seria o grupo incumbido de carregar os mantimentos durante a longa jornada? Quais as sementes a serem levadas? Quantas paradas devem ser programadas para o longo percurso? Como passar pelos territórios de tribos guerreiras? Como atravessar os caudalosos rios? É possível estagná-los e quem teria o poder e a força para isso? Quanto tempo a tribo vai levar até finalmente chegar ao destino?

As perguntas e dúvidas eram inúmeras e muitas ainda estavam sem respostas. Mas, mesmo diante da enorme dificuldade, ninguém cogitou, em momento nenhum, de desistir. Todos ainda tinham muita energia oriunda das árvores avante dos primórdios da tribo e, principalmente, tinham suficiente massa cefálica desenvolvida a partir do grande estoque de proteína no lago Etocha.

O *Conselho de Caciques - CoCa* confiou na força e na inteligência dos membros da tribo. Fixaram o dia e a hora da partida para a manhã do primeiro dia após a próxima lua nova. Depois de muito trabalho o dia chegou e no despontar do primeiro raio de sol o cacique mandou acender pela última vez a FM e rufar os tambores. O Êxodo finalmente se iniciava! Mesmo com os olhos cheios de lágrimas, todos olharam para frente com os corações cheios de esperança. Iniciou-se uma longa e exaustiva jornada. Muitos dos que partiram não chegariam a ver a Terra Nova. Muitos dos que chegariam nasceriam durante o percurso migratório.

A frente da grande coluna de migrantes, os sacerdotes carregavam a velha e vistosa imagem do Svantevit. Era ele que, com suas quatro faces olhava para frente, para o futuro promissor, vigiava protetoramente os flancos e, olhando para trás, inspirando confiança e ânimo a todo o povo Chá-Avante que o seguia cheio de esperança.

De outros momentos da história sabe-se que nenhuma mudança é simples. Tem tantos fatores físicos e emocionais,

objetivos e imaginários, reais e abstratos que podem interferir durante o percurso. Pensemos, por exemplo, nos barquinhos com os quais os primeiros portugueses, a partir de 1500, se aventuraram para o Brasil. Pensemos nos "transatlânticos", com os quais os primeiros alemães, italianos e poloneses, a partir de 1824, chegaram ao nosso país. Não é só uma questão de tamanho do barco ou navio. Mas também havia sempre a dúvida do que levar para essa jornada sem volta. Em termos de roupa – imaginam os casacões contra o frio que nossos antepassados europeus trouxeram para este clima tropical! Assim, os Chá-Avante também precisavam saber quais as sementes e mudas que iriam se adaptar naquela Terra Nova. A duração das viagens era outro problema. Quantos meses os barquinhos dos portugueses levaram para que finalmente pudesse ser dado o grito ‘terra à vista’? E os imigrantes, quantas semanas levavam os transatlânticos até chegarem a algum porto brasileiro? Quantos dos que partiram não sobreviveram a travessia e tiveram que ser sepultados nas profundezas das águas do Oceano Atlântico? Mas também houve muitos milagres da vida durante a travessia.

As famílias de sulistas, por exemplo, que mudaram para o vale do Araguaia no Mato Grosso, lá nos idos de 1972, levaram uma infinidade de objetos para a nova região. De mala e cuia, sementes de todos os tipos, mudas de árvores frutíferas, ramas de mandioca, cana de açúcar, além de todos os equipamentos agrícolas, inclusive carroça, ferramentas de marcenaria caseira, utensílios domésticos, artigos de cama, mesa e banho, documentos pessoais da família, fotos e lembranças, além de animais domésticos como porcos, ovelhas, galinhas, patos, gansos, gatos e cachorros, além de tudo o mais que estava nas muitas caixas, sacos e cestas da mudança. Tudo isso e mais o marido, a esposa e todos os filhos - que não eram poucos - amontoados num caminhãozinho tipo F 4000. Uma viagem de aproximadamente 2.500 km por estradas ainda não asfaltadas,

poderia durar até oito dias. Os pernoites eram em postos de gasolina e a família dormia nos caminhões.

As mudanças hoje podem até ser um pouco mais confortáveis, mas há sempre a mesma preocupação e expectativa. E se atualmente ainda é um processo difícil e carregado de muitas emoções, imagina como era o deslocamento de uma tribo com milhares de membros, para uma terra nova muito distante, por uma região desconhecida onde não havia estrada nem caminho; onde não havia passagens nem pontes sobre os rios; onde não havia ‘posto de gasolina’ para passar a noite.

A tribo Chá-Avante, a caminho, foi abrindo a estrada. E encontrou inúmeros obstáculos pela frente. O primeiro foi um ensolarado, arenoso e interminável deserto. Como alcançar o outro lado do deserto com as muitas crianças que mal sabiam caminhar? Ou os idosos que, fatigados pela idade e pelo calor, caminhavam arrastando os pés? Como levar as toneladas de alimentos e todas as sementes até o outro lado?

Uma operação de guerra foi articulada, caminhos e estradas alternativas foram buscados, tentativas fracassadas tiveram que ser abortadas. Depois de quase trinta luas, o primeiro obstáculo tinha sido vencido, mas não sem o custo de vítimas. Depois de mais uma longa jornada a tribo estava diante do próximo desafio: uma região habitada por inúmeras tribos guerreiras. Essas tribos, enquanto não tinham inimigo ou alvo externo, guerreavam entre si pela supremacia. Mas quando os Chá-Avante chegaram com o simples objetivo de passar pela região, deixando o mínimo de rasto possível, foram atacados. E agora, o que fazer? Voltar? Enfrentar os que se colocaram no caminho, que dispunha de um armamento muito melhor e que eram melhor treinados na arte de guerrear e matar? Sobrou uma alternativa: negociar. A primeira exigência era que a tribo poderia passar, mas teria que deixar pra trás tudo o que carregava.

As negociações não foram fáceis e duraram tempo até demais. Finalmente, chegaram a um acordo: A tribo foi

obrigada a pagar um "pedágio", que representou em dois terços dos mantimentos e cinquenta por cento das sementes. Assim, extremamente fragilizada, continuaram a travessia pela região dos piratas e logo se encontraram diante de uma nova situação desconhecida: uma mata densa, fechada e alta. O estoque de alimentos estava tão reduzido que a tribo teve que fazer uma parada estratégica para plantar e repor o estoque. O Conselho de Caciques decidiu que ficariam ali mesmo, às margens da mata, por um período mais longo para recuperar as forças, os estoques de alimentos e ter tempo para explorar e pensar estratégias sobre qual seria a melhor passagem pela região da mata. O período se estendeu por mais de sessenta luas.

Na medida em que a tribo Chá-Avante ia avançando pela floresta, encontrava obstáculos pela frente e superava-os com mais ou menos dificuldade. O número de luas que a mudança levava foi bem além do calculado, já que os obstáculos eram imprevisíveis e suas dificuldades incalculáveis. Até que, num determinado dia, depois de mais de quinhentas luas, ou seja, quase 40 anos depois, quando a tribo acabara de transpor uma enorme cordilheira, o cacique-mor mais uma vez ordenou que acendessem a FM, tocassem as trombetas e rufassem os tambores e anunciou: "Terra Nova à vista!"

A tribo Chá-Avante havia chegado ao seu objetivo. Estava diante de uma vasta região desabitada, cercada ao Sul e ao Oeste por cordilheiras, desertos e outros obstáculos naturais, ao Norte pelo gelo e frio permanente e ao Leste pelo oceano. "É aqui que a incansável, destemida e resoluta, mas também calma e pacífica tribo Chá-Avante vai se estabelecer definitivamente e construir a grande nação de paz e amor", proclamou o Cacique Mor.

Ele ordenou que a população se acomodasse e descansasse por uma lua, enquanto o Conselho de Caciques elaborasse um plano de ocupação ordenada da região. Para o CoCa foram dias de intenso trabalho, discussão e

planejamento. Para a execução de cada uma das diferentes atividades criaram-se, novamente, forças-tarefa. A força-tarefa demarcatória ficou encarregada de dividir, demarcar e designar um lote de terras para cada família, em módulos de 24 porções de terra. A força tarefa-agrícola escolheria as melhores terras para o plantio das primeiras lavouras. Já a força-tarefa urbana teria que definir o melhor lugar para a construção da cidade no alto de uma colina que poderia ser facilmente defendida em caso de ataque e a principal de todas, a força-tarefa da educação e formação. Outra importante força-tarefa foi a das relações exteriores, que recebeu a incumbência de manter um relacionamento pacífico com os povos vizinhos. Além dessas, foram criadas muitas outras forças-tarefa com a função de cuidar de detalhes da vida social, do trabalho e da produção. Os sacerdotes receberam a incumbência de construir um vistoso templo com um bonito altar para o deus Svantevit. Enquanto os líderes da tribo trabalhavam arduamente, o povo festava. Foi o início de um novo crescimento demográfico da tribo Chá-Avante.

Depois de muitos milhares de anos, encontramos a nação Chá-Avante ocupando todo o território que hoje é conhecido como China. Nesse meio tempo aquele povo tinha construído uma grande muralha, com mais de seis mil quilômetros de extensão, para se defender de eventuais invasores, que ficou conhecida como a *Muralha da China*, sobre a qual a Gertrud, a Edit e eu caminhamos em 2006. Na ocasião eu também observei de perto o ser e o viver do povo chinês. Estou convicto de que ele mantém fortes traços e característica dos princípios básicos da tribo Chá-Avante. É um povo que sabe se alegrar com o pouco que tem, um povo que sabe ser feliz no simples encontro e convívio, que sabe receber o estrangeiro com um sorriso no rosto mesmo não entendendo uma só palavra do que ele diz. É um povo que sabe viver na plenitude os princípios da paz e do amor.

Naquele momento tudo estava - ou pelo menos parecia - muito tranquilo e a tribo vivia um período de plena

prosperidade. O Conselho de Caciques – CoCa - mantinha uma administração pública com um mínimo de funcionários. Eles trabalhavam no mesmo ritmo de qualquer outro membro da tribo e não tinham privilégios. Os impostos eram baixos, apenas o necessário para manter o bem-estar da população; uma guarda estava também montada dentro dos limites necessários da defesa das divisas da região; o estoque de alimentos era suficiente para enfrentar no mínimo dois anos de intempéries ou qualquer outro desastre; a tribo Chá-Avante crescia e vivia em paz e amor. Tinha tudo para assim viver milhares de anos.

Porém, no decorrer dos séculos, a vida desse povo já estabelecido nem sempre foi uma permanente tranquilidade. Parece ser instinto da espécie humana necessitar intervalos de insatisfação e perturbação. Além de outros momentos perturbadores ocorreu, no decorrer da trajetória desse povo, há aproximadamente 40 mil anos, um evento que ficou marcado para sempre em sua história.

A POLITIZAÇÃO DA HUMANIDADE

Justamente no auge da prosperidade é que nasceram rumores de insatisfação e instabilidade política. Inicialmente era um grupo pequeno. O Cacique Mor não deu muita importância. Isso foi um erro. Mal que não se corta pela raiz tende a crescer e se expandir. A insatisfação dos com-terra, com-teto, com-emprego, com-barriga-cheia, intelectuais e artistas aumentou. Falava-se de igualdade, dos espoliados e explorados, dos ricos que tiravam dos pobres, do "nós" e "eles". Quem não se comove com tal discurso? Os que têm a visão de uma função social da terra, os que sabem que o bem-estar econômico depende do conhecimento e do empenho no trabalho, os que sabem que não existe almoço de graça, não se

deixaram influenciar com tal discurso. Mas sempre tem os que caem na conversa mole os que querem ter sem conquistar, querem poder em proveito próprio, querem almoçar às custas dos que trabalham.

O movimento da *Socialização do Capital dos Outros (SOCO)* aumentou entre os que estavam com o futuro garantido, entre filhinhos de papai rico, que se aposentavam com uma gorda mesada, entre intelectuais que não queriam nada com nada e principalmente entre os ambiciosos por poder sobre o povo, sem terem mérito para isso. Falava-se em revolução, tomada de poder e outras coisas. O Cacique-Mor convocou o Conselho de Caciques - CoCa, que se reuniu por cinco dias. Ao despontar do sol no sexto dia o chefe ordenou o que era de praxe: "Acendam a FM e rufam os tambores!". Em pouco tempo o povo estava reunido na grande Praça Central e foi anunciado: "O Conselho de Caciques resolveu e decidiu, analisando minuciosamente a situação de nossa Tribo Chá-Avante a partir da *cláusula pétrea* de nossa constituição, onde diz que a convivência em paz e amor é o princípio básico e constatamos:

1) A grande maioria da população está absolutamente satisfeita e concorda com a orientação do *CoCa* em relação à economia, à saúde, à educação, ao trabalho que proporciona a plena vida de paz e amor. Além de pequenas correções não há nada a mudar.

2) Há um pequeno grupo de membros da tribo que não quer colaborar com a manutenção de nossa paz e amor. Pregam a discórdia. A esses o Conselho de Caciques determina: a) que abandonam as idéias e iniciativas que perturbam a paz e o amor e se sujeitam aos princípios da constituição; b) ou que abandonam, no prazo de dez dias, o território de nossa tribo. Quem for flagrado, a partir desse momento, incitando discórdia e intriga, será conduzido coercitivamente para além da grande muralha. Todos os membros de nossa tribo têm a tarefa de serem vigias e guardiões de nossa constituição."

A festa do movimento da *Socialização do Capital dos Outros (SOCO)* acabou. E agora, o que fazer? A ordem foi clara: Abandonar ou mudar. Aos que caiu a ficha e viram que estavam sendo enganados por um grupo contrário à ordem constitucional se apresentaram diante da tribo, confessaram suas culpas, pediram perdão pelo malfeito e prometeram lealdade ao princípio da cláusula pétreia da constituição. A outra parte juntou os trapos e se mandou. Em grupo foram para o norte – local desconhecido! A paz e o amor voltaram a reinar na majestosa tribo Chá-Avante.

O INÍCIO DA INDUSTRIALIZAÇÃO

A tribo Chá-Avante continuou crescendo em número de habitantes, bem como em todas as áreas do conhecimento. Houve avanços consideráveis, principalmente na domesticação de cavalos, usados pelos membros do Conselho no deslocamento pelo vasto território e para a movimentação de tropas de defesa ao longo das fronteiras. Na região da Caxemira, a criação de ovelhas foi expandida consideravelmente. Elas não só serviram como uma das mais importantes fontes de proteína, mas também o pelego servia como proteção contra o frio. Centro de Pesquisa foi desenvolvida uma refinada técnica de fiação e tecelagem da lã. Os habitantes da grande nação Chá-Avante foram os primeiros a usar largos vestidos rodados e largas calças de caxemira.

Essas técnicas de tecelagem foram roubadas pelos ingleses no século XIX e a cidade de Leeds, no médio norte da Inglaterra, foi transformada no grande centro de produção do tecido, que se tornou conhecido no mundo todo como a "caxemira inglesa". Nos anos quarenta e cinquenta do século passado era questão de prestígio usar no casamento um terno

de caxemira inglesa. Meu pai tinha um desses para ir aos cultos aos domingos de manhã. Nas altas rodas sociais, ou se usava terno de linho, ou de caxemira inglesa. Era também o terno dos políticos.

Mais ao centro do grande território da tribo, nas várzeas ao longo dos grandes rios, eram cultivados vários tipos de cereais e legumes, principalmente o trigo, cujas sementes trouxeram das terras donde emigraram há milhares de anos e o arroz, que passou a ser a base da alimentação da tribo. Eventualmente, como reminiscência inconsciente das árvores avante, dos primórdios da tribo, cultivaram inúmeras espécies de árvores frutíferas. Dentre elas, uma em especial: a amora. A Enciclopédia Livre Wikipédia resume: "*Amora – Morus alba, Moraceae, árvore mono ou dióica, nativa da China. Fruta de origem asiática que se adaptou muito bem no Brasil, assim como tantas outras, ela rodou o mundo*". E veja o que diz outra pesquisa no Google: "*Você já tomou chá de folhas de amora? É uma delícia e exatamente por isso ele está sendo cada vez mais consumido pelas pessoas que gostam de cuidar da saúde. As propriedades medicinais contidas nele vão desde o alívio do desconforto vindo da menopausa, até o combate forte ao colesterol alto. Esse chá chama atenção também por ter vários benefícios principalmente para a saúde da mulher*".

Os membros da tribo Chá-Avante, ao pesquisarem as propriedades e os benefícios das folhas e dos frutos, lhes veio à mente o paladar do chá daquela outra árvore tão venerada em tempos longínquos. Eles passaram a cultivar a amora em toda a região. Seu fruto é agradável de comer e de sua folha se faz um chá gostoso e saudável. E assim a tribo cresceu e se desenvolveu revivendo antigos usos e costumes.

Mas a amoreira traz consigo mais uma outra qualidade. Ela é o habitat do bicho-da-seda. Inicialmente visto pelos habitantes da tribo como uma praga difícil de combater, que comia as folhas da amoreira. Os proto-cientistas se botaram a pesquisar o assunto e descobriram que o casulo da

larva poderia ser usado na produção de fios de seda. O bicho-da-seda alimenta-se exclusivamente de folhas da amoreira durante a fase de larva. Ao fim de um período de pouco mais de um mês, a larva torna-se amarelada e começa a segregar um fio que usa para formar o casulo no qual se dará a metamorfose para o estado adulto até virar mariposa. Esse casulo é a matéria prima para a fabricação da seda. Segundo a Wikipédia, essas mariposas que produzem a seda foram domesticadas há cerca de 3.000 anos a.C. e por isso não conseguem mais sobreviver em ambiente natural. Vivem apenas criadas pelo ser humano de quem dependem para serem alimentadas e não conseguem voar. As suas asas atrofiaram nesses séculos de domesticação. Existem atualmente mais de 400 espécies e hoje inúmeros cientistas trabalham na sua preservação para, por meio de cruzamentos específicos, buscar melhores híbridos para a produção de seda.

Foi a tribo Chá Avante que, há mais de 3.000 a.C., começou com a criação do bicho-da-seda? Foram os Chá-Avante que descobriram como desfiar o casulo e obter o fio de seda? Foram eles que desenvolveram os primeiros teares, há mais de 3.000 a.C. e fabricaram o primeiro lenço de seda, que hoje ornamenta o pescoço das madames? Creio que sim! Ainda de acordo com a Wikipédia, *"no passado remoto os chineses aprenderam a fabricar seda a partir da fibra branca dos casulos dos bichos-da-seda. Só os chineses sabiam como fabricá-la e mantiveram esse segredo muito bem guardado. Quando fizeram contato com as cidades do Ocidente, encontraram pessoas dispostas a pagar muito caro pelo produto"*.

Foram esses tecidos de seda e o tecido de caxemira da lã de ovelha que deram à tribo Chá Avante uma nova perspectiva. Depois que a linha de produção destes tecidos estava bem montada, desde a criação da ovelha e a plantação de amoreiras da espécie que os bichos-da-seda mais gostavam, até a composição química de tintas não desbotáveis

e a mistura das mais diferentes cores, culminando com a técnica de tingimento e secagem, as peças de tecido se amontoavam. Os técnicos se apressaram em registrar a patente de toda a linha de produção da seda e da caxemira. A tribo toda, principalmente as mulheres, aderiu à delicadeza dos vestidos, das blusas e até das peças íntimas, bem como lenços, xales e todo o tipo de adereços de seda em cores vivas e alegres. Os homens, por sua vez, passaram a usar elegantes trajes de caxemira.

A notícia sobre a forma elegante, delicada e atraente da tribo Chá-Avante se vestir correu o mundo, que entrou em alvoroço. As mulheres e os homens de outras tribos e de outros continentes também queriam se vestir bem, também queriam vestidos de seda e trajes de caxemira. Viajantes que conseguiam comprar ou furtar uma peça se tornaram atração em suas terras. A curiosidade tomou conta de todos. Não faltou quem tentou copiar os conhecimentos e roubar a tecnologia.

O COMÉRCIO INTERNACIONAL

A tribo Chá-Avante notou o grande interesse que o mundo tinha pela seda e a caxemira e essa era a oportunidade que não podia perder. Descobriu os benefícios da exportação e do comércio internacional. Mas o território dos Chá-Avante estava longe, muito longe de tudo e de todos. Para chegar a qualquer outro povo ou nação tinha que superar enormes distâncias e muitos empecilhos: rios caudalosos, cordilheiras, desertos, matas densas e, principalmente salteadores e piratas. No entanto, os Chá Avante aprenderam a enfrentar todos os obstáculos e superar todas as dificuldades. Implantaram a infraestrutura de estradas de exportação de seda e caxemira da Ásia para a Europa. Os comerciantes formavam caravanas a

cavalo e a camelo, acompanhados por batedores bem treinados e armados até os dentes, de forma que não era qualquer grupo de salteadores que conseguiria assaltá-los. O movimento naquela estrada tornou-se intenso à medida que as mulheres e os homens europeus desejavam cada vez mais e mais tecidos de seda e de caxemira.

Essa estrada tornou-se conhecida como a Rota da Seda. A Wikipédia detalha: *“Era uma série de rotas interligadas através da Ásia do Sul, usadas no comércio da seda entre o Oriente e a Europa. ... Estas rotas não só foram significativas para o desenvolvimento e florescimento de grandes civilizações, como o Egito Antigo, a Mesopotâmia, a China, a Pérsia, a Índia e até Roma, mas também ajudaram a fundamentar o início do mundo moderno. ... Muitas caravanas já seguiram essa rota antiga desde 200 anos a.C. A rota da seda continental dividia-se em rotas do Norte e do Sul, devido à presença de centros comerciais nessas regiões da China. A rota Norte atravessa o Leste Europeu (os mercadores criaram algumas cidades na Bulgária), a península da Criméia, o mar Negro, o mar de Mármara, chegando aos Bálcãs e, por fim, a Veneza.”*

Uma observação nesse texto me despertou a curiosidade: *“... criaram algumas cidades na Bulgária, chegando aos Bálcãs e por fim, a Veneza”*. Mas o que exatamente ocorreu? Ora, com esse vai e vem dos comerciantes de seda, dos soldados que acompanhavam as caravanas, muitos membros da tribo Chá-Avante não mais retornaram para sua pátria. Eles se fixaram na região dos Bálcãs. Acontece, porém, que essa não era uma região desabitada. A terra era habitada por tribos eslavas, que já viviam na região por muitos anos. Os eslavos era um povo pacífico, com princípios semelhantes aos da tribo Chá Avante, e assim se entenderam com facilidade e passaram a conviver e a se miscigenar. Com o passar das gerações os Chá-Avante, como grupo étnico, e as tribos eslavas se integraram e o

espírito da vivência em paz e amor passou a ser a cláusula pétrea de todos.

De uma coisa, porém, os descendentes dos Chá-Avante não abriram mão: a adoração a seu deus. Eles encarregaram os melhores escultores para fazer réplicas da imagem do deus Svantevit. Em todas as cidades e vilas foi construído um templo majestoso com altar para o deus de quatro faces que protege o povo.

Em meados do primeiro milênio da era cristã, em torno do ano 500 d.C., a região estava toda ocupada. As terras dos Bálcãs já estavam ficando pequenas para tanta gente. Tinha chegado o momento de, novamente, procurar uma Terra Nova, para onde o excedente da população pudesse emigrar e construir um novo lar. Grupos excedentes seguiram para o norte, chegando a uma extensa região de um vazio demográfico na costa sul do mar Báltico.

Segundo a enciclopédia online, *“os povos eslavos surgem inclusos na conjuntura das grandes migrações de povos. Primeiramente estavam localizados em extensas porções de terra entre as florestas e o Mar Negro. Após esse período inicial, começaram ondas migratórias que conduziram os eslavos para o litoral dos mares Adriático, Egeu e Báltico, e em direção aos Alpes. No período compreendido entre os séculos IV e VI d.C., esses povos constituíram pequenos estados nos territórios que hoje abrangem a Eslovênia, a Sérvia, a República Tcheca, Polônia e, entre outras, parte da Alemanha”*.

Inúmeros grupos eslavos, miscigenados com o povo Chá-Avante, migraram para o norte e ocuparam uma vasta região ao longo da costa Sul do mar Báltico. Ali implantaram uma agricultura de precisão, fornecendo cereais até para a França; implantaram uma indústria rudimentar de armas de defesa, de implementos agrícolas e de outros utensílios domésticos. Construíram cidades fortificadas e com o templo do deus Svantevit na praça central e organizaram estados e escolheram seus príncipes e reis.

Enquanto o povo eslavo-chá-avantense cresce em habitantes, em conhecimento, em influência e importância no nordeste da Alemanha, vamos dar uma olhada no que aconteceu com o grupo que tinha sido expulso pelos Chá Avante, devido às idéias pouco republicanas. Os adeptos do movimento da *Socialização do Capital dos Outros – SOCO*, que tinham migrado para o norte da terra dos Chá Avante, para a região mais fria.

A MIGRAÇÃO CONTINUA - II

O movimento da '*Socialização do Capital dos Outros (SOCO)*' se esvaziou por falta de 'outros com capital'. Como eles tinham levado consigo algumas peles para construir acampamentos e pelegos, estavam razoavelmente protegidos do frio. Não tinham mais terra para habitar e cultivar, não tinham mais objetivo ou perspectiva – tornaram-se andarilhos que ficaram vagando por um imenso vazio demográfico numa região extremamente fria. Além deles não havia outra alma humana na região. Apenas alguns animais adaptados ao clima e espécies limitadas de plantas. Aquele renegado e abandonado grupo de pessoas esquentava-se correndo atrás da caça, cuja carne lhes servia de alimento e as peles de vestimenta. Assim viviam de lua a lua e levavam a vida. Uma grande diferença em relação ao passado, quando se vestiam com tecidos de seda e caxemira. Passaram-se anos, ou milhares deles.

Na correria sem rumo atrás do alimento acabaram indo cada vez mais longe. Um dia desses se deram conta que estavam numa nova região. Assim sem querer, sem procurar, sem imaginar, descobriram um Novo Continente. Uma terra que bem mais tarde recebeu a denominação de "Américas".

Esses vagantes sem rumo, sem-teto e sem-terra encontraram uma terra sem fim. Faltava apenas a vontade de querer usar aquele espaço, ou seja, trabalhar. No fundo eles já estavam meio desanimados dessa vida de ócio, vida sem eira e sem beira. Afinal, a tentativa de continuar o movimento da Socialização do Capital dos Outros (SOCO) foi frustrante.

Assim, aos poucos, como quem não quer nada com nada, começaram a organizar a vida no novo continente. Migraram mais para o sul, afastando-se da região de frio intenso. Ultrapassaram também a região do frio menos intenso e procuraram uma região de clima ameno. Bom para viver, cultivar a terra, bom para criar animais, para crescer e se desenvolver. E eles cresceram muito, se transformaram numa grande nação próspera, desenvolvida e, principalmente, pacífica. E formaram a primeira grande nação em terras americanas que ficou conhecida como a nação 'Navajo'.

Mas e daí? O que isso tem a ver com a tribo Chá-Avante, cuja história está sendo estudada e pesquisada? Em primeiro lugar, o parentesco sanguíneo. Os Navajo são descendentes diretos da tribo Chá-Avante, mesmo remotamente. Mesmo que eles outrora haviam sido expulsos do convívio com a tribo da paz e do amor, por defenderem ideologias contrárias, fluía nas veias dos habitantes do Novo Continente o sangue da tribo protagonista desta estória.

Quando estes nômades chegaram às Américas e se tornarem agricultores e pecuaristas, construindo aldeias e elaborando normas de convivência, eles também adotaram como cláusula pétrea o princípio do paz e amor. As reminiscências inconscientes voltaram ao consciente? Esse princípio estaria codificado no DNA da tribo? Seja como for, os Navajo têm tudo a ver com os Chá-Avante!

Mas por que e de onde o nome "Navajo"? Não sei. Não encontrei nenhuma explicação. Também não sei seu significado. É um nome que acharam bonito e pronto. Mas há uma curiosidade, que pode ser mera coincidência. O primeiro avião bimotor pressurizado que o Norberto comprou para o

trabalho na colonização do vale do Araguaia, foi do modelo 'Navajo'. Há nisso algum sinal de interligação com os dois momentos de colonização das Américas? Creio que nunca saberemos.

O fato é que a tribo Navajo se tornou muito conhecida e respeitada. Cresceu em técnicas agrícolas e de pecuária, adquiriu grandes conhecimentos gerais e, principalmente, expandiu-se demograficamente. O território ocupado por eles botava gente pelo ladrão. Foi aí que os caciques da tribo sentiram a necessidade de reunir a população com a proposta de "migração voluntária". Perguntas simples motivaram os aventureiros. "Quem da tribo está disposto a procurar um novo território, numa nova região que servirá para formar uma nova nação? Quem está disposto a participar da procura de uma 'Terra Nova'?". Não foram poucos que se dispuseram! Num primeiro momento até parecia que a maioria queria enfrentar a aventura. E isso serviu como um aviso aos caciques de que algo na sua administração poderia não estar bem.

Foi marcado o primeiro dia da próxima lua cheia como o dia D. Bem cedo, ao despontar dos primeiros raios do sol, milhares de membros da tribo estavam a postos com mala e cuia e os filhos. O Cacique-Mor mandou acender a FM, tocar as trombetas e rufar os tambores e começaram as despedidas com muitos abraços, bênçãos, lágrimas nos olhos, mas também com muita esperança no coração.

Nenhuma partida definitiva é fácil. Há muitos relatos da grande saudade que sentem, tantos os que ficam, como os que partem. Para muitos a saudade é passageira, esquecem na medida em que os novos desafios começam a ocupar a mente. Permanecem apenas as lembranças. Mas também há saudades que duram a vida toda. Há relatos de pessoas que, tomados pela saudade, foram definhando até a morte. Os pais da Edit, por exemplo, contaram que a bisavó Prade morreu de saudades. Ela não conseguiu se sentir em casa na nova pátria

e as lembranças do país de origem e dos parentes que ficaram e que nunca mais poderia ver a levaram à morte.

Os Navajo partiram rumo ao desconhecido e, assim, naturalmente deixaram de pertencer àquela tribo. Mas, afinal, onde se estabeleceram? Apesar de todas as pesquisas *estóricas* não consegui localizá-los em nenhum lugar específico. Alguns etimologistas afirmam que o termo "méxico" é derivado do termo Navajo. Teriam eles fundado a nova colônia do México ou Novo México? Ou são eles precursores dos "maia" ou dos "inca"? Provavelmente nunca saberemos. Na história de períodos mais remotos das tribos nas Américas não encontramos nenhum indício convincente a respeito de qual delas poderia ser descendente dos navajos, descendente da Tribo Chá-Avante. Só encontramos vestígios daquela tribo oriunda da África no período mais recente da história do Brasil. Ou seja, historicamente falando, há bem pouco tempo, bem depois do descobrimento do Brasil. Os bandeirantes, que a partir de São Paulo chegaram a Goiás à procura de ouro, pedras preciosas e desbravando terras desconhecidas, retornaram relatando de uma tribo indígena denominada *Xavante*.

A partir do século XVIII, as terras do Estado de Goiás foram ocupadas por garimpeiros de diamantes e ouro. Cidades surgiram em torno desses garimpos, como por exemplo a antiga capital de Goiás, a cidade de Goiás, hoje conhecida como Goiás Velho. Agricultores e criadores de gado ocuparam as terras da tribo Xavante. Como é um povo pacífico, os Xavante não enfrentaram os agricultores e pecuaristas, mas se retiraram para além do rio Araguaia. Lá foram demarcadas várias reservas indígenas, como as reservas de São Marcos, Parabubure, Areões e Pimentel Babosa, onde ainda hoje vivem e convivem em paz e amor com os demais moradores da região.

CONCLUINDO ESTE CAPÍTULO

Assim, tendo acompanhado a fictícia *estória* dos Chá-Avante desde os seus primórdios do desenvolvimento do *Homo Sapiens*, no decorrer dos milênios de sua existência e pelas andanças por esse mundo, encontramos finalmente fortes vestígios de que uma parte da tribo se encontrava, na virada do primeiro para o segundo milênio da era cristã, no norte da Alemanha, miscigenada com povos eslavos. A outra parte da tribo se encontrava, na época dos bandeirantes, por volta do ano de 1.700 da era cristã, no Centro-Oeste do Brasil, mais precisamente no vale do rio Araguaia e Rio das Mortes.

Encontramos um fio vermelho que transpassa todas as gerações, desde os Chá-Avante na África até os eslavos no nordeste da Alemanha e os Xavante no Mato Grosso, a permanente busca por um ideal em comum. Sabemos que os membros de toda e qualquer tribo mundo a fora têm sua origem nos tempos remotos das terras distantes da África. É a partir de lá que somos todos irmãos. É a partir de lá que está fixada em nossa memória, em nosso DNA, a cláusula pétrea da paz e do amor.

Com essa constatação concluímos nossa longa e exaustiva pesquisa fictícia, durante a qual tivemos que buscar lá no fundo do cérebro toda a imaginação possível.

Agora, no ...

SEGUNDO CAPÍTULO OU OS SCHWANZ, SCHWANTS SCHWANTES NA POMERÂNIA

... vamos buscar em livros e documentos a real história dos Schwantes no mundo.

Vasculhando vestígios e fatos iremos buscar a verdadeira história de nossos antepassados, os **Schwantes**. A tribo Xavante do Vale do Araguaia, no Mato Grosso, vive no Continente Americano já há 40 ou 50 mil anos (deixemos os historiadores definir o tempo exato). Mas a história dos Schwantes é bem mais recente e mais fácil de ser estudada. Então, que tal descobriremos juntos onde eles surgem na história? Onde e como viveram? O que fizeram? Me acompanhe nessa jornada na busca das origens e das raízes da família Schwantes na história e no mundo e assim desvendar como viemos parar nesta terra abençoada pela divindade Svantevit!

OS ESLAVOS NO NORTE DA ALEMANHA

No final do primeiro milênio da era cristã, por volta de 900 d.C., tribos eslavas, emigradas da região dos Bálcãs, tinham ocupado as matas e terras agrícolas do norte da Alemanha, entre Berlim, o mar Báltico e de Schwerin até a divisa com a Rússia, região conhecida como Prússia. Os eslavos se organizaram em estados e principados regionais. Eles construíram cidades, fortificações e templos para sua divindade, o deus Svantevit. O maior templo do Svantevit se encontrava na ilha de Rügen, no mar Báltico.

Mesmo que não tenham se organizado como nação, com um governo central (imperador ou rei), ofereciam resistência a qualquer invasor ou inimigo. Eles desenvolveram uma agricultura de resultados e industrializaram suas próprias armas de defesa e ferramentas agrícolas. Nos idos do ano 1000 d.C. os eslavos do norte da Alemanha já tinham uma forte influência comercial – principalmente commodities agrícolas – em toda a região, e forneciam cereais para a Alemanha Central, França e outros países emergentes da época.

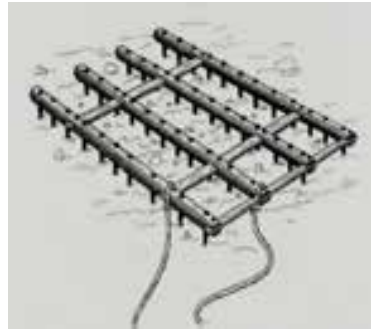


Aldeia eslava do ano 1.000 d.C. com uma fortificação no meio do lago, típico para os eslavos daquela época e o templo do Svantevit.

Nas escavações das antigas aldeias foram encontrado ferramentas agrícolas desenvolvidas pelos eslavos. Os imigrantes alemães trouxeram estas ferramentas 800 anos depois para o Brasil.



Ferramentas agrícola



Grade niveladora

Naquele período os príncipes e reis alemães iniciaram um movimento de expansão de seus principados e reinos, empurrando suas fronteiras para cima dos estados vizinhos. Foi quando os expansionistas viram nos territórios do norte, militarmente pouco desenvolvidos e ocupados pelos eslavos, uma região perfeita para ser invadida, ocupada e dominada. Por volta do ano de 1050 o processo de ocupação e dominação das terras dos eslavos já estava praticamente concluído. Os eslavos, porém, não foram expulsos. Os reis e príncipes alemães levaram para a região agricultores e artesões alemães e os distribuíram por toda a região habitada pelos eslavos. A integração funcionou eficazmente. Em poucas décadas não se falava mais dos eslavos, mas de alemães descendentes daqueles povos e, depois de mais algumas décadas, todos os habitantes da região eram conhecidos apenas como alemães.

O que antes era conhecido como a terra dos eslavos, passou a pertencer a principados sob o domínio dos reinos alemães. Como consequência, aspectos sociais foram

modificados. Após certa resistência, os eslavos acabaram aderindo à língua e à cultura alemã, bem como ao cristianismo. Abandonaram o seu deus Svantevit e foram batizados - voluntariamente ou a força - em nome do Deus cristão. Mesmo assim eles conservaram suas técnicas de produção agrícola e de fabricação de ferramentas e armas, incorporada na cultura germânica.

A região do norte da Alemanha se tornou um dos principais produtores de cereais. Após a introdução da batata no cardápio europeu, o local também passou a ter grande influência na produção do tubérculo. De acordo com a Wikipédia, *“por volta de 1770, a maior parte da Europa era devastada por ondas de fome, e o valor da batata como uma segurança alimentar foi reconhecido. O Rei Frederico II da Prússia ordenou o plantio de batatas como segurança no caso de uma quebra de safra dos cereais”*. Sabe-se que a batata é um ótimo alimento para soldados em períodos de guerra. Ela se conserva por um bom tempo e é fácil para transportar e cozinhar em grande quantia.

Assim esses neófitos alemães produziram alimentos, construíram cidades que se tornaram importantes centros de transformação de produtos agrícolas, de comércio local, regional e de exportação e importação. As cidades estavam ligadas à poderosa organização comercial denominada "Hansa". Com o passar das décadas e séculos, a população cresceu e ocupou toda a região. Apesar de todo o desenvolvimento, graves problemas sociais ficaram sem solução. Aliás, o desenvolvimento trouxe consigo ainda mais distorções. No início do século XIX, encontramos na região a estrutura social dos feudos com seus vassalos.

O BRASIL EM EVIDÊNCIA

No início do século de 1900 o Brasil começou a aparecer entre as nações do mundo. No dia 28 de janeiro de 1808, em Salvador, Dom João de Bragança, o príncipe-regente de Portugal, decretou a abertura dos portos brasileiros às nações amigas. Foi um acontecimento da mais alta importância, já que sem a abertura dos portos brasileiros para outras nações os Schwantes não teriam vindo para o Brasil. Até então, somente navios portugueses podiam atracar nos portos brasileiros e só era permitida a entrada de lusitanos, além de escravos africanos nas terras tupiniquins. Com o decreto da abertura dos portos o Brasil finalmente estava aberto para receber imigrantes de outras nacionalidades.

Durante o período de imigração, que se estende por todo o século XIX, chegaram imigrantes europeus ao Brasil. Conforme a Wikipédia, *“Em 1818, o Rei D. João VI, interessado em intensificar a colonização do interior do Brasil, baixou um decreto que autorizava o agente do Cantão de Friburgo, na Suíça, a estabelecer uma colônia de cem famílias na Fazenda do Morro Queimado, no Distrito de Cantagalo, no norte do Estado do Rio de Janeiro. A colônia foi batizada pelos suíços de Nova Friburgo, em homenagem à cidade de Freiburg, de onde partiu a maioria das famílias suíças”*. O século XIX foi marcado por uma intensa emigração de europeus para diferentes partes do mundo. Entre 1816 e 1850, em torno de 5 milhões de pessoas deixaram a Europa.

Os imigrantes alemães tinham boa educação, cultura e formação profissional. Mas classes empobrecidas estavam à procura de um lugar ao sol sob o aspecto econômico. Esses imigrantes se adaptaram rapidamente ao Brasil e se integraram com a população brasileira descendente de portugueses. Porém não abdicaram de seus usos e costumes e de sua cultura. Eles influenciaram com os traços da cultura

rural da Europa Central o desenvolvimento da agricultura brasileira. Os alemães também tiveram grande participação no processo da urbanização e da industrialização do Brasil, bem como na introdução de traços tipicamente alemães na arquitetura das cidades do sul do país. **Dentre os milhares de imigrantes, vieram também, nos anos de 1858 e 1859, algumas famílias Schwantes.**

Mas, quando, de onde e como emigraram os Schwantes para o Brasil? De que locais saíram e onde se instalaram? Muitas perguntas me vieram à mente, para as quais eu precisava encontrar respostas convincentes e comprovadas. E, de mais a mais, tem uma pergunta que precisa ser respondida antes de tudo: Afinal, quem são os Schwantes?

Começando pelo nome é preciso esclarecer que *Schwantes* não é uma palavra tipicamente alemã. Ela é bem diferente do que *Schmidt*, *Schuster*, *Schreiner*, *Becker*, *Müller* e tantas outras. A palavra começa com o típico “*Schw*” alemão e, de fato, soa como uma palavra germânica. Mas aquele “*es*” no final não tem nada a ver com a língua alemã. É um típico ‘parece mas não é’. É o quê, então?

A DIVINDADE SVANTEVIT

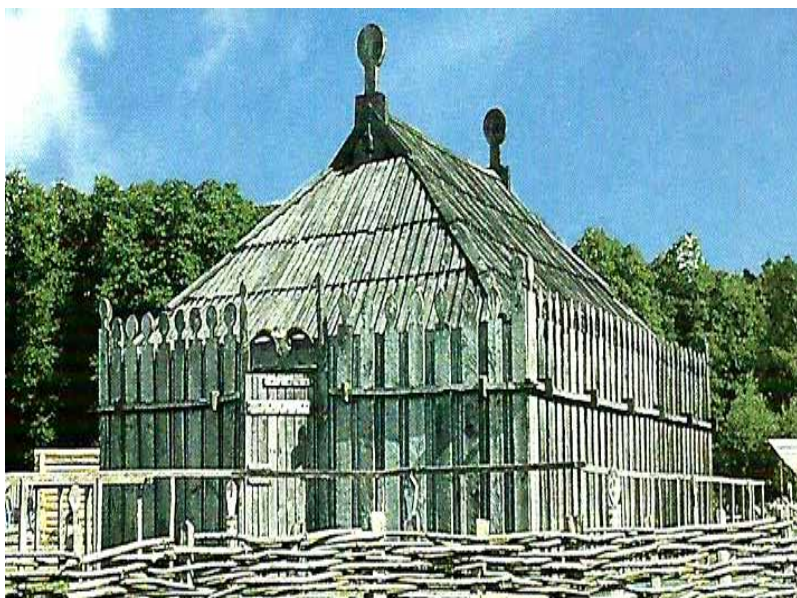
Durante muito tempo essa pergunta me perseguiu. De repente, naquelas coincidências da vida, o irmão da Edit, o Edgar Prade me envia uma cópia da página de um ‘Dicionário Alemão de Nomes’ de Hans Balow (*Deutsches Namenlexikon, Hans Balow*) com o verbete *Schwantes*, que dizia:

- **Schwantes, Schwantus:** "*zu slaw. Swantoslaw; vgl. Swantke 1348 Brsl. (swant- 'heilig', vgl. die slaw. Gottheit Swantewit/Rügen)*". Tradução: Em eslavo Swantoslaw; compare Swantke 1348. "Svant" significa "santo" e "slaw" significa "divindade" Svantevit/Rügen.

Svantevit, uma divindade do povo eslavo. Nosso nome tem origem eslava e é derivado do nome da divindade eslava Svantevit!? Isso significa que, se não somos divinos, somos descendentes dos sacerdotes do deus Svantevit? Por outro lado se pode concluir que os Schwantes, pelo menos a partir do nome, não são descendentes dos germânicos, mas têm suas origens nos povos eslavos, que emigraram dos Bálcãs.

Recebi essa cópia do dicionário de nomes em meados de 1995, quando a Edit e eu estávamos de malas prontas para viajar para o norte da Alemanha, região da Pomerânia Ocidental no Mar Báltico, para visitar amigos. Esses amigos nos levaram a um museu ao ar livre de escavações e reconstruções de um povoado eslavo de mil anos atrás, localizado em Gross Raden, na região de Schwerin. Para mim, um aficionado em história, era um passeio fantástico. Além de algumas casas, também o templo de uma divindade eslava fora reconstruído. Perguntei ao meu amigo qual o nome do deus ali adorado. "Svantevit", respondeu ele. Aquilo me atingiu como um raio. Correu um frio pela espinha e por um momento fiquei paralisado. Será mesmo que eu estou dentro do templo da divindade à qual meus antepassados remotos serviram como sacerdotes?!

Vi meu passado como um filme em curtíssima metragem passar diante de meus olhos. Constatei que não é nenhuma fantasia ou fértil imaginação que meus antepassados possam ter pertencido a uma família de sacerdotes da divindade Svantevit.



Reconstrução do templo da divindade Svantevit.



A Edit e eu em Gross Raden na frente do templo do deus Svantevit. (Foto: Edio)



Réplica da escultura do deus Svantevit

Mas que deus é esse, afinal? Qual sua função, quais seus princípios? A divindade Svantevit era um dos mais importantes deuses dos eslavos e protegia seu povo de todos os inimigos e adversidades. Com suas quatro faces Svantevit vigiava todos os lados. Mas era também o deus da colheita. Ele abençoava o trabalho dos eslavos e regava as plantações para que a safra fosse farta. Além disso, Svantevit protegia os comerciantes e viajantes. O excedente da colheita era o produto de troca que os eslavos levavam às cidades e trocavam por tudo que necessitavam. Durante essas viagens, o deus Svantevit protegia os viajantes contra intempéries, contratempos e assaltantes. Svantevit era o grande protetor do povo eslavo, um deus da paz e do amor!

E desta divindade Svantevit, que traz paz e amor a seu povo, os Schwantes, na sua origem, eram sacerdotes?! Em todo o caso nosso sobrenome é derivado do nome desta divindade. Isso significa que os Schwantes não são descendentes do povo germânico, mas têm suas origens nos povos eslavos, que emigraram dos Bálcãs. Sou um curioso e

sempre procura tirar as dúvidas. Sou realmente um descendente da etnia eslava que se integrou ao povo alemão e que hoje é um dos inúmeros grupos étnicos que forma o povo brasileiro? É fácil desvendar este mistério. É só mandar analisar o DNA. É o que eu fiz.

MEU DNA MOSTRA AS ORIGENS E AS MISCIGENAÇÕES ÉTNICAS



O DNA de Edio Schwantes, elaborado em fins de 2019.

Recolhi algumas células da boca e do nariz e as mandei para o instituto nos Estados Unidos que extrai o DNA e o compara com outros mundo a fora e indica onde há a maior incidência de DNAs semelhantes. O meu DNA deu em cima do que eu suspeitava. Sou descendente do povo eslavo e de outros povos miscigenados da região dos Bálcãs, que abrange países como Romênia, Hungria, Bulgária, Croácia e Polônia e alguns traços da Finlândia, Noruega e Reino Unido, miscigenado com germânicos, que no início do segundo milênio da era cristã, foram levados para a Pomerânia. A miscigenação de todos estes povos e etnias formou os pomeranos, dos quais os Schwantes são um grupo representativo.

OS SCHWANTES

E assim voltamos às perguntas: quando e de onde os Schwantes emigraram? Esse “quando e de onde” está registrado em documentos que, quase por milagre, caíram em minhas mãos. Eu os guardo no cofre – a única coisa que não tem nesse cofre é dinheiro. São os originais dos documentos de batismo, de casamento e de emigração (Passaporte) dos Schwantes que saíram da Alemanha. O tio Arlindo, irmão do pai, recebeu esses papéis de um sobrinho da família que foi criado e educado por seu tio Johann. Em 1985 o tio Arlindo encaminhou estes documentos ao Norberto, juntamente com uma carta escrita em alemão, à qual transcrevo traduzida por mim:

“Marechal C. Rondon, 13/05/1985

Querido sobrinho Norberto e família,

Como hoje é um dia especial para nós brasileiros, 13 de maio, o dia de nossa libertação (da escravidão), aproveito a

ocasião como bom trabalhador brasileiro para lhe escrever algumas novidades. Norberto está viajando, mas certamente aparecerá novamente. Desejo que tudo esteja normal com vocês, em todos os casos melhor do que aqui em casa. Minha esposa tem novamente problemas com os nervos, que de vez em quando duram meses. Até agora nenhum médico conseguiu constatar se realmente só são os nervos. Numa ocasião dessas, nós fizemos uma consulta com um para-psicólogo em São Paulo, no qual a gente podia confiar. Eu só não consigo explicar bem, o que eu entendi da consulta. É um líquido na cabeça que baixa no corpo e dura muito tempo para subir novamente e quando sobe, sobe demais; por exemplo, quando ela ganha aquela depressão, ela não quer ver ninguém, totalmente sem ânimo, sem vontade para nada e quando sobe novamente, ela quer derrubar tudo e, pelo que o para-psicólogo explicou, ainda não existe uma cura total. Por aqui já estivemos em todos os médicos, também em Porto Alegre, mas tudo foi em vão.

E agora o que interessa ao Norberto: há semanas um amigo me mandou estes documentos, um sobrinho do senhor que educou e criou meu tio Johann. O tio e a tia já faleceram há tempo e o sobrinho estava guardando estes documentos. É um passaporte, uma certidão de casamento e mais um certificado para passaporte. Norberto, tua impressão estava certa, o Christian Schwants é meu bisavô, o primeiro a imigrar. O passaporte foi assinado em 9 de setembro de 1857 e seu filho, meu avô, emigrou um ano mais tarde para o Brasil, pois eu recebi um livro do Prefeito de Nova Petrópolis, em que eu pude verificar como foi.

Ninguém sabia que meu bisavô também veio para o Brasil e porque nosso nome nem é Schwantes mas Schwants. Ninguém imaginou que aquele Christian Schwants pudesse ser meu bisavô; meu pai tinha três anos quando o seu avô Christian Schwants faleceu e provavelmente ninguém falou mais tarde com ele sobre isso, até que de repente, Norberto e Arlindo se interessaram por isso. Minha bisavó era a

Dorothea Luise Lüdke de Neukirchen, Pomerânia. Ela nasceu no dia 18/06/1801 e imigrou no ano de 1858 no Brasil. E meu Avô, Christian Friedrich Gottlieb Ferdinand, veio um ano mais tarde, em 1859. Só por parte da minha mãe a gente sabe muito pouco, do pessoal dos Bier.

Norberto, estes antigos papéis estão à sua disposição. Para nós eu já fiz uma cópia e minha família não se interessa por isso tanto quanto você e eu. Provavelmente estarei em breve de partida, então uma cópia é suficiente para mim; nos papéis até se encontra um lacre, e uma cola vermelha ainda está nos papéis. O papel está amarelado, mas as letras ainda estão bem normais, só que a gente precisa estudar muito até descobrir o que tudo significa, são expressões que aqui e hoje não se ouve mais.

Assim, quando você passar por aqui novamente, pode levar os papéis. A Jena ainda hoje escreve de nossa viagem para Erechim, coisa melhor você não pode fazer naquela ocasião, do que convidá-la para dar uma olhada lá, onde nós moramos há 60 anos.

Até lá, e até você vier novamente!

Um grande abraço também para a família

Despede-se o seu tio Arlindo

Observação escrita à mão: As suas fotos nós recebemos.

Muito obrigado: senhor “Schwants”

Na margem da carta o Norberto escreveu a próprio punho: *Edio – família*. Ele me deu todos esses documentos quando já estava doente, com a recomendação: *“Cuida disso e trabalha com isso!”*

UMA MISSÃO DIFÍCIL, MAS IMPORTANTE

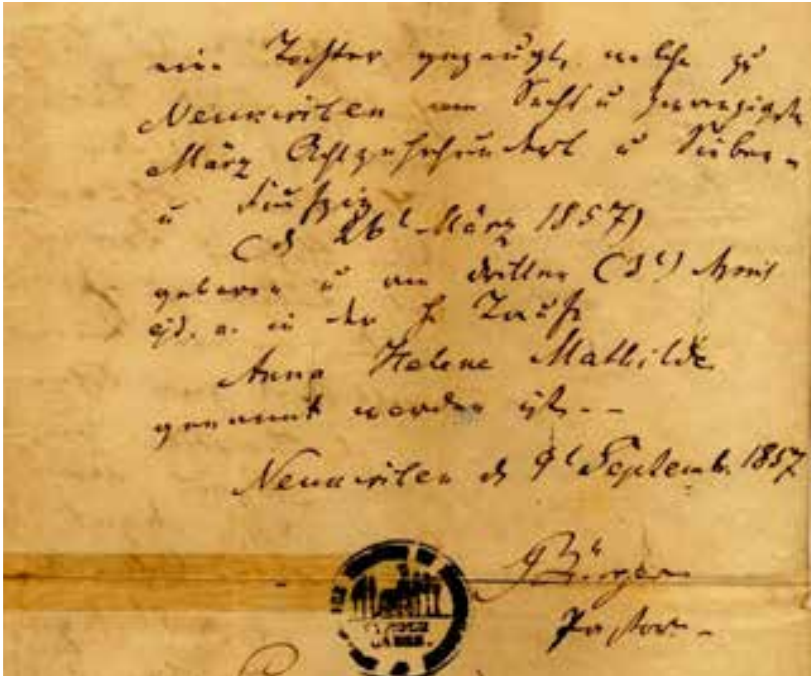
Eu estava com essa batata quente nas mãos, sabendo que não seria uma tarefa fácil, pois eu nada entendia de estudo e pesquisa sobre antepassados. Mas sem pestanejar, aceitei o desafio do Norberto. A primeira coisa que fiz foi guardar todos os documentos no cofre. Em meados da década de 90, comecei a ler e estudar o assunto e compilei os primeiros dados a partir dos documentos e outras informações que fui buscando com a mãe e parentes mais idosos. Foi um trabalho bem rústico, mas era o começo.

Na época, a Edit e eu começamos a viajar um pouco pelo mundo e fomo, adquirindo conhecimentos gerais sobre a história da humanidade e da própria família. A curiosidade pelas próprias origens começou a despertar em mim. Reuni coragem e tirei os documentos de emigração dos antepassados do cofre. E de cara enfrentei o primeiro problema: Os documentos estavam escritos em um alemão de 150 anos atrás e com letras góticas. Comecei a decifrar o que lá estava escrito, mas em muitos casos simplesmente empaquei. Busquei ajuda com quem tem mais conhecimento na área, a Gertrud. Ela me ajudou a superar o primeiro obstáculo. Descobri que um trabalho, que parecia enfadonho, pode ser muito interessante e desafiante. Dão uma olhada nestes velhos documentos que ficaram bem conservados por todos estes anos. Confiram também vocês o que neles consta e descubram quem, quando e de onde emigraram nossos antepassados. Os documentos abaixo referem-se a dois filhos, famílias e netos do casal de patriarcas imigrantes Christian Friedrich Schwantes e Dorothea Louise nasc. Lüdtkke, que imigraram em 1859.

2) **Christian Friedrich Gottlieb Ferdinand**, nascido aos dezesseis de fevereiro de um mil oitocentos e trinta e quatro (16/02/1834).

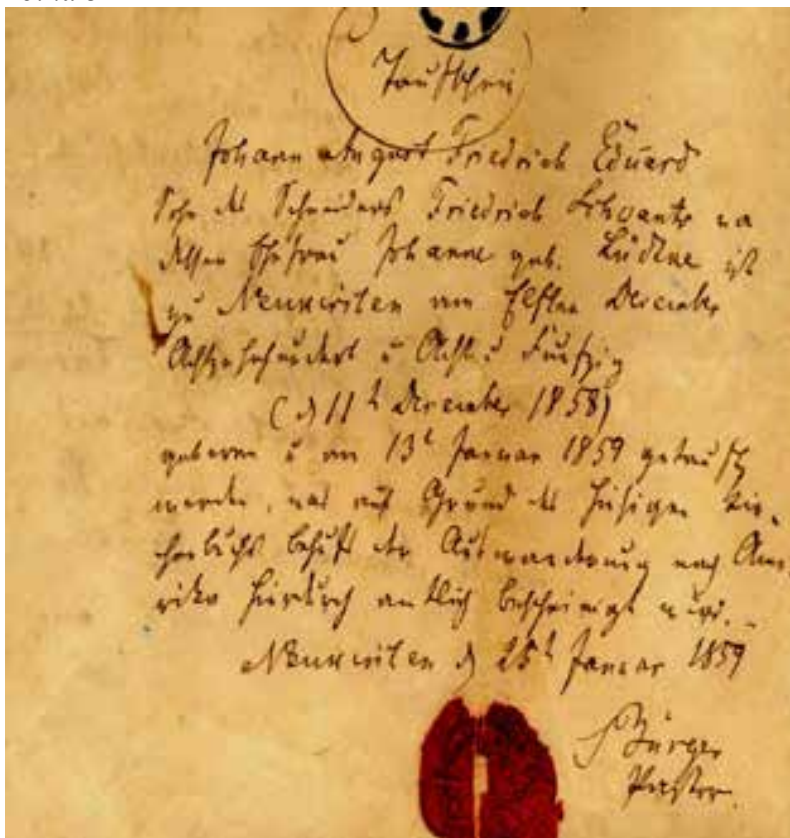
O primeiro desses filhos, o alfaiate **Christian Friedrich August Ferdinand Schwants**, tem seu matrimônio com **Johanne nasc. Lüdtke.**”

Folha 2



Tradução – “...e uma filha nascida em Neukirchen no dia vinte e seis de março de mil oitocentos e cinquenta e sete (26/03/1857) e batizada a três de abril com o nome de Anna Helena Mathilde.

Neukirchen, 9 de setembro de 1857,
J. Bürger, Pastor”



Handwritten text in German, likely a baptismal certificate. The text is written in cursive and includes the name of the child, the parents, the date of birth, and the date of baptism. A circular stamp is visible at the top, and a red wax seal is at the bottom.

Yan 1859

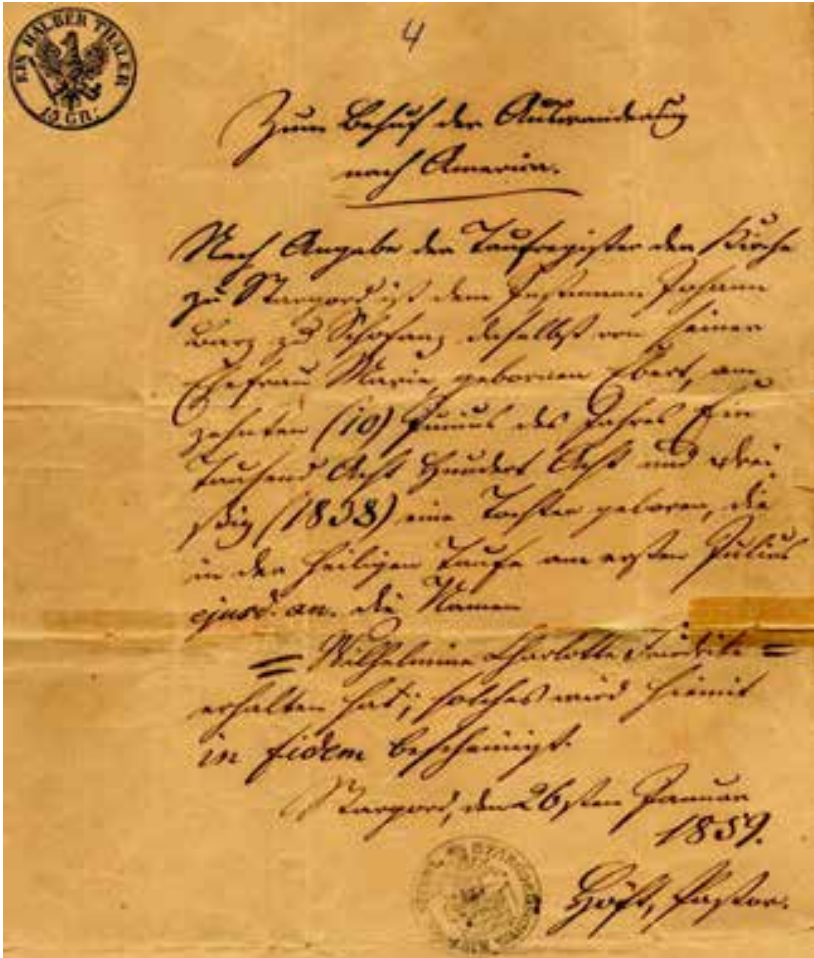
Johann August Friedrich Eduard
Sohn des Altfaiers Friedrich Schwants und
seiner Ehefrau Johanne geb. Lüdtke ist
in Neukirchen am 11ten Decemb.
Christlich getauft in d. Pfar. Lüdtke
(d. 11ten Decemb. 1858)
wobei er am 13ten Januar 1859 getauft
wurde, und auf Grund des kirchlichen
Büchels d. Pfar. Lüdtke am 13ten
Januar 1859 in d. Pfar. Lüdtke
Neukirchen d. 13ten Januar 1859

J. Bürger
Pastor.

Tradução – “Certidão de Batismo de Johann August Friedrich Eduard, filho do alfaiate Friedrich Schwants e sua esposa Johanne nasc. Lüdtke nasceu em Neukirchen, no dia onze de dezembro de mil oitocentos e cinquenta e oito (11/12/1858) e batizado no dia treze de janeiro de 1859, de acordo com o livro eclesiástico daqui, atestando por meio deste oficialmente para fins de emigração para a América.

Neukirchen, 25 de janeiro de 1859

J. Bürger, Pastor”



Tradução – “Para fins de emigração para a América: De acordo com anotações no Registro de Batismo da igreja de Stargord, nasceu a filha de Jussmann Johann Barz, de Schofanz, e sua esposa Marie nasc. Ebert, a dez de junho de mil oitocentos e trinta e oito (1838), a qual recebeu no santo batismo a primeiro de julho do mesmo ano o nome de Wilhelmine Charlotte Friedrike. E, por ser verdade, atesto.

Stargord, 26 de janeiro de 1859,
Höft, Pastor”.

3

(Schwantsch)

Acto publico do casamento celebrado
em 18 de março de 1859, na igreja
de Neukirchen, entre o alfaiate e músico
Ferdinand Gottlieb Ferdinand Schwantsch,
de Neukirchen, e a filha legítima de
Jussmann Johann Bartz,
quarta filha legítima de Jussmann
Johann Bartz, falecido em Schofanz,
a dezoito de março de um mil
oitocentos e cinquenta e nove
(18/03/1859) nesta igreja.
Neukirchen, 18 de março de 1859.

J. Bürger
Pastor

Tradução – “Certidão de Casamento: Com base nos livros eclesiásticos daqui atestamos oficialmente por meio desta, que o alfaiate e músico **Christian Friedrich Gottlieb Ferdinand Schwants**, de Neukirchen, casou-se com **Wilhelmine Charlotte Friedrike Bartz**, igualmente de Neukirchen, quarta filha legítima de Jussmann **Johann Bartz**, falecido em Schofanz, a dezoito de março de um mil oitocentos e cinquenta e nove (18/03/1859) nesta igreja. Neukirchen, 18 de março de 1859,

J. Bürger, Pastor”

À PROCURA DOS SCHWANTES NA TERRA DO SVANTEVIT

Em 2008, por ocasião de uma viagem à Europa, a Edit e eu fomos à cidade de Sartgard, na Polônia, imaginando que esta seria uma das cidades citadas nos documentos de emigração dos Schwantes (ver acima na 'folha 4', no final: "*Stargord, 26 de janeiro de 1859, Höft, Pastor.*"). Na região procuramos pelas demais vilas, nas quais residiram os antepassados. Tivemos grandes dificuldades em nos comunicar com o pessoal, pois não falamos o polonês e ali ninguém fala alemão. Os lugarejos de Neukirchen, Premslaff e Schofanz, por exemplo, citados nos documentos de emigração, receberam nomes poloneses e nós não conseguimos identificá-los no mapa. Na época a busca no Google ainda não estava na ordem do dia. O que hoje se busca em segundos, há 12 anos ainda não era possível.

Em Stargard visitamos a majestosa Igreja dedicada à Santa Maria, cuja construção iniciou no ano de 1292 e foi concluída em 1324 – há 700 anos, pouco depois dos eslavos terem aderido ao cristianismo. A igreja tem um pé direito de 30 metros de altura e é um monumento do cristianismo na Pomerânia.

Em 1534 a região da Pomerânia aderiu à reforma luterana e todas as comunidades as igrejas e os bens passaram a pertencer a Igreja Luterana. Porém, após a segunda guerra mundial, em 1945, a Pomerânia passou a fazer parte da Polônia. Toda a população alemã foi expulsa e a região foi repovoada por poloneses, que pertencem à confissão católica e assim as igrejas e demais bens das comunidades passou a pertencer novamente à Igreja Católica.

Na época de nossos antepassados, porém, a Pomerânia ainda pertencia à Alemanha e as comunidades eram luteranas. Pensei que nesta igreja de Santa Maria em Stargard nossos antepassados teriam sido batizados, confirmados, casaram e

participaram de cultos. Foi emocionante sentar nos bancos daquela igreja. Custou eu recuperar as forças para levantar e sair de lá. Eram momentos de muita emoção.



Igreja de Santa Maria em Stargard, Pomerânia. *Fotos: Edio*



A Edit e eu na praça central de Stargard, na Polônia. Fotos: Edio

Mas, a falta de experiência e conhecimento em pesquisa sobre antepassados trouxe mais dúvidas do que respostas. Uma viagem em busca do passado precisa ser melhor preparada, ainda mais para um país com costumes e língua estranha. Além disso eu ainda não me sentia suficientemente motivado e preparado para encarar a procura de minhas raízes e origens. Todo este assunto ficou por mais algum tempo em banho-maria, ficou cozinhando em fogo brando, melhor, ficou no cofre.

O tempo passou, mais algumas viagens pelo mundo a fora, mais aprendizado e, principalmente, maior interesse e curiosidade sobre as minhas origens foram me motivando a retomar a pesquisa. De onde, deste vasto mundo de Deus; de qual, dentre estas incontáveis etnias dos filhos de Deus, eu descendo? Onde estão minhas raízes? Quais são as origens da Edit? Qual a miscigenação que existe na árvore genealógica de meus filhos? Os conhecimentos e o interesse tinham crescido, até que tudo aflorou com aquela brincadeira sobre a “*Tribo Schwantes*” no WhatsApp.

EM BUSCA DO PASSADO

Através daqueles poucos e antigos documentos de emigração, assinados pelo pastor Bürger de Neukirchen, e o pastor Höft de Stargord sabemos que os Schwantes saíram de Neukirchen, na Pomerânia nos anos de 1858 e 1859 e de repente estão em Nova Petrópolis, no Rio Grande do Sul.

Provavelmente viajaram com um transatlântico movido a vapor. Mas ainda desconhecíamos todos os detalhes deste importante acontecimento dos antepassados, que determinou nossa vida. Exatamente quando e como os

Schwantes emigraram? Com que navio eles vieram para o Brasil? Em qual porto desembarcaram? Como viajaram nos trajetos intermediários?



Comecei a pesquisar e procurar respostas para as pergunta. Procurei em livros que relacionam os imigrantes. revirei livros e artigos que contam a história da imigração. Fiz mil e uma perguntas ao Google. Nada de concreto, nenhuma pista sobre a imigração dos Schwantes. Estava prestes a desistir e pedir aos parentes que participassem na tarefa de procurar os antepassado a caminho do Brasil. Resolvi, porém, interromper a redação deste livro e fazer uma última busca. Procurei, procurei, procurei e eis que...

QUEM PROCURA, ACHA

É uma velha verdade que sempre de novo se confirma. Desta vez eu dispunha de novos instrumentos de pesquisa. O Google e a Wikipédia através da internet. Procurei, procurei muito, e aos poucos fui encontrando indícios. Uma descoberta indicava o caminho para nova procura. Assim encontrei muitas informações. Vejamos:

Encontrei os atuais nomes poloneses dos lugares onde os Schwantes residiram: achei informações sobre os lugares Neukirchen, Premslaff, Stargordt e outros. Neukirchen passou a se chamar Belczna; Schofanz virou Skowyrowice; Premslaff recebeu o nome de Przemyslaw; Stargordt passou a ser Starogard e a capital da província Regenwalde recebeu a denominação de Resko.

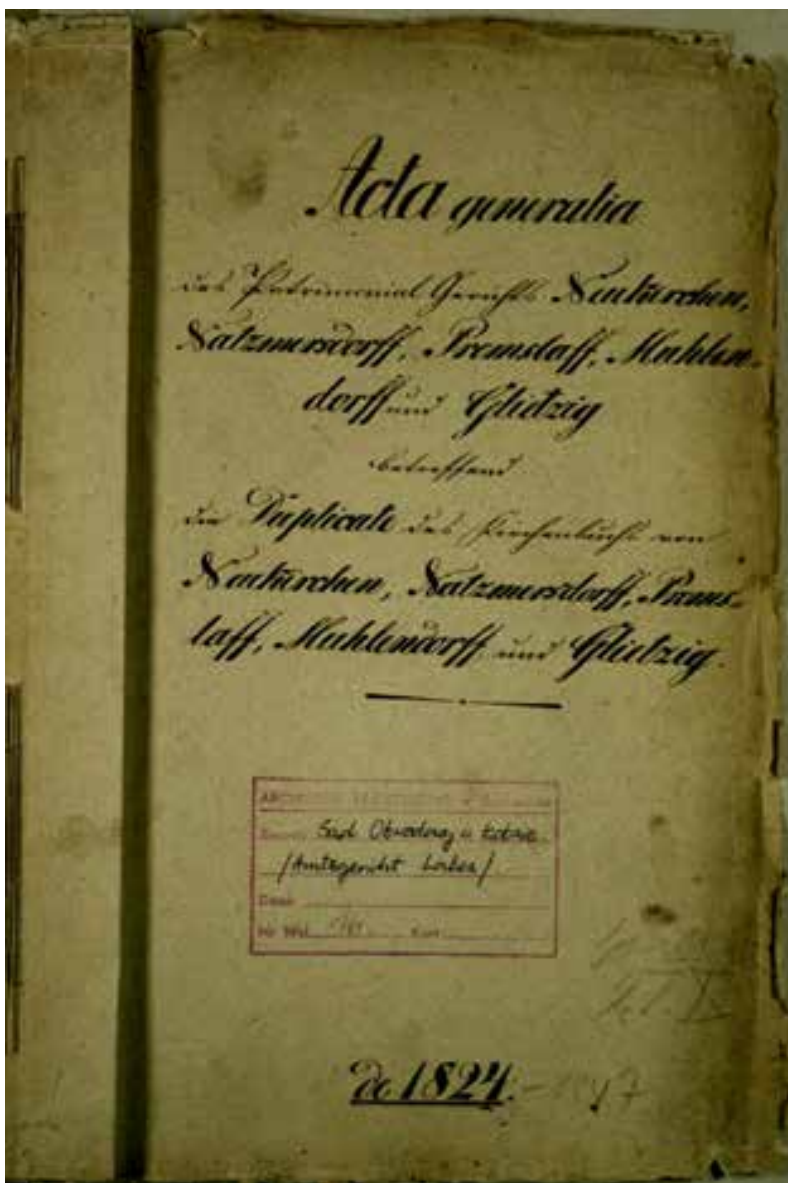
Encontrei a localização dos lugares onde os Schwantes moraram: Depois de conhecer os nomes poloneses dos lugares não era mais difícil encontrá-los no Google Maps. Mas eu tive uma surpresa que veremos mais adiante. Abaixo, a imagem da região dos antepassados com todos os lugares onde eles viveram antes de emigrarem:



Imagem do Google Earth de parte da província de Regenwalde / Resko, que abrange as vilas de Neukirchen / Belczna; Premslaff / Przemyslaw e Stargordt / Starogard:

Encontrei os registros eclesiásticos da Paróquia Luterana, de Neukirchen: Vasculhando à procura dos nomes atuais das antigas vilas onde os Schwantes moraram, encontrei o site *NeukirchenKreisRegenwalde* e assim encontrei os Livros Eclesiásticos digitalizados da Paróquia de Neukirchen: *DigitaleKirchenbuchduplikateausdenKreisenRegenwalde*).

Dois livros de registros eclesiástico de batismos, casamentos e falecimentos dos anos de 1824 a 1847 e de 1851 a 1876 da paróquia de Neukirchen. Exatamente os períodos em que os antepassados nasceram, casaram, viveram e emigraram daquela região. Nesses livros estão registrados os nomes e as datas de nascimentos, batismos, casamentos e óbitos dos antepassados. É uma rica fonte de pesquisa. Foi o achado do *'pote de ouro'* que fiz a altas horas da madrugada. De tanta emoção, custou eu adormecer naquela noite. Eis uma amostra daqueles livros digitalizados:



A capa do livro dos registros dos anos de 1824 a 1847.
Digitalização dos livros eclesiásticos das comunidades de Neukirchen (Belczna), Natzmersdorff (Nacmierz), Premzlaff (Przemyslaw), Mühlendorff (Porzadz) e Gletzig (Klepnica)

II J. Buchen

8

St. J. Buchen

- 1) Das Pflanzl. Johann Zuberlin auß dem Ort Buchen im J. 1681/82 starb die Wittwe Catharina Friederichs Tochter
in einem Alter von 67 Jahren am 11ten August 1682
und wurde den 13ten begraben.
- 2) Das Pflanzl. Johann Zuberlin auß dem Ort Buchen im J. 1681/82 starb die Wittwe
in einem Alter von 87 Jahren am 11ten August 1682
und wurde den 13ten begraben.
- 3) Das Pflanzl. Johann Zuberlin auß dem Ort Buchen im J. 1681/82 starb die Wittwe
in einem Alter von 97 Jahren am 11ten August 1682
und wurde den 13ten begraben.
- 4) Das Pflanzl. Johann Zuberlin auß dem Ort Buchen im J. 1681/82 starb die Wittwe
in einem Alter von 67 Jahren am 11ten August 1682
und wurde den 13ten begraben.
- 5) Das Pflanzl. Johann Zuberlin auß dem Ort Buchen im J. 1681/82 starb die Wittwe
in einem Alter von 67 Jahren am 11ten August 1682
und wurde den 13ten begraben.
- 6) Das Pflanzl. Johann Zuberlin auß dem Ort Buchen im J. 1681/82 starb die Wittwe
in einem Alter von 67 Jahren am 11ten August 1682
und wurde den 13ten begraben.

St. J. Buchen

1) Buchen

C. zu Mühlenhof

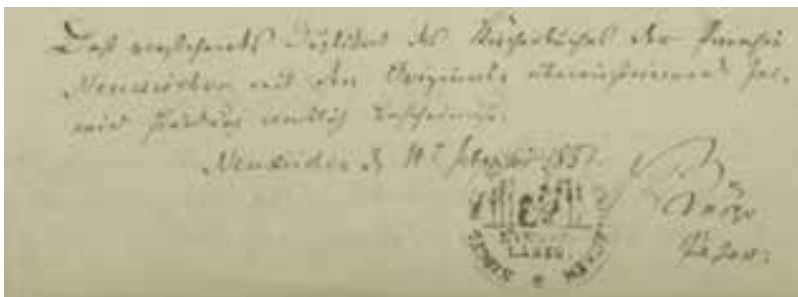
- 1) Das Pflanzl. Johann Zuberlin auß dem Ort Buchen im J. 1681/82 starb die Wittwe
in einem Alter von 67 Jahren am 11ten August 1682
und wurde den 13ten begraben.
- 2) Das Pflanzl. Johann Zuberlin auß dem Ort Buchen im J. 1681/82 starb die Wittwe
in einem Alter von 67 Jahren am 11ten August 1682
und wurde den 13ten begraben.

Como amostra a página 8 com o registro, no item 6), do falecimento de Peter Schwanz, meu pentavô.

Encontrei selos, carimbos e lacres eclesiásticos da época da emigração:



Selo do "Reino Alemão" da primeira metade do século 19.



"Cópia autêntica do livro eclesiástico da Paróquia de Neukirchen. Neukirchen aos 10 de fevereiro de 1837"



"CARIMBO DA COMUNIDADE DE NEUKIRCHEN"
BÜRGER, Pastor"



Lacre de correspondência ou documento do pastor Bürger.

Encontrei como e quando os Schwantes chegaram ao Brasil: No Google encontrei uma indicação referente ao livro sobre imigrantes “*Povoadores do Rio Grande do Sul 1857 – 1863*” (AHRS – Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, Est Edições, Porto Alegre, 2004). Oba, 1857 a 1863! Uma luz se acendeu. Justamente o período em que nossos antepassados emigraram da Alemanha! Com a esperança de que no livro encontraria as informações sobre a imigração dos Schwantes, encomendei-o imediatamente.

Encontrei fichas de cadastro dos imigrantes de Nova Petrópolis: André Luiz Hammann, um primo longínquo, já tinha feito pesquisas sobre a família Schwantes no Brasil. André pesquisou sobre os Schwanz, Schwants e Schwantes em Fichas de Cadastro que reúnem dados dos imigrantes de Nova Petrópolis. Ele me concedeu o direito de usar os dados de sua pesquisa.

Agora tenho em mãos um grande volume de informações. Haja paciência para organizar tudo isso de uma forma que nos dê um quadro completo e compreensível de nossos antepassados. Vejamos se consigo reconstruir, com base neste cipoal de dados, a história dos Schwantes no Brasil, com suas raízes na Pomerânia.

Mas agora também sei como ir e como chegar à Neukirchen/Belzyna na Pomerânia, a terra dos antepassados. Agora sei como se preparar para uma viagem à Pomerânia, mesmo não falando o polonês. Por isso vamos lá! Programei uma segunda viagem para a Pomerânia. Desta vez tomei todos os cuidados para ir ao lugar certo. Contratei um guia turístico que fala polonês e alemão. Um amigo da Alemanha, que nasceu na Pomerânia, nos acompanhou. Tudo foi organizado e preparado com muito cuidado.

Antes, porém, de contar esta viagem 'tintim por tintim' e mostrar com detalhes a terra de nossos antepassados, vou fazer um resumo da história da região. No currículo escolar de nossas escolas a história deste pedacinho do mundo não entra na grade escolar e para a maioria dos Schwantes brasileiros esta história é desconhecida, por isso quero trazer um ...

RESUMO DA HISTÓRIA DA TERRA DOS ANTEPASSADOS

A região de nossos antepassados - Pomerânia - tem uma movimentada história. Para que todos possam acompanhar os meus relatos da viagem a Neukirchen, trago um resumo dos acontecimentos principais dos dois últimos milênios:

1) Nos anos 600 dC, no primeiro milênio da era cristã diferentes tribos eslavas do sudeste da Europa, região que abrange hoje a Albânia, Bósnia, Bulgária, Montenegro, Eslovenia, Sérvia e outras, migraram para o vazio demográfico da região ao sul do mar Báltico, região que abrange hoje o nordeste da Alemanha e o norte da Polônia, território conhecido como Pomerânia.

2) Este processo de migração dos eslavos estava concluído em torno do ano 1.000 d.C., época em que reinos da Alemanha começaram a se expandir sobre as terras ocupadas pelos eslavos na Pomerânia. No início do século XII as guerras de ocupação terminaram e a região foi aberta à imigração de alemães, objetivando a germanização da região. Os eslavos não foram expulsos. Eles aderiram aos usos e costumes, à língua, à religião cristã e finalmente se miscigenaram com os imigrantes alemães. Desta miscigenação do povo eslavo e germânico nasceram os pomeranos. A terra dos eslavos passou a ser território alemão, denominada Pomerânia e incorporado à Prússia. Ela compreende uma faixa de terra que se estende ao norte da Polônia, ao longo do Mar Báltico e se prolonga Alemanha adentro na região de Mecklenburgo.

A palavra 'pomerânia' (em alemão Pommern) provém de um termo da língua eslava: '*po more*', o que significa '*no mar*', ou seja, a terra que fica no mar Báltico é a *Pomerânia* e o povo que mora nas terras '*no mar*' são os *pomeranos*.

3) As terras da Pomerânia são arenosas e planas, Muitos lagos mantém a região relativamente úmida. Mas as terras são de baixa fertilidade, de forma que a produção agrícola, que era a principal atividade dos pomeranos, era baixa. Em épocas de seca ou muita chuva a produção ficava abaixo do necessário para alimentar a população e a criação. Estes períodos de carestia certamente contribuíram para que

muitos pomeranos, no século 19, migrassem para às Américas (do norte e do sul).



Mapa do nordeste da Alemanha do período antes da 2ª guerra (antes da divisão). Em destaque em cor cinza a Pomerânia. Hoje dois terços da Pomerânia e outras áreas pertencem à Polônia.

4) A reforma luterana foi introduzida na Pomerânia em 1534, quando a região toda aderiu à confissão luterana. Em 1890 residiam na Pomerânia: 1.520.000 habitantes, 62,3% viviam em comunidades com menos de 2.000 habitantes. Entre eles 1.476.300 eram luteranos, 27.470 católicos, 4.580 pessoas de outros grupos religiosos cristãos.

5) Na Pomerânia predominava o feudalismo. Mais de 50% das terras agrícolas formavam feudos, grandes extensões de terras que os reis e governantes distribuíam aos filhos e

parentes e à militares, que se destacavam em guerras. Haviam relativamente poucos agricultores livres e donos de terras. A maioria dos agricultores eram vassalos, pessoas que recebiam uma pequena parcela de terras para uso próprio, mas tinham que trabalhar para o Senhor-das-Terras. Também esta situação fundiária na Pomerânia e em outras partes da Europa contribuíram para a emigração no século 19.

6) As várias tentativas dos governantes para extinguir o feudalismo na Pomerânia no decorrer do século 19 não surtiram efeito prático, devido a grande resistência dos Senhores-das-Terras.

7) Como a fertilidade das terras da Pomerânia era relativamente baixa e como na região ocorriam regulares secas ou excessos de chuva, a agricultura voltada ao plantio do trigo e da cevada não era a melhor opção. Regularmente faltavam alimentos para pessoas e animais. Com o objetivo de mudar esta situação o imperador Frederico II editou o *'Decreto da Batatinha'* em 1745, obrigando todos os agricultores da Pomerânia a plantar batatinhas. Este decreto não foi bem recebido pelos agricultores conservadores. Eles estavam acostumados a comer pão e não gostaram da batatinha. O imperador insistiu na sua decisão e nomeou todos os funcionários públicos como fiscais do plantio da batatinha e determinou aos pastores que convencessem os agricultores dos benefícios. Levou quase um século para que a batatinha fosse plantada em larga escala. Hoje ela continua sendo um dos principais produtos agrícolas da região, ao ponto de a batatinha receber um monumento.



8) O vida de paz e amor, que nasceu com a tribo Chá-Avante nos primórdios da humanidade, por decisão e ação de mentes humanas perturbadas, nem sempre é praticado em sua plenitude. Um período desses em que a paz e o amor foi suplantado pelo ódio e a morte, foi a época da segunda guerra mundial. Uma das consequências terríveis desta guerra foi que em 1945, após o término da guerra, os pomeranos alemães foram expulsos de dois terços do território da Pomerânia por tropas russas. Todos os alemães foram obrigados a abandonarem as cidades, terras, criações, casas e tudo o que nelas havia e se retirarem para além da nova linha divisória representada pelo rio Oder. Esta parte da Pomerânia foi

incorporada à Polônia e repovoada novamente a força por poloneses.

Por isso a região de nossos antepassados situa-se na Polônia e as cidades e lugarejos receberam nomes poloneses. Quem quer se aprofundar um pouco mais na história dos pomeranos, pode fazer uma busca na enciclopédia Wikipédia. Eu fiz esta busca e encontrei todos os lugares onde residiram os Schwantes.

OS LOCAIS DE ORIGEM DOS SCHWANTES

Depois de descobrir que Neukirchen é Belczna, que Premslaff virou Przemyslaw, Stargordt passou a ser Starogard e a capital da província Regenwalde recebeu a denominação de Resko, não foi mais difícil achar no Google Maps a localização destes lugares. Mas eis a grande surpresa: descobri que as vilas, onde os Schwantes moraram, não estão no entorno da cidade de Stargard, para onde a Edit e eu tínhamos viajado em 2008.

Devido a minha falta de atenção na leitura do documento de emigração, expedido pelo pastor Höft (folha 4 acima), interpretei a cidade de Stargordt (com ‘o’) como sendo Stargard (com ‘a’). Essa pequena troca de “o” por “a” me levou a caminhos errados. O lugarejo de Stargordt, atualmente Starogard, em torno do qual estão todas as outras vilas relacionadas nos documentos dos Schwantes, fica a mais de 70 km distante da cidade de Stargard, em cuja bela igreja dedicada à Santa Maria me emocionei. Senti emoções no lugar errado! Por isso não me resta outra coisa do que viajar novamente à Polônia e ver de perto as vilas donde emigraram meus antepassados. Agora sei para onde ir. Agora, vamos fazer uma segunda viagem à Polônia. vamos conhecer a terra dos antepassados.

A SEGUNDA VIAGEM À POMERÂNIA

A Edit e eu retornamos à Polônia, mas agora aos lugares onde os antepassados realmente viveram. Numa viagem pela Europa em junho de 2018 encaixamos 4 dias para a Polônia. Desta vez preparei a viagem com muito cuidado e antecedência nos mínimos detalhes. Eu levei cópia de todos os documentos sobre os Schwantes e providenciei um mapa do município de Regenwalde (Resko) com todos os lugares que tinham alguma relação com os Schwantes.



Convidei um amigo da Alemanha, Wolfgang Kudla, para nos acompanhar. Ele nasceu naquela região e já tinha viajado algumas vezes para a Polônia. Tudo estava preparado e muito bem preparado. Com muita expectativa e ansiedade, durante a viagem pela Europa, eu aguardava o dia da viagem para a terra dos antepassados. E o dia chegou. No norte da Alemanha, em Schwerin, embarcamos no trem para Stettin (Szczecin), cidade polonesa na divisa com a Alemanha.



Dia e hora da viagem para a Pomerânia



Destino da viagem: Estetino na Polônia



Contratei a agência de turismo *Staypoland* de Varsóvia. A diretora Anna Swiercz, que fala alemão, nos prestou todo o apoio necessário. Providenciou um guia turístico que fala alemão, o engenheiro civil aposentado Stanislaw Pilip, que nos recebeu na ferroviária de Stettin (Szczecin) e nos levou com o seu carro para Neukirchen (Belczna).



Imagem do Google da vila de Neukirchen (Belczna)
Daqui nossos patriarcas, Christian Friedrich e Dorothea
Louise Schwantes emigraram com a família para o Brasil. A

agência de turismo reservou quartos para nós na pousada *Agroturystyka*.



O recepcionista da pousada estava a minha espera.
Olhando bem até tem alguma semelhança comigo.



A pousada está instalada numa casa com mais de 300 anos, que até a expulsão dos alemães da Pomerânia em 1945, era a casa paroquial, a moradia do pastor da Paróquia Evangélica Luterana de Neukirchen. Depois que a região passou a pertencer à Polônia a casa serviu como repartição pública e escola.

Agora está instalado neste prédio histórico a pousada Agroturystyka. A proprietária soube adaptar e conservar muito bem as características do prédio. Para nós ela reservou o quarto que era o dormitório do pastor.



Nesta casa paroquial nosso patriarca Christian Friedrich Schwantes esteve no mínimo 12 vezes para registrar o nascimento de seus 12 filhos e marcar o dia do batismo, esteve 4 vezes para comunicar o falecimento de 4 de seus filhos e marcar o enterro, 8 vezes para inscrever seus filhos que sobreviveram para o ensino confirmatório. Ele esteve outras vezes nesta casa para conversar com seu pastor Bürger!



A proprietária da pousada é uma senhora simpática e gosta de conversar. Ela nos mostrou o álbum de fotografias da família do pastor Erwin Köpp, o último pastor de Neukirchen, que também foi obrigado a abandonar tudo e fugir. Ela me passou o endereço e o e-mail de um filho do pastor que ainda vive na Alemanha e que me pode dar maiores informações.



A esquerda o pastor Erwin Köpp e esposa.

A Edit e eu saímos sozinhos para fotografar a casa, na qual residiu a família de Christian Friedrich Schwantes até o dia em que saíram de casa para nunca mais voltar. Eu fotografei a casa da família porque fotografei todas as casas de Belczna. Só não sei qual é. Aliás, ninguém mais sabe qual foi a casa dos Schwantes. Abaixo, como amostra, algumas das casas da vila. Pode até ser que numa destas nossos antepassados residiram.





Aos poucos as casas estão sendo restauradas, pintadas e recebendo um aspecto de novas. Mas o guia me afirmou que todas elas são do século 19.

Belczna tem duas ruas. A principal, asfaltada e na qual passa todo o movimento e uma rua lateral, calçada com pedras irregulares do início do século 19.



Os Schwantes certamente andaram nesta rua, sobre este calçamento. Eu coloquei meus pés nos rastros dos meus antepassados, que tiveram a coragem e a ousadia para emigrar a uma terra tão distante, sem nenhuma perspectiva de retorno.



A antiga ferroviária foi construída no final do século 19, após a emigração dos antepassados. Desde o final da segunda guerra ela está desativada. É uma construção típica, como as que se encontra ao longo das ferrovias da Pomerânia.





Uma imagem deste prédio me chamou atenção:



Com nitidez se pode ler dois nomes sobrepostos: "Neukirchen", a antiga denominação da vila e sobreposto o atual nome "BELCZNA". A tinta de pouca qualidade que o tempo apagou mostra a triste realidade da população de uma vila. Este é o único sinal visível que encontrei, de que eu me encontrava realmente na antiga vila de Neukirchen, a terra natal de meus antepassados.

O único trecho de trilhos que permaneceu foi na travessia da estrada. Os demais trilhos foram aproveitados para outros fins.



Nós reservamos bastante tempo para as visitas nos cemitérios. Uma curiosidade a esse respeito: Em outros lugares da Alemanha os antigos cemitérios das vilas estão normalmente no centro, junto às igrejas. Na Pomerânia os cemitérios estão na periferia das vilas, longe, em algum fim de rua. O guia me informou que os pomeranos dos tempos remotos eram muito supersticiosos. Para não terem um desagradável encontro com algum espírito, preferiram ficar longe do cemitério.

Mas cemitérios, com ou sem espíritos, tem muita história a contar, justamente a história dos antepassados. À procura desta história fomos ao cemitério de Neukirchen/Belczna. Os cemitérios da Pomerânia polonesa tem duas partes: o cemitério novo dos poloneses e o cemitério antigo dos alemães, isto quando não estão em lugares diferentes.

O cemitério de Neukirchen está dividido em duas partes: o antigo cemitério dos alemães, um bonito e conservado gramado com uma cruz no centro e o cemitério dos poloneses.



cemitério dos alemães



cemitério dos poloneses

Como não havia mais nenhum descendente para cuidar das sepulturas, os poloneses retiraram as lápides e túmulos, mas conservam no lugar um bonito gramado com uma cruz. Foi neste lugar que prestei minhas homenagens aos meus antepassados. Porém, este cemitério não conta mais nenhuma história.

Fomos também no cemitério de Glietzig/Klepnicza, a 3 Km de Belczna. O cemitério dos alemães era fora da vila e por isso ficou abandonado. Depois dos 73 anos que os alemães foram expulsos da região, cresceu um bonito mato no antigo cemitério. Também neste cemitério foram retirado as lápides.



Como em todo a Pomerânia, também em Neukirchen predominava o regime feudal. Em Neukirchen residia um 'Senhor-da-Terra' (*Gutsherr*), que tinha seus empregados e vassalos. Em meu passeio fotográfico pela vila encontrei o complexo do Senhor-da-Terra. Um pequeno castelo num amplo pomar e uma série de grandes galpões e estrebarias. O feudalismo foi abolido já no início do século passado. Mas o castelo está bem conservado e habitado, bem como as demais instalações, que estão sendo usadas.



Residência do Senhor-da-Terra. Alojamento dos empregados.



Os antigos galpões e estrebarias do "Senhor de Neukirchen".

A pergunta com a qual eu viajei para a Pomerânia era:
- Por que nossos antepassados emigraram da Europa em desenvolvimento para o mato de uma terra distante com uma infra-estrutura mínima?

Desde a emigração dos primeiros alemães da Europa em 1824, já fazia mais de 30 anos que o Brasil estava sendo divulgado como a 'terra prometida' na Europa. Milhares de europeus, principalmente alemães e italianos já tinham migrado para o Brasil. Certamente o Brasil era tema de conversa e discussão também entre os alemães de Neukirchen há muito tempo. Os Schwantes vinham estudando e analisando as vantagens e desvantagens e a possibilidade da emigração. Mas eu não encontrei nenhum motivo específico para que eles emigrassem.

Os documentos de emigração expedidos pelo pastor Bürger trazem algumas dicas reveladoras sobre a situação econômica dos Schwantes. Ali diz: "*O primeiro desses filhos, o alfaiate Christian Friedrich August Ferdinand Schwants ...*" E no documento de emigração do meu bisavô diz: "*Com base nos livros eclesiásticos daqui atestamos oficialmente por meio desta, que o alfaiate e músico Christian Friedrich Gottlieb Ferdinand Schwants, de Neukirchen, casou-se com Wilhelmine Charlotte Friedrike Bartz, igualmente de Neukirchen ...*". Dois dos filhos dos Patriarcas eram alfaiates e um também era músico, ou seja, não eram vassalos, nem agricultores, tinham uma profissão artesanal. Tinham uma profissão com grande procura. Na época não existiam as Lojas Riachuelo ou as Casas Pernambucanas, nem shopping, onde se pudesse comprar um terno. Mas terno todos precisavam ter para ir às festas, aos casamentos e, principalmente, para a igreja, onde não se entrava sem terno e gravata.

Ser alfaiate não era coisa qualquer, nem profissão para qualquer um. Para aprender uma profissão como alfaiate ou músico tinha que se ir por dois ou três anos como aprendiz junto a um alfaiate profissional, que tinha a autorização para expedir um certificado de conclusão do curso. Isso custava e custava muito. O profissional cobrava para ensinar, além dos custos da pensão. Para poder fazer um curso desses tinha que se ter um pai com dinheiro, muito dinheiro. Nosso patriarca

não era, portanto um vassalo ou empregado do Senhor-da-Terra. Ele deve ter tido uma renda razoável. O documento de emigração dele diz: "*Com base nos livros eclesiásticos daqui, fica atestado oficialmente que o proprietário Christian Friedrich Schwantes teve ...*". Se num documento desses consta que ele era 'proprietário', então não era simples proprietário de qualquer coisa. Eu deduzo que ele era proprietário de terras, ou seja, ele era agricultor autônomo que trabalhava em suas próprias terras. Era um agricultor que tinha de 50 a 150 hectares de terra e uma razoável criação de gado, que fornecia esterco para adubá-la.

Em Neukirchen tinha desses agricultores. Nosso guia turístico disse que a casa e o galpão abaixo eram construções típicas de agricultores autônomos.



Era esta a propriedade de Christian Friedrich Schwantes?

Pode até ser. Em todos os casos, com base nos documentos de emigração, concluo que os Schwantes não pertenciam aos mais pobres que emigraram. Por isso a dúvida aumenta. Se eles eram proprietários, alfaiates e músicos, se estavam bem de vida, se o patriarca tinha dinheiro para financiar estudo dos filhos, porque emigraram? Eu não encontrei resposta para esta pergunta, com a qual fui a Pomerânia. A não ser que neste caso se aplica o que Christian

Graf von Krokow escreve na Pg. 153 do livro "Die Reise nach Pommern" (A Viagem para a Pomerânia) na 12ª edição de junho de 2002, do Deutscher Taschenbuch Verlag: *"Donde vem o sentimento de ir para longe? Porque a gente não fica no seu ninho, onde o fogão aquece a gente? O desejo para a aventura certamente tem muito a ver - isso quando este desejo não se torna uma obsessão: a gente quer conhecer o mundo e por ele ser conhecido. Quem não entende isso? Os desejos do coração humano permanecem sempre os mesmos. As circunstâncias mudam e com elas os meios."* (traduzido por mim).

Tinham nossos patriarcas conquistado o máximo que as condições e as circunstâncias na Pomerânia da época podiam proporcionar!? Estavam eles de bem com a vida!? Estas condições são básicas para que o vírus do espírito aventureiro se pode instalar e desenvolver na gente. Foram eles que trouxeram este espírito de aventura, que traz o crescimento e desenvolvimento da raça humana, e contaminaram a todos nós? Bendito sejam nossos antepassados!

Seja o motivo que tenha sido que moveu o Christian Friedrich Schwantes e toda a sua família para vir ao Brasil. Nada mais acertado eles puderam ter feito para todos seus descendentes, para nós! Assim nós nascemos no Brasil, que continua sendo a 'terra prometida'. Mas é aqui que, mesmo com todos os contratemplos que nos atravessam o caminho, podemos viver em paz e amor!

Intencionalmente deixei a visita à igreja para o fim da visita a Neukirchen. Eu aprendi a suportar momentos difíceis que a vida nos impõem. Mas também sou um cara que se emociona facilmente. Eu sabia que a visita à igreja, na qual os Schwantes foram batizados, confirmados, casaram e participaram nos cultos, iria bater com força em mim. A igreja não é um lugar onde se imagina que os antepassados pisaram,

não é uma casa qualquer, na qual se pudesse imaginar que eles teriam passado. A igreja é o lugar onde eles estavam com certeza. Lá eles foram buscar orientação para a vida, lá eles aprenderam os princípios básicos da vida em paz e amor, lá eles receberam consolo e conforto para os duros golpes da vida, quando a morte prematura levou 4 de seus filhos, inclusive o primogênito na tenra idade de 1 ano e 4 meses. A igreja é a casa simbólica de Deus. Lá seus filhos estão em casa. Por longo tempo eu fiquei sentado nos bancos desta igreja, movido por um profundo sentimento de gratidão aos antepassados que, movidos pelo espírito de aventura, emigraram para o Brasil, dando início a uma geração de Schwantes, gente feliz, da qual eu posso fazer parte.

A igreja é uma construção do século 18, rebocada na parte inferior, mas a torre e as cumeeiras seguem o tradicional estilo de tijolo a vista das igrejas da Pomerânia. Ela foi construída pela comunidade luterana e hoje está sendo usada pela comunidade católica, mas com o mesmo objetivo de divulgar os princípios da vida de paz e amor.





O interior da igreja segue um estilo simples e sóbrio e se assemelha muito ao estilo de nossas igrejas no Brasil. Nela a gente se sente em casa, independentemente da confissão.

Em Neukirchen eu me senti em casa. É uma vila pequena, pacata, onde as pessoas, em suas horas de folga, cuidam do jardim, cultivam uma horta, fazem reparos nas cercas, consertam e pintam a casa. Mas algo especial me chamou atenção:



Uma lagoa que me fez lembrar da Lagoa dos Três Cantos, minha terra natal.

Com isso a visita em Neukirchen/Belczna está concluída. Foi breve mas muito intensiva. Difícil mesmo é adormecer depois de dias intensos e cheios de novidades e emoções. Mas são estas emoções que dão forças para passar pelo mundo de cabeça erguida sem arrastar os chinelos. Esta

viagem foi tão bonita, tão gostosa, tão emocionante que, enquanto ainda na Pomerânia, tinha saudades dela e possivelmente a repetirei.

Na viagem de retorno para Stettin, passamos por Premslaw ou Przemyslaw, uma vila da paróquia evangélica de Neukirchen da época do pastor Bürger. com uma igreja bem antiga.



Passamos também por Stargordt/Startogrd, que também pertencia a paróquia de Neukirchen. Ainda deu tempo para apreciarmos as antigas ruínas do castelo do Senhor-da-Terra, e das demais instalações. Este "Senhor de Stargordt" certamente era muito rico e poderoso.



Castelo em ruínas



Braço de 1840



As instalações com galpões e estebarias também eram grandes.



A igreja de Stargardt é uma construção antiga em enxaimel.

Por fim passamos pela sede do município Regenwalde/Resko. É uma cidadezinha de 4.500 habitantes.

Tem um pequeno super-mercado e algumas poucas lojas. Nenhum comércio representativo. O comércio maior fica a 60 km, em Stargard. Há também algumas pequenas indústrias que absorvem a mão de obra da região. A igreja de Resco é uma das antigas e grandes igrejas dedicadas à Santa Maria.



Igreja de Regenwalde/Resco

Na viagem de volta a Estetino passamos por intermináveis lavouras de batatinha. O decreto do Imperador Frederico II está sendo executado com responsabilidade agora pelos Poloneses.



Plantação de batatinhas em flor.

ESTOU REALIZADO

Retornei desta viagem ao passado dos antepassados exausto. Não era cansaço físico. Era muita informação carregada com muita emoção. Adormeci com o sentimento de ter realizado com sucesso a importante missão, da qual o Norberto me havia encarregado. Além disso eu concretizei um antigo sonho: conhecer a terra dos meu antepassados!

E OS CONTRATEMPOS DA VIAGEM

Normalmente cada a viagem tem algum contratempo, cancelamento de vôo, atraso de ônibus ou trem, perda de mala ou tantas outras cousas podem acontecer. Uma viagem, na qual nada acontece, não tem muita graça, não tem história pra contar. Uma viagem lá pros confins da Europa, pra Polônia, na qual tem tanta gente envolvida, alguma coisa dá errado, alguém pisa na bola. Desta vez fui eu! Eu disse no início que preparei a viagem com antecedência até nos mínimos detalhes. Eu tinha levado dois aparelhos fotográfico, carregador de bateria, bateria subsele e dois ship de 8 mega. Estava preparado para tirar muitas fotos. Estava, porque eu tinha deixado tudo isso na mala que ficou na casa do amigo na Alemanha. Depois de poucas fotos com o aparelho que levei a bateria tinha acabado. E agora? Bem, é normal a gente esquecer mesmo o mais importante. O extraordinário da história é o que vem: Já disse que em Belczna não tem comércio nem de pão. Fomos para a sede do município, Resco. Estava disposto a comprar o que encontraria para tirar foto e pagar o que cobriariam. Fomos orientados ir numa loja de fotografia. mas lá só copiam fotos. *Onde posso comprar um aparelho*, perguntei ansiosamente.

Aqui em Resco não tem, só em Stettin, a mais de 100 Km, foi a resposta do rapaz da loja. Caí em desespero. Devo ter feito uma cara tão desesperada que o rapaz fez um sinal para esperar e entrou pro fundo da loja. Voltou trazendo o aparelho fotográfico de seu uso e me deu. Perguntei, através do intérprete, se ele me venderia. Não, respondeu ele, só empresto. O que posso deixar como garantia, o meu aparelho ou uma quantia em dinheiro. Nada, ele confia absolutamente que você vai devolvê-lo, disse o intérprete!

Fala mal de polaco novamente. Em mim eles tem um defensor incondicional. Por causa deste gesto de confiança dele, eu pude tirar as fotos que me ajudam a recordar de todos os momentos da viagem.

O FIM DE UMA VIAGEM QUE REMETE À PRÓXIMA

Ao concluir os relatos desta viagem para a Pomerânia/Polônia dei uma olhada ainda na Wikipédia sobre o nome Schwantes. Apareceram os nomes de duas vilas, que nunca tinha visto antes: 'Schwanteshagen'/Swietoszewo e 'Schwanteshagen Mühle'/Swietoszewko. O ...'*hagen*' no final do nome Schwantes significa que é uma vila pequena, normalmente contornada por cerca viva. É uma vila fechada, particular. O termo '*Mühle*' significa moinho de trigo. Fui olhar no Google Earth e vi que estas vilas estão localizadas a 45 km de Neukirchen. Mas o que mais me chamou atenção é que elas se localizam perto do mar Báltico e na divisa com a Alemanha. Bem perto da ilha de Rügen, na qual havia o grande templo principal da divindade Svantevit.

Dois perguntas surgem em minha mente: 1) A brincadeira que levantei no início deste capítulo de que os Schwantes descendem de sacerdotes da divindade dos eslavos

tem algo de verdadeiro e real? 2) Se os Schwantes tinham vilas particulares e anexo a elas certamente grandes propriedades, então eles não eram simples sacerdotes, mas sumo-sacerdotes da divindade Svantevit. Brincadeira. Quero dizer que a tese, de que os Schwantes de Neukirchen eram proprietários de terra, pode ser real. Eles pertenciam a uma grande família pomerana com muitas posses?

Estas dúvidas não podem ficar no ar. A gente precisa procurar respostas. É um desafio para uma nova viagem para a Pomerânia!?

TERCEIRO CAPÍTULO

OU

OS SCHWANTES COM REGISTROS EM NEUKIRCHEN E NOVA PETRÓPOLIS

Iniciei esta pesquisa sobre os antepassados quase de mãos abanando. Dispunha apenas de alguns documentos de emigração emitidos pelo pastor de Neukirchen. Hoje, tenho em mãos um grande volume de documentos e registros de nascimento, casamento e óbitos, que remontam a meados do século 18, mais precisamente ao ano de 1748. Ter encontrado na imensidão do Google o que nem de longe imaginava que existisse, os livros eclesiásticos digitalizados da Paróquia Evangélica de Neukirchen, e exatamente dos anos que interessavam para minha pesquisa, é quase um milagre. Minha paciência e determinação me ajudaram a encontrar o caminho certo entre os milhares de Sites.

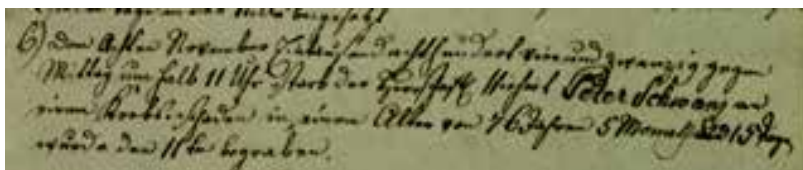
Disponho também dos registros de entrada dos imigrantes no país e das Fichas de Cadastro do Arquivo Histórico de Nova Petrópolis, coletados em 1988. Expresso

meus reconhecimentos a quem, em Nova Petrópolis, teve a brilhante idéia de elaborar as fichas dos imigrantes, prestando assim um serviço primordial para os que hoje estão à procura de informações sobre seus antepassados.

Nas fichas encontramos o nome completo dos imigrantes, o nome dos pais; data e lugar de nascimento; data de chegada em Porto Alegre; nome do cônjuge e, em alguns casos, data de casamentos realizados no Brasil; nome dos filhos, inclusive os nascidos no Brasil; data de falecimento e cemitério da sepultura. No verso da ficha encontramos informações sobre o local e o número do lote rural; como e quando devolveu ao Estado o empréstimo que recebeu para a viagem; confissão religiosa e outros dados. Graças a todas essas informações, os descendentes dos Schwantes podem se conectar com a história de seus antepassados. Foi um trabalho que requereu muito tempo. Mas foi um trabalho gratificante. Coloco todos os dados à disposição para que sirvam de ponto de partida de quem quer conhecer as origens e os destinos de seus antepassados. Ter encontrado tudo isso que eu vinha procurando há muito tempo foi um lance de sorte. E bota sorte nisso!

OS ANTEPASSADOS QUE NÃO EMIGRARAM

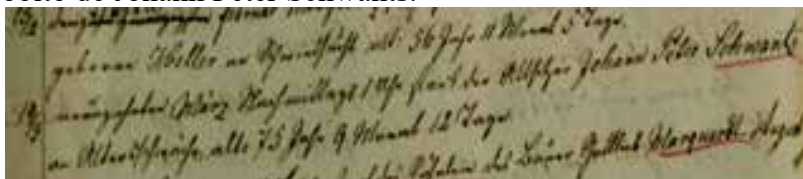
O registro mais antigo dos Schwantes encontrei na página 8, item 6, do primeiro livro digitalizado. Refere-se ao falecimento de Peter Schwanz. Ele era meu pentavô, o pai de Johann Peter Schwants, meu tetravô. As raízes da árvore genealógica da família Schwantes estão, portanto, firmemente encravadas na Pomerânia Oriental, hoje Polônia, desde meados do século 18, há mais de 270 anos



“No dia 8 de novembro de 1824, ao meio dia, às 11 horas faleceu o auxiliar do senhorio Peter Schwanz em consequência de um câncer, com a idade de 76a. 5m. e 15d. e foi enterrado no dia 11”.

Este registro nos indica que os Schwantes participavam da história de Neukirchen há mais de 270 anos. Este nosso antepassado era pessoa de destaque na vila de Neukirchen. No seu registro de óbito o pastor fez constar que ele era 'auxiliar do senhorio', um título que provavelmente significou 'administrador ou gerente' dos bens de um grande proprietário de terras, o 'Senhor de Neukirchen'. Estes 'Senhores' eram, geralmente, militares graduados que tinham participado em alguma das muitas guerras que o rei travou contra outros reinos. Como recompensa por 'bons serviços prestados' o rei vitorioso doava a estes militares áreas de terras e os nomeava como governadores sobre vilas ou cidades. Em contrapartida o militar/fazendeiro/governador ficava com a responsabilidade de recrutar, entre os filhos dos agricultores da região sob seu comando, os soldados para a próxima guerra. Em Neukirchen existe ainda hoje o palacete e as grandes instalações do 'Senhor de Neukirchen'. O cargo, porém, não existe mais.

No segundo livro digitalizado encontrei o registro de óbito de Johann Peter Schwants:



“19/3 – Aos dezenove dias do mês de março (de 1851), à uma hora da tarde, faleceu o antigo agricultor Johann Peter Schwants com a idade de 75 anos, 9 meses e 12 dias”.

O termo '*antigo agricultor*' significou na época que é um agricultor que, devido a idade, não tem mais condições de trabalhar e administrar a propriedade e por isso a transfere para o filho mais velho. '*Antigo Agricultor*' é um agricultor aposentado. Conforme os usos e costumes e a legislação na Alemanha da época, a herança não era dividida entre todos os filhos. O herdeiro único era o filho mais velho, que recebia a propriedade agrícola com o compromisso de cuidar dos pais idosos, de eventuais irmãs solteiras e de dar emprego aos irmãos mais novos necessitados. Neste caso o filho mais velho era Christian Friedrich Schwantz, que sete anos após a morte do pai emigrou com a família para o Brasil.

PETER SCHWANZ – meu pentavô

Nasceu: 24/05/1748

Morreu: 08/11/1824

Em: Neukirchen

Idade: 76 a. 5 m. 15 d.

JOHANN PETER SCHWANZ – meu tetravô

Nasceu: 07/06/1775

Morreu: 19/03/1851

Em: Neukirchen

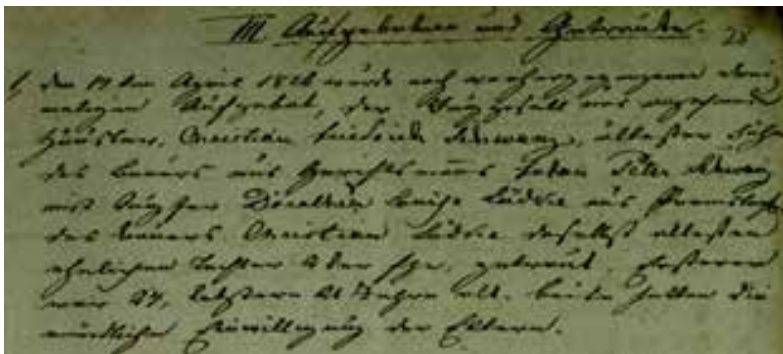
Idade: 75 a. 9 m. 12 d.

CHRISTIAN LÜDKE - meu tetravô, pai da trisavó
--

OS PATRIARCAS IMIGRANTES

Ainda no primeiro livro digitalizado, na página 28, encontrei o registro do casamento de Christian Friedrich Schwantz, filho primogênito de Johann Peter Schwantz com a senhorita Dorothea Louise nasc. Lüdke, filha mais velha de

Christian Lüdke. Através do registro de casamento de meus trisavós descobri o nome de meus **tetravôs**: Johann Peter Schwanz e Christian Lüdke.




“No dia 14 de abril de 1826, após ter sido anunciado três vezes, o solteiro e futuro pequeno agricultor Christian Friedrich Schwanz, filho mais velho do agricultor e homem da justiça Johann Peter Schwanz com a filha legítima Dorothea Louise Lüdke de Premslaff do agricultor Christian Lüdke desta localidade, receberam a bênção matrimonial. Ele tem 24 anos e ela 21. Ambos tinham o consentimento verbal dos pais”.

O casamento eclesiástico era reconhecido pelo estado e por isso ele precisava ser anunciado três vezes por questões legais. O termo '*futuro pequeno agricultor*' era usado para os filhos primogênitos de agricultores, que um dia receberiam a herança e assim se tornariam pequeno agricultor. O termo '*pequeno agricultor*' ou simplesmente '*agricultor*' era usado para os agricultores autônomos e proprietários de residência, instalações agrícolas e terras, para diferenciá-los do grande agricultor, o '*Senhor-da-Terra*' com seu castelo, grandes instalações e grandes áreas de terra, as quais eram trabalhadas pelos empregados e vassalos. Uma típica estrutura feudal. O pai de nosso patriarca, Johann Peter Schwanz, era '*Homem da Justiça*'. Ele era representante local da justiça, nomeado pelas autoridades dentre os agricultores de maior prestígio na vila, um cargo normalmente vitalício. Ele era o preposto da justiça, que também dirigia as assembléias nas comunidades. Creio

que pode ser comparado com os Delegados Prepostos na região rural do Rio Grande do Sul na época de minha infância. Eles decidiam causas de pequena monta.

Christian Friedrich Schwantes e Dorothea Louise nasc. Lüdke casaram no dia 14 de abril de 1826. Faltam poucos anos para comemarmos as suas bodas de 200 anos, a boda bicentenária! Eles emigraram 32 anos depois do casamento, quando já tinham 12 filhos, oito vivos, e já eram avôs.

A Ficha de Cadastro do patriarca imigrante
Christian Friedrich Schwantes,

	Assunto	Nome do Projeto	Ano do doc.
	Imigração	PROCESSO HISTÓRICO DE NOVA PETRÓPOLIS	1858

Imigrante: Schwanz, Christiano Frederico
 Pai:
 Mãe:
 Data de Nascimento: 18 junho 1803 Religião: evangélica
 Local de Nascimento: Prússia / Neu-Berchlin - Trossenau
 Idade na Imigração: 56 anos
 Data da Chegada ao Brasil: 14 de agosto de 1858
 Data de Chegada a Nova Petrópolis:
 Estado Civil: casado
 Cônjuge: Luise (ou Luiza?) Lüdke
 Filhos: Carlos, Augusta, Guilherme, Augusta, Ferdinand
 Irmãos:
 Data de Falecimento: 15 junho 1878
 Local de Sepultamento: Cemitério Evangélico da Sede
 * no matrimônio com Dorothea Louise


Observações: Ficha n.º 1.03. em 19 de dezembro de 1958. Lido e assinado em 19 de outubro de 1958.

Observações: Ficha n.º 1.03. em 14 de junho de 1958 em 22 janeiro 1878.

Data de Elaboração de Ficha: 22 janeiro 1878

Assinado: *Edina Hoffmann*

Ficha de Cadastro da matriarca imigrante
Dorothea Louise nasc.Lüdtke,

	Assunto	Nome do Projeto	Ano do doc.
	Imigração	PROCESSO HISTÓRICO DE NOVA PETRÓPOLIS	1858
Inscreto: <i>Sofrang, Lucia (ou Luiza?) Louise que Lüdtke</i>			
País			
Mãe			
Data de Nascimento: <i>12 fevereiro 1804</i>		Religião: <i>evangelical</i>	
Local de Nascimento: <i>Rejstlaw (ou Paryslaw?) - Pomerania (1) / Prússia</i>			
Idade na Imigração: <i>55 anos</i>			
Data de Chegada ao Brasil: <i>14 de agosto de 1858</i>			
Data de Chegada à Nova Petrópolis:			
Estado Civil: <i>parada</i>			
Classe: <i>Capitania Fidei</i>			
Filhos:			
Irmão: <i>Carlos Augusto, Guilherme, Augusta, Ferdinand</i>			
Data de Falecimento: <i>26 setembro 1893</i>			
Local de Sepultamento: <i>Comitê Evangélica da Sede</i> <i>+ no cemitério de: Doméstica Louisa</i>			
Direção: <i>Traga - 1703 em St. Sebastião, sem título e 1822 de St. Albina</i> <i>sem título (com a família)</i>			
Data de Elaboração do Fichê: <i>22 janeiro 1988</i>			
Elaborador: <i>Erica Hoffmann</i>			

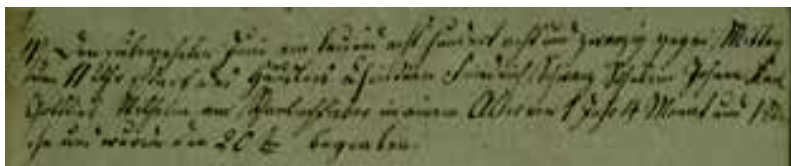
Por ocasião da emigração, em 1858, os cinco filhos solteiros acompanharam o casal. Outros dois filhos casados emigraram um ano depois, em 1859. Uma filha casada na Alemanha não emigrou. Quatro filhos do casal tinham falecido ainda crianças.

OS FILHOS DOS PATRIARCAS IMIGRANTES

O primogênito, Johann Carl Wilhelm Gottlieb, teve vida curta e faleceu com a idade de 1 ano, 4 meses e um dia:

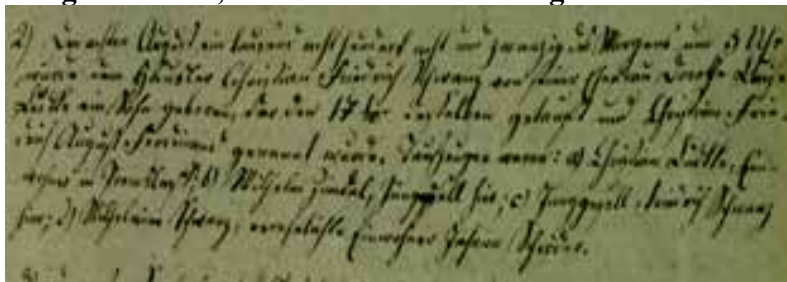


“Aos dez dias do mês de fevereiro do ano de um mil oitocentos e vinte e sete, à uma hora da tarde, nasceu o filho do pequeno agricultor Christian Friedrich Schwanz, e sua esposa Dorothea Louise Lüdke, que foi batizado no dia 18 com o nome de Johann Carl Wilhelm Gottlieb. (seguem os nomes dos padrinhos)”. em seguida encontramos seu registro de óbito:



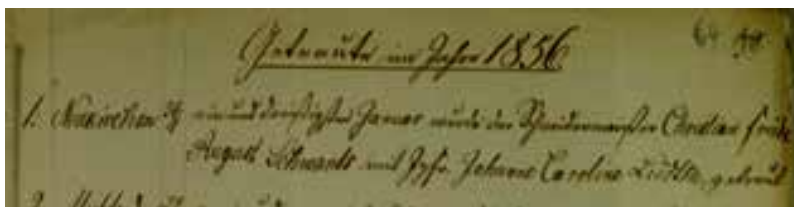
“Aos dezessete dias de junho de um mil oitocentos e vinte e oito, pelo meio dia, às 11 horas, faleceu o filho do pequeno agricultor Christian Friedrich Schwanz, Johann Carl Gottlieb Wilhelm de febre de escarlatina com a idade de 1 ano, 4 meses e 1 dia, tendo sido sepultado no dia 20”.

O segundo filho, Christian Friedrich August Ferdinand.





“Aos oito dias de agosto de um mil oitocentos e vinte e oito, às 3 horas da madrugada, nasceu o filho do agricultor Christian Friedrich Schwanz, e sua esposa Dorothea Louise Lüdtke, que foi batizado no dia 17 do mesmo mês e recebeu o nome de Christian Friedrich August Ferdinand. (seguem os nomes dos padrinhos)”.

No segundo livro digitalizado encontramos o registro de casamento deste segundo filho Christian Friedrich August Schwantes, que, com a morte do primogênito, passou a ser o herdeiro.



“Casamentos no ano de 1856. Neukirchen 31/01: No dia trinta e um de janeiro o alfaiate mestre Christian Friedrich August Schwants com a senhorita Johanne Caroline Lüdtke receberam as bênçãos matrimoniais”.

A Ficha de Cadastro de Christian Friedrich August Ferdinand:

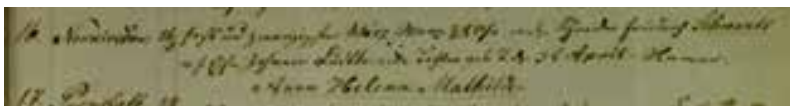
	Assento	Nome do Fregues	Ano da doc.
	Imigração	PROCESSO HISTÓRICO DE NOVA PETRÓPOLIS	1859 (81)
Imigrante: Schwanz, Christiano Pai: Mãe: Data de Nascimento: _____ Religião: Local de Nascimento: Háde na Imigração: 30 anos Data de Chegada ao Brasil: 26 de janeiro de 1859 Data de Chegada à Nova Petrópolis: Estado Civil: casado Cônjuge: Joana Filhos: Anna, Augusta Irmãos: Data de Falecimento: Local de Sepultamento:			
Domicílio: Rua nº 39 da L ^a Olinda.			
Profissão:			
Observações: O pago nº 39 foi pago por Frederica Schwantes. Pague o pago nº 03 da L ^a Olinda em 31 de Jan. 1870.			
Data da Elaboração da Ficha: 22 janeiro 1922			
Elaborador: 			

A Ficha de Cadastro da esposa Johanne Caroline nasc. Lüdke:

	Assento	Nome do Processo	Ano de An.
	Integração	PROCESSO HISTÓRICO DE NOVA PETRÓPOLIS	
Imigrante: <i>Schwantz, Johanna</i>			
Pai:			
Mãe:			
Data de Nascimento:		Religião:	
Local de Nascimento:			
Idade na Imigração: <i>22 meses</i>			
Data de Chegada ao Brasil: <i>26 de Junho de 1859</i>			
Data de Chegada a Nova Petrópolis:			
Estado Civil: <i>casada</i>			
Cônjuges: <i>Christiano</i>			
Filhos: <i>Anna, Augusto</i>			
Irmãos:			
Data de Falecimento:			
Local de Sepultamento:			

O casal imigrou com dois filhos:

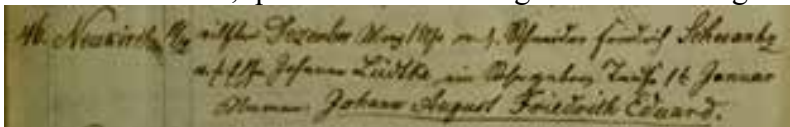
A filha Anna Helena Mathilde:



“16. Neukirchen, 26/3 – Aos vinte e seis de março (de 1857), às 7:30 horas, nasceu a filha do alfaiate Friedrich Schwants, e sua esposa Johanne Lüdtk, que foi batizada no dia 3 de abril com o nome de Anna Helena Mathilde”.

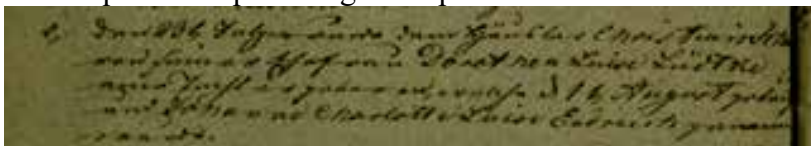
Anna Helena Mathilde tinha 2 anos quando a família chegou no Brasil, em 11 de junho de 1859 e faleceu um mês e pouco depois no dia 25 de julho em Nova Petrópolis.

O filho Johann August Friedrich Eduard tinha a idade de 6 meses exatos, quando a família chegou em Porto alegre:



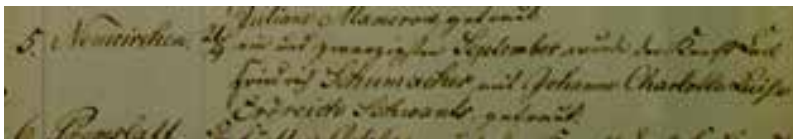
“46. Neukirchen, 11/12 – Aos onze dias de dezembro (de 1858), de manhã à uma hora nasceu o filho do alfaiate Friederich Schwantz e sua esposa Johanne Lüdtk, batizado a 16 de janeiro com o nome de Johann August Friedrich Eduard.”

A terceira filha Johanne Charlotte Luise Erdreich, já era casada quando os pais emigraram para o Brasil:



“Aos vinte e três dias de julho (de 1830) nasceu a filha do pequeno agricultor Christian Schwants e sua esposa Dorothea Luise Lüdtke, que foi batizada no dia 1º de agosto com o nome de Johanne Charlotte Luise Erdreich.”

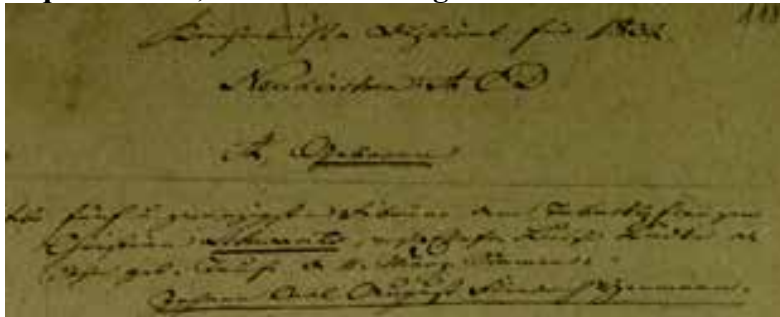
Ela casou com Carl Friedrich Schumacher:



“5. Neukirchen, 21/9 – Aos vinte e um de setembro (de 1855) o empregado Carl Friedrich Schumacher e Johanne Charlotte Luise Erdreich Schwants receberam a bênção matrimonial.”

Não encontrei nenhuma indicação de que este casal tenha emigrado para o Brasil.


O quarto filho, Johann Carl August Friedrich Herrmann.



“Registros do ano 1832. Neukirchen aD (anno Domini) – A) Nascimentos: Aos vinte e cinco de fevereiro (de 1832) nasceu o filho do plantador de fumo Christian Schwants e sua esposa Luise Lüdtke um filho, batizado no dia 11 de março com o nome Johann Carl August Friedrich Hermann”.

Ele emigrou com os pais e casou em Nova Petrópolis a 24/01/1860 com Friedricke Caroline Auguste nasc. Maas.

A Ficha de Cadastro de Johann Carl August Friedrich Hermann:

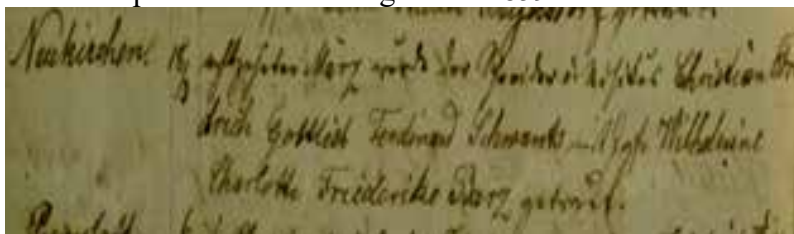
	Assunto Emigração	Nome do Processo PROCESSO HISTÓRICO DE NOVA PETRÓPOLIS	Ano do doc. 1858
<p> Imigrante: <i>Döhmann, Carlos Friedrich August</i> Pai: <i>Christiana Friedrich</i> Mãe: <i>Luise Louisa 19 filha gen. Döhmann</i> Data de Nascimento: _____ Religião: <i>evangelica</i> Local de Nascimento: <i>Berlim</i> Idade na Imigração: <i>26 annos</i> Data de Chegada ao Brasil: <i>14 de agosto de 1858</i> Data de Chegada à Nova Petrópolis: _____ Estado Civil: <i>solteiro</i> casou em <i>21 jun 1860</i> Cônjuge: <i>Friedricke Caroline Auguste geb. Maas</i> Filhos: <i>Wilhelm Carl, August Friedrich Carl, August Friedrich Wilhelm</i> Irmãos: <i>Auguste, Gottfranc, Auguste, Ferdinand</i> Data de Batizamento: _____ Local de Sepultamento: _____ <i>e no mesmo ponto Dorothea Luise</i> Domícilio: <i>Traga n.º 2 de St. Sebastião, n.º 1 de St. Ottilia (com os pais)</i> <i>Traga n.º 2 de St. Sebastião e n.º 2 de St. Ottilia, com título.</i> </p>			
<p>Profissão: _____</p>			
<p>Observações: <i>Das fazendas n.º 2 de St. Sebastião e n.º 2 de St. Ottilia foram passadas novas títulos para Henrique Josef que casou com a viúva.</i></p>			
<p>Título: <i>Christiana Friedrich geb. Maas</i> <i>casou em 1858 em St. Ottilia</i></p>			
<p>Data de Elaboração da Ficha: <i>27 janeiro 1860</i></p>			
<p>Elaborado: <i>Carlos Hoffmann</i></p>			

O quinto filho, Christian Friedrich Gottlieb Ferdinand



“16/02 – aos dezesseis dias de fevereiro (de 1834) nasceu o filho do plantador de fumo Christian Schwants e sua esposa Dorothea Louize Lüdtké, batizado no dia 9 de março com o nome de Christian Friedrich Gottlieb Ferdinand.”


Ele casou pouco antes de emigrar em 1859:



“Neukirchen, 18/03 – Aos dezoito dias de março (de 1859) o alfaiate e músico Christian Friedrich Gottlieb Ferdinand Schwants e a senhorita Wilhelmine Charlotte Friedricke Barz receberam a bênção matrimonial.”

O casal viajou logo após o casamento, embarcando em Hamburgo no dia 08 de abril de 1859 no navio, numa longa viagem de lua de mel de mais de 60 dias até Nova Petrópolis, - meus bisavós.

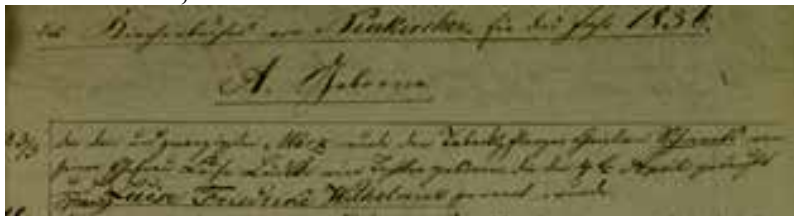
A Ficha de Christian Friedrich Gottlieb Ferdinand Schwantes:

	Assento	Nome do Processo	Ano do Doc.
	Imigração	PROCESSO HISTÓRICO DE NOVA PETRÓPOLIS	1853
<p>Imigrante: Schwanz, Ferdinand (Christian Friedrich Gottlieb Ferdinand)</p> <p>Filho: Christian</p> <p>Mãe: Luise Johanna</p> <p>Data de Nascimento: 10 de Janeiro 1834 Religião: evangélica</p> <p>Local de Nascimento: Schofanz - Prússia / Alemanha</p> <p>Idade na Imigração: 25 anos</p> <p>Data de Chegada ao Brasil: 26 de Janeiro de 1853</p> <p>Data de Chegada à Nova Petrópolis:</p> <p>Estado Civil: casado</p> <p>Cônjuge: Guilhermina Johanna</p> <p>Filhos: Robert Ferdinand, Edward Friedrich August Ferdinand, Carl Philipp</p> <p>Instituição:</p> <p>Data de Falecimento: 23 setembro 1902</p> <p>Local de Sepultamento: Cemitério Evangélico da Sede</p> <p>*Prússia: Schofanz, August Johanna Ferdinand, Christian Philipp, Maria Elisabeth, Philipp</p>			
<p>Residência: Praça n.º 36 da L.ª Orlada e título da n.º 57 da mesma.</p> <p>Profissão: Alfaiate</p> <p>Observações: Praça n.º 57 da L.ª Orlada em 22 junho 1858</p> <p>Data de Elaboração da Ficha: 22 janeiro 1926</p> <p>Elaborador: Egon Hoffmann</p>			

A Ficha da esposa Wilhelmine Charlotte Friedrike nasc. Barz:

	Assento	Nome do Processo	Ano do Doc.
	Imigração	PROCESSO HISTÓRICO DE NOVA PETRÓPOLIS	1853
<p>Imigrante: Schwanz, Guilhermina (Wilhelm. C. F.) nasc. Barz</p> <p>Filho:</p> <p>Mãe:</p> <p>Data de Nascimento: 10 junho 1838 Religião: evangélica</p> <p>Local de Nascimento: Schofanz - Prússia / Alemanha</p> <p>Idade na Imigração: 25 anos</p> <p>Data de Chegada ao Brasil: 26 de Janeiro de 1853</p> <p>Data de Chegada à Nova Petrópolis:</p> <p>Estado Civil: casada</p> <p>Cônjuge: Ferdinand</p> <p>Filhos: Robert Ferdinand, Edward Friedrich August Ferdinand, Carl Philipp August</p> <p>Instituição:</p> <p>Data de Falecimento: 23 setembro 1902</p> <p>Local de Sepultamento: Cemitério Evangélico da Sede</p> <p>*Prússia: Schofanz, August Johanna Ferdinand, Christian Philipp, Ferdinand, Wilhelmine Philippine</p>			

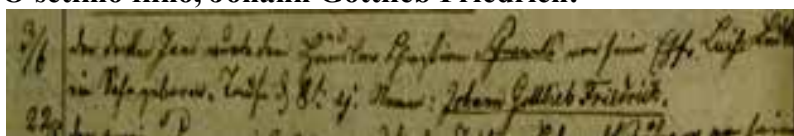
A sexta filha, Marie Luise Friedricke Wilhelmine:



“Livro Eclesiástico de Neukirchen do ano de 1836. A) – Nascimentos. 23/03 – Aos vinte e três dias de março (de 1836) nasceu a filha do plantador de fumo Christian Schwants e sua esposa Luise Lüdtke, que foi batizada no dia 4 de abril como nome de Marie Luise Friedricke Wilhelmine.”

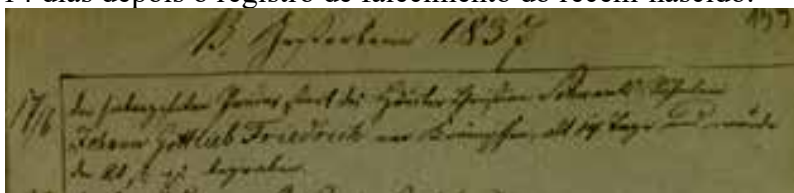
Não encontrei outras informações nos livros digitalizados de Neukirchen, nem em registros de imigração. Provavelmente ela faleceu ainda criança.

O sétimo filho, Johann Gottlieb Friedrich:



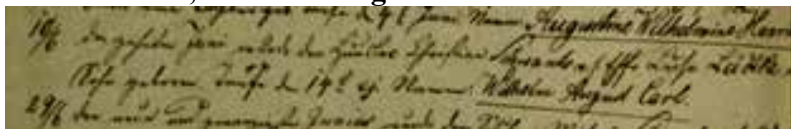
“03/06 – Aos três dias de junho (de 1837) nasceu ao agricultor Christian Schwants de sua esposa Luise Lüdtke, um filho que foi batizado no dia 8 com o nome de Johann Gottlieb Friedrich.”

14 dias depois o registro de falecimento do recém-nascido:



“B. – Falecimentos 1837. 17/06 – Aos dezessete dias de junho (de 1837) faleceu ao agricultor Christian Schwants o filhinho Johann Gottlieb Freidrich de convulsões, na idade de 14 dias e que foi sepultado no dia 20 de junho.”


O oitavo filho, Wilhelm August Carl:



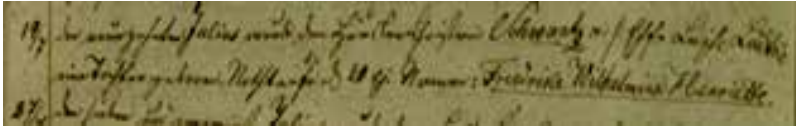
“10/06 – Aos dez dias de junho (de 1838) nasceu ao agricultor Christian Schwants de sua esposa Luise Lüdtké um filho, que foi batizado no dia 14 com o nome: Wilhelm August Carl.”

Ele emigrou com os pais, e casou no Brasil em 30 de outubro de 1860 com Johanne Louise Friedricke nasc. Küster, que nasceu a 04/03/1841 em Molatow, na Pomerânia, filha de Johann Küster.

A Ficha de Cadastro de Wilhelm August Carl:

	Armas	Nome do Processo	Ano do dat.
Imigração		PROCESSO HISTÓRICO DE NOVA PETRÓPOLIS	1853
Imigrante: Schwants, Auguste Wilhelm Carl			
Pai: Christian Schwants			
Mãe: Luise (ou Luiza?) Lüdtké			
Data de Nascimento:		Religião: evangélica	
Local de Nascimento: Pomeria (Molatow / Küster Pomerania)			
Idade na Imigração: 14 anos			
Data de Chegada ao Brasil: 14 de agosto de 1853			
Data de Chegada à Nova Petrópolis:			
Estado Civil: solteiro - casou em 30 out 1860			
Chegou: Johanne Louise Friedricke geb. Küster			
Filhos: Carlhe Johann Auguste Auguste Hermann Ferdinand Wilhelm Carl			
Irmãos: Carlhe, Guilheime, Auguste, Ferdinand			
Data de Fabricação:			
Local de Sepultamento:			
e no município de Nova Petrópolis			
Destilador: Prago u. 23 de St. Sebastopol e u. 23 de St. Olinda (com os pais)			
Titular dos prazos: u. 23 de St. Sebastopol e u. 23 de St. Olinda			
Observações: Prago o prazo u. 23 de St. Sebastopol em 22 maio 1851			
Data da Elaboração da Ficha: 22 janeiro 1922			
Elaborador: Ory Hoffmann			

A nona filha, Friedricke Wilhmine Henriette:



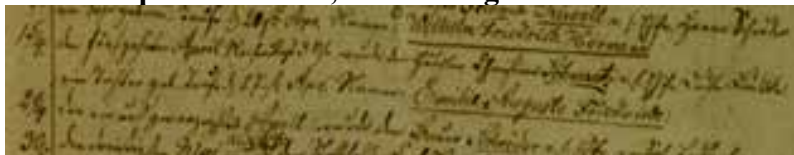
“19/07 – Aos 19 dias de julho (de 1840) nasceu a filha do agricultor Christian Schwants de sua esposa Luise Lüdtké, que recebeu o batismo de emergência no dia 20 com o nome: Friedrike Wilhmine Henriette.”

Não existem registros de imigração de Friedrike Wilhmine Henriette Schwantes. Na relação do registro de imigração dos pais e demais irmãos ela não consta. Mas sabemos que ela imigrou com os pais em 1858 através dos registros de óbitos do marido Gottlieb Roloff e da própria Friedricke nos livros eclesiásticos da Paróquia Evangélica de Nova Petrópolis.

O décimo filho, Wilhelm. Além da Ficha de Cadastro de Nova Petrópolis não encontrei, nos livros digitalizados, nenhum outro registro a seu respeito. Ele deve ter nascido no ano de 1841 ou 1842, pois imigrou com os pais com a idade de 18 anos. Em Nova Petrópolis ele casou com Justine nasc. Behling. A ficha de Wilhelm:

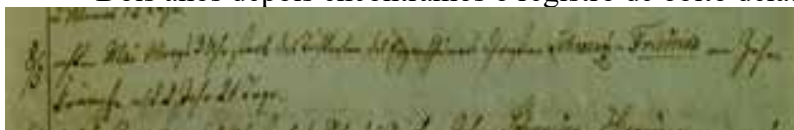
Armas	Nome do Procto	Ano do Im.
	PROCTO HISTÓRICO DE NOVA PETRÓPOLIS	1858
Imigração		
Imigrantes: Schwants, Guillermo		
Pai: Christian Schwants		
Mãe: Luise (em alemão) Luise von Lüdtké		
Data de Nascimento:		Religião: evangélica
Local de Nascimento: Prússia		
Idade na Imigração: 18 Anos		
Data de Chegada ao Brasil: 14 de agosto de 1858		
Data de Chegada a Nova Petrópolis:		
Estado Civil: casado		
Cônjuge: Justine von Behling		
Filhos: Friedrich, Johannes, Justine		
Irmãos: Carlos, Auguste, Auguste, Ferdinand		
Data de Falecimento:		
Local de Sepultamento:		
o seu nome está na Diretoria de Imigração		

A décima primeira filha, Emilie Auguste Friedricke:



“15/04 – Aos quinze dias de abril (de 1845), à tarde, às 3 horas, nasceu o filho do agricultor Christian Schwants e sua esposa Luise Lüdtkke, que foi batizada no dia 27 de abril com o nome: Emilie Auguste Friedricke.”

Dois anos depois encontramos o registro de óbito dela:



“08/05 – No dia 8 de maio (de 1847), de madrugada, às 3 horas, faleceu a filha do proprietário Christian Schwants – Friedricke em consequência de cáibras dentárias, com a idade de 2 anos e 21 dias.”

A décima segunda filha, **Auguste**, nasceu a 16 de dezembro de 1848 (ano sem registro nos livros digitalizados) e emigrou com os pais com a idade de nove anos.

A Ficha de Cadastre de Auguste:

Assento	Nome do Fidejussor	Ano do ato
Integração	PROCESSO HISTÓRICO DE NOVA PETRÓPOLIS	1858
Imposto: Schwants, Auguste		
Pai: Christian Schwants		
Mãe: Luise (ou Luiza) Schwants		
Data de Nascimento: 16 de dezembro de 1848		
Local de Nascimento: Prússia - Nova Holsdrup - Alemanha		
Idade na Integração: 9 anos		
Data de Chegada ao Brasil: 16 de agosto de 1858		
Data de Chegada a Nova Petrópolis:		
Estado Civil: solteira		
Cidades: Saxe		
Filhos: Carl Wilhelm, Gottlieb Friedrich, Christian, Mathilde, Anna Auguste, Heinrich, Ernest, Auguste, Auguste, Friedrich, Friedmann		
Data de Fabricação: 16 de fevereiro de 1858		
Local de Fabricação: Casa da família Schwants em Saxe		

A FAMÍLIA DOS PATRIARCAS IMIGRANTES

CHRISTIAN FRIEDRICH SCHWANTES	∞	DOROTHEA LOUISE LÜDKE
Nasceu: 18/06/1801 Casou: 14/04/1826 Em: Neukirchen Imigrou: 14/08/1858 Faleceu: 15/01/1875 Em: Nova Petrópolis		Nasceu: 12/02/1804 Casou: 14/04/1824 Em: Neukirchen Imigrou: 04/08/1858 Faleceu: 26/09/1883 Em: Nova Petrópolis

1	Johann Carl Wilhelm Gottlieb		
	Nasceu: 10/01/1827 Faleceu: 17/06/1828		
2	Christian Friedrich August Ferdinand	∞	Johanne Caroline Lütcke
	Nasceu: 08/08/1828 Em: Neukirchen Casou: 31/01/1856 Emigrou: 08/04/1859 Imigrou: 11/06/1859 Faleceu: 1866		Nasceu: 03/01/1830 Em: Baumgarten, Pom. Casou: 31/01/1856 Emigrou: 08/04/1859 Imigrou: 11/06/1859 Faleceu: 01/05/1875
3	Johanne Charlotte Luise Erdreich	∞	Carl Friedrich Schumacher
	Nasceu: 23/07/1830 Em: Neukirchen Casou: 21/09/1855 Não emigrou		
4	Johann Carl August Friedrich Hermann	∞	Friedricke Caroline Auguste Maas
	Nasceu: 25/02/1832 Em: Neukirchen		Nasceu: 04/02/1840 Em: Pedowitz, Pomerân

	Imigrou:14/08/1858 Casou: 21/06/1860 Faleceu: 1866		Imigrou: 1859 Casou: 21/06/1860 Faleceu: 12/12/1907
5	Christian Friedrich Gottlieb Ferdinand imigrante	∞	Wilhelmine Charlotte Friedricke Barz
	Nasceu: 16/02/1834 Em: Neukirchen Casou:18/03/1859 Emigrou: 08/04/1859 Imigrou: 11/06/1859 Faleceu: 09/10/1908		Nasceu: 10/06/1838 Em: Schofanz,Pomerân Casou: 18/03/1859 Emigrou: 08/08/1859 Imigrou: 11/06/1859 Faleceu: 03/09/1921
6	Maria Luise Friedricke Wilhelmine		
	Nasceu: 23/03/1836.		
7	Johann Gottlieb Friedrich		
	Nasceu: 03/06/1837 Faleceu: 17/06/1837		
8	Wilhelm August Carl imigrante	∞	Johanne Louise Friedricke Küster
	Nasceu: 10/06/1838 Em: Neukirchen Imigrou: 14/08/1858 Casou: 30/10/1860 Em: Nova Petrópolis Faleceu: 02/04/1921		Nasceu: 04/03/1841 Em: Molatow,Pomerân Imigrou: 1858 Casou: 30/10/1860 Em: Nova Petrópolis Faleceu: 20/09/1915
9	Friedricke Wilhelmine Henriette	∞	Gottlieb Roloff
	Nasceu: 19/07/1840 Em: Neukirchen Imigrou: 14/08/1858 Casou: 1860 Em: Nova Petrópolis Faleceu: 19/04/1905		Nasceu: 19/12/1820 Em: Klein-Radow,Pom. Imigrou: 1858 Casou: 1860 Em: Nova Petrópolis Faleceu: 05/08/1892

10	Wilhelm imigrante	∞	Justine Behling
	Nasceu: 1841, Neukirchen. Sem registro nos livros digitalizados. Imigrou com os pais, idade de 8 anos. Imigrou: 14/08/1858		
11	Emilie Auguste Friedricke		
	Nasceu: 15/04/1845 Faleceu: 08/05/1847		
12	Auguste	∞	Johann Carl Friedrich Schwantes
	Nasceu: 16/12/1848 Em: Neukirchen Imigrou: 14/08/1858 Casou: 1866 Em: Nova Petrópolis Faleceu: 09/02/1886 Em: Nova Petrópolis		Nasceu: 15/01/1847 Em: Glietzig, Pomerân Imigrou: 11/06/1859 Casou: 1866 Em: Nova Petrópolis Faleceu: 07/06/1941 Em: Nova Petrópolis

UMA TRISTE REALIDADE

No registro de falecimento de Christian Friedrich Schwantes consta expressamente que o casal teve 12 filhos e que, quando ele faleceu aos 75 anos de idade, apenas quatro deles ainda estavam vivos. Quando ele emigrou da Pomerânia, sete filhos o acompanharam para o Brasil. A filha Johanne Charlotte Luise Erdreich, que estava casada com o empregado Carl Friedrich Schumacher permaneceu na

Alemanha. Os outros quatro filhos tinham morrido ainda criança.

A título de curiosidade e para entender melhor a situação na Europa da época, levantei os dados do segundo livro sobre nascimentos e óbitos durante um período de 10 anos, de 1850 a 1859. Para entender a tabela abaixo deve-se considerar:

A – Nascimentos no ano.

B – Óbitos no ano e porcentagem sobre os nascimentos.

B1– Óbitos de crianças abaixo de 1 ano e porcentagem sobre nascimentos no ano.

B2 – Óbitos e porcentagem sobre total de óbitos.

C1 – Óbitos de crianças entre 1 e 10 anos e porcentagem sobre nascimentos no ano.

C2 – Óbitos e porcentagem sobre total de óbitos no ano.

D – Óbitos entre 11 e 20 anos.

E1 – Óbitos de adultos entre 21 e 60 anos e porcentagem sobre nascimentos no ano.

E2 – Óbitos e porcentagem de adultos sobre total de óbitos.

F1 – Óbitos de idosos acima de 60 anos e porcentagem sobre os nascimentos no ano.

F2 – Óbitos e porcentagem de idosos sobre o total de óbitos.

ANO	A	B	B1	C1	D	E1	F1
			B2	C2		E2	F2
1850	58	20 24%	07 – 12% 35%	03 – 05% 15%	00	07 – 12% 35%	03 – 05% 15%
1851	58	37 63%	18 – 31% 48%	07 – 12% 18%	02	06 – 10% 16%	07 – 12% 18%
1852	45	30 – 66%	12 – 26% 40%	03 – 06% 10%	02	06 – 13% 16%	07 – 15% 23%
1853	53	21 – 39%	07 – 13% 33%	00	00	06 – 11% 28%	08 – 15% 38%
1854	53	18 – 33%	07 – 13% 38%	02 – 02% 11%	00	06 – 11% 33%	03 – 06% 16%
1855	54	30 – 55%	14 – 25%	05 – 09%	01	06 – 11%	04 – 07%

			46%	16%		20%	13%
1856	53	34-60%	13 - 24%	07 - 13%	01	10-28%	04 - 07%
			38%	20%		29%	11%
1857	57	30-52%	14 - 24%	04 - 07%	00	08-14%	04 - 07%
			46%	13%		26%	13%
1858	48	48-00%	14 - 29%	12 - 25%	01	12-25%	05 - 10%
			35%	25%		25%	10%
1859	50	51-102%	18 - 36%	09 - 18%	03	14-28%	07 - 14%
			35%	17%		27%	13%

A mortalidade de recém-nascidos, com idade inferior a um ano, era muito alta, em média acima de 24% sobre o total de nascidos no ano. A mortalidade das crianças até os 10 anos era, em média, de 34% sobre os nascimentos. Os óbitos de idosos representaram apenas uma média de 8%, ou seja, apenas 8% atingiam a idade acima do 60 anos.

O QUE OS SCHWANTES FAZIAM NA POMERÂNIA

Procurando na Pomerânia os motivos para os Schwantes emigrarem, já concluí que eles certamente não pertenceram aos emigrantes mais pobres. Analisando agora todas as designações, qualificações e descrição de profissão e posição social dos Schwantes nos registros dos Livros Eclesiásticos digitalizados de Neukirchen, podemos encontrar mais indícios sobre a vida profissional, social e econômica dos antepassados na Pomerânia.

Peter Schwanz é o Schwantes mais antigo de quem temos notícia. Conforme o livro de registros de óbitos, ele era '*auxiliar do senhorio*'. Significa que nosso mais antigo

antepassado Peter Schwanz era gerente ou administrador da propriedade, dos empregados e vassalos do *Senhor-da-Terra*.

No registro de casamento de nosso patriarca Christian Friedrich Schwants diz que seu pai, Johann Peter Schwanz, filho de Peter Schwanz, era uma pessoa importante na história da vila de Neukirchen. Ele era '*agricultor*' e '*homem da justiça*', ou seja, o agricultor foi nomeado Delegado Preposto. Era um cargo vitalício, escolhido pelas autoridades, dentre elas o Senhor-da-Terra. O pai de nosso patriarca não era empregado nem vassalo. Era um agricultor que foi escolhido para manter a ordem e a lei na vila. Esta escolha certamente foi influenciada por seu pai Peter Schwanz, que era um alto funcionário no castelo do Senhor-da-Terra. Além disso, Johann Peter Schwants era um proprietário de terras com prestígio.

Os Schwantes, desde anos remotos, tinham prestígio, representatividade e posição sócio-econômica confortável em Neukirchen. A migração entre classes sociais não era tão simples como hoje. Um empregado ou vassalo dificilmente conseguia comprar alguma propriedade e mudar de posição social.

Nosso patriarca Christian Friedrich Schwants, quando casou era um '*futuro agricultor*', ou seja, ele permaneceu residindo com a esposa na casa do pai e trabalhou nas terras que futuramente iria receber como herança por ser o filho mais velho. O seu desenvolvimento econômico e social é fácil acompanhar através dos registros de nascimento de seus 12 filhos. Antes do nome consta sempre a função ou posição social do pai. Durante o período do nascimento dos três primeiros filhos, de 1826 a 1830, Christian Friedrich Schwantes era '*pequeno agricultor*'. A partir do nascimento do quarto até o sexto filho, de 1832 a 1836, ele era '*plantador de fumo*'. Entre o nascimento do sétimo e o décimo primeiro filhos, de 1837 a 1845, ele voltou a ser '*pequeno agricultor*'. Por ocasião do registro do falecimento da décima primeira filha, em 1847 ele passa a ser '*proprietário*'. Agora ele mudou

de categoria e de classe social. Proprietário é um agricultor que tinha uma razoável área de terras, criação de gado e os necessários galpões e estrebarias. O proprietário normalmente também tinha alguns empregados.

Esta mesma situação de proprietário consta nos documentos de emigração do patriarca, expedidos pelo pastor Bürger. O que ocorreu para que ele mudasse de posição social e econômica? Christian Friedrich Schwants era herdeiro de Johann Peter Schwanz, que era Delegado Preposto e agricultor. A essa altura, em 1847, ele já tinha 71 anos, vindo a falecer 4 anos mais tarde, em 1851. Provavelmente ele transferiu seus bens e propriedades a seu filho primogênito, que a partir de então passa a ser '*proprietário*'.

Como primogênito proprietário ele tem obrigação legal e ética de cuidar dos pais e prestar ajuda aos irmãos mais novos. Possivelmente o '*diarista Friedrich Schwantz*', eventual irmão mais novo, trabalhou com ele. Por isso ele também acompanhou o segundo grupo de imigrantes em 1859.

Christian Friedrich Schwants muda de posição social e situação econômica. Agora ele tem condições para pagar o curso de alfaiate para dois filhos. Agora a família também tem condições para pensar em vôos mais altos, em aventuras mais arrojadas. Agora a família decide encarar a aventura da emigração para o Brasil. Não por uma necessidade, mas para sair desta mesmice da Alemanha, onde nada de novo acontecia. Pior, onde os imperadores e reis decidiam fazer guerra para aumentar seu reino e seu prestígio e os jovens eram convocados para servirem de 'bucha de canhão'. Os Schwantes optaram para sair deste círculo vicioso, no qual uma parte das crianças morriam de doenças e mal nutrição, uma parte dos jovens morriam em guerras, com as quais não tinham nada a ver e a outra parte precisava trabalhar de sol a sol para sustentar os luxos e o desperdício da burguesia. Só uma pequena parte da população atinge uma idade razoável. Os Schwantes tão fora disso! Eles optam por uma vida mais

pacata, mais tranquila na serra gaúcha. Lugar, donde se olha o mundo de cima para baixo. Nova Petrópolis é um grande *belvedere*! Minhas homenagens à grande coragem e ao espírito aventureiro dos Schwantes que emigraram!

A GRANDE AVENTURA COMEÇA: A MIGRAÇÃO CONTINUA - III

Antes de mudar para o Brasil tem muita coisa que precisa ser resolvida. Ninguém gosta de viajar, mesmo por alguns dias, e deixar problemas para trás. Muito menos, quando é uma viagem para nunca mais voltar. Para quem a gente ainda está devendo algo, nem que for um 'muito obrigado', um abraço especial, uma palavra de ânimo ou simplesmente uma visita? Quem a gente magoou e precisa pedir perdão? Nada melhor do que viajar com espírito em paz e amor com todo mundo! E depois de tudo pronto, fazer uma festa de despedida? Uma festa, da qual todos saem com os olhos cheio de lágrimas. Uma festa de despedida sempre é triste - a gente festeja a tristeza, antecipa a saudade. Neste caso uma saudade que não t]em fim. Uma despedida com as palavras 'nos veremos na eternidade'.

Os Schwantes emigram em dois grupos. O primeiro grupo era composto pelo patriarca, a esposa e cinco filhos solteiros. Antes de partir a primeira grande dificuldade: O que levar? O que é importante? Tudo é importante, pois de certa forma tudo faz parte da vida da gente! Como é difícil resumir a vida da gente em algumas poucas caixas! Me lembro da minha mãe, quando na velhice ela se mudou do seu apartamento em São Leopoldo para morar conosco em Nova Xavantina. Ela veio de avião e alguns dias depois a transportadora trouxe sua mudança resumida em quatro ou cinco caixas. Ela estava parada junto a estas caixas e disse,

expressando muita tristeza: Minha vida esta dentro destas poucas caixas. Não suportei. Sai e fui ao banheiro enxugar as lágrimas. Não temos nenhuma informação sobre a bagagem que os Schwantes levaram na viagem sem volta como 'semente' para um novo começo - mas não deve ter sido muita coisa.

Este grupo deve ter partido de Neukirchen em meados de junho de 1858. Logo no começo da viagem enfrentam a primeira dificuldade. De Neukirchen até a ferroviária mais perto em Stargard são 60 km. Certamente foram de carroça puxada a cavalos por estrada de terra, que vira lama com qualquer chuva. Levaram quantos dias neste primeiro trajeto? Quatro, cinco ou mais? A partir de Stargard ainda tem um longo trajeto - 450 km - até Hamburgo, o porto de embarque. Mas este trajeto é bem mais rápido. Porém, é com a 'maria-fumaça', que não pode ser comparada com os trens de hoje. Em Hamburgo embarcaram no navio Maria I - não temos a data da saída do navio - sob o comando do capitão Moeller. Este grupo de emigrantes foi encaminhado pelo organizador de viagens M. Valentim, um emissário do governo brasileiro.

Nesta viagem até o embarque no porto em Hamburgo algum dos filhos mais velhos, que viajaram só no ano seguinte, quem acompanhou os pais e irmãos? Alguém foi junto para abanar na hora da partida? Ou deixaram aquele pequeno grupo abanando de cima do navio para a Alemanha, para a Europa, que nenhum deles jamais veria?

O segundo grupo, bem maior, era formado pela família do filho mais velho, Christian Friedrich August Ferdinand, a esposa Johanne Caroline Lütcke e dois filhos e o casal em lua de mel Christian Friedrich Gottlieb Ferdinand e a esposa Wilhelmine Charlotte Friedricke nasc. Barz. Neste grupo estava também a família do provável irmão mais novo do patriarca, Friedrich Daniel Schwantes, a esposa Charlotte Dorothea nasc. Laddin e três filhos. Também veio um Schwantes com grau de parentesco desconhecido. Wilhelm

Schwantes, a esposa Augusta e dois filhos. Além destes Schwantes veio também a família de Johannes Seefeld, a esposa Caroline e três filhos. Possivelmente esta família também veio de Neukirchen ou arredores. Ao que tudo indica eles já se conheciam. Este segundo grupo, portanto, era composto de 20 pessoas, 8 adultos e 12 crianças, sendo uma de apenas 6 meses.

As dificuldades nos preparativos da emigração deste grupo, embora terem acompanhado as experiências e os preparativos dos pais, que viajaram no ano anterior, certamente não eram menores. Não deixar nenhum problema para trás, acertar todos os mal-entendidos e todas as desavenças com quem quer que seja, abraçar todos os que ficam e a festa da despedida com muitas lágrimas. O que levar para esta viagem sem volta é uma decisão pessoal de cada um. Desta vez o número de caixas foi certamente bem maior, de forma que foi uma caravana de várias carroças até a estação ferroviária em Stargard. Uma atenção especial devem ter recebido as muitas crianças e o bebê.

Este grupo deve ter partido de Neukirchen nos últimos dias de março de 1859, percorrendo o mesmo trajeto até Hamburgo. Eles embarcaram no navio Wilhelmine I no dia 08 de abril de 1859 e deixaram a Alemanha e a Europa definitivamente para trás.

Não temos nenhuma informação sobre o transcorrer da viagem. Sabemos apenas que todos os Schwantes, que embarcaram como emigrantes em Hamburgo, Alemanha foram registrados como imigrantes em Porto Alegre, Brasil.

QUARTO CAPÍTULO OU OS SCHWANTES MIGRANDO PARA O BRASIL

OS SCHWANTES CHEGAM AO BRASIL

O governo brasileiro instalou em Porto Alegre um setor de registro de imigrantes. Um escrivão, que provavelmente só falava português, fazia as perguntas que os italianos, poloneses, alemães e outros imigrantes não entendiam e cujas respostas o oficial de registro também não entendia. A consequência foi que ocorreram inúmeros erros nos registros dos nomes e dados. Quando eram pessoas oriundas de países de língua latina era mais fácil escrever os nomes, mas quando se tratava de poloneses ou alemães, a grafia era bem complicada. Assim surgiram esses nomes alemães aporuguesados ou totalmente distorcidos. O nome Schwantes é especialmente complicado para alguém que não sabe alemão. É exatamente por causa dessa complicação da grafia e pronúncia do nosso nome que nasceu a idéia de escrever este livro.

Por causa das distorções e erros na grafia dos nomes não foi fácil achar os Schwantes no livro de registro de imigrantes "Povoadores do Rio Grande do Sul 1857-1863". Só os encontrei por ter analisado nomes parecidos no livro de imigrantes. Na página 46 consta o seguinte registro:

SCHWAUS, Christiano, 56, cas., prot.; Lucia, 55, cas.; Carlos, 26; Augusto, 19; Guilherme, 18; Augusta, 9; pruss.; chegada de Rio Grande neste Porto: 14-8-1858, emb.: D. Pedro (vapor); destino: Nova Petrópolis. [observação idêntica a que consta no reg. 1568 f. 35]. Reg. 1619-1624, fl. 36, nº 52-57.

Estas informações resumidas indicam que a família de: *“SCHWAUS, Cristiano com 56 anos, casado, de confissão protestante; a esposa Lucia, com 55 anos; os filhos Carlos com 26 anos; Augusto com 19 anos; Guilherme com 18 anos; Augusta com 9 anos, oriundos da Prússia, chegou de Rio Grande neste porto (de Porto Alegre) no dia 14 de agosto de 1858 com o barco a vapor Dom Pedro com destino a Nova Petrópolis. A ‘observação idêntica a que consta no registro 1568 folha 35’ diz o seguinte: Todos provenientes do navio Maria I, comandado pelo capitão Moeller que partiu de Hamburgo, Alemanha, encaminhados pelo organizador de viagens M. Valentim, com custos da viagem financiada a razão de 80\$000 reis para os adultos e de 65\$000 reis para os menores de 12 anos, pelo que tiveram que assinar termo de responsabilidade de devolução”. Esta família de 6 membros foi registrada sob os números de 1619 a 1624, na folha 36 de número 52 a 57.”*

Para descobrir os Schwantes comparei os nomes e os dados com os documentos de emigração expedidos pelo pastor J. Bürger de Neukirchen. Substituí o nome *Schwaus, Cristiano* por *Schwantes, Christian Friedrich* e o nome da esposa *Lúcia* por *Dorothea Louise nasc. Lüdtké*. Constatei que tinha matado a charada. Todos os demais dados coincidiam, inclusive o nome dos filhos!

Na página 103 encontrei o registro de imigração dos outros dois filhos de Christian Friedrich e Dorothea Louise, cujos documentos de emigração o pastor Bürger tinha expedido. Eles emigraram em fins de março de 1859 para o Brasil.

SCHWANZ, Christiano, 30, cas., prot.; Joanna, 29, cas.; Anna, 2; Augusto, ½; Guilherme SCHÖDER, 23; al.; chegada de Rio Grande neste Porto: 11-6-1859, emb.: Continentista (vapor); destino: Nova Petrópolis. Obs.: Provenientes do navio Wilhelmina de Hamburgo. Seguiram para Nova Petrópolis no mesmo 11 de junho no vapor Correio. Reg. 3865-3869, fl. 118, nº 124-128.

SCHWANZ, Cristiano e a esposa *Joanna* é o casal Christian Friedrich August Ferdinand Schwantes e sua esposa Johanne Caroline nasc. Lüdtké, e os filhos Anna Helena Mathilde com 2 anos de idade e o filho Johann August Friedrich Christian com meio ano de idade, coincidindo com o documento de emigração expedido pelo pastor Bürger. O casal veio acompanhado por Guilherme Schröder, do qual não encontrei nenhuma outra referência. Possivelmente era um parente da esposa ou um soldado mercenário embarcado clandestinamente por ordem do governo brasileiro.

E um registro com nome ainda mais estranho:

SCHWANG, Ferdinand, 25, cas., prot.; Guilhermma, 20, cas; al.; chegada de Rio Grande neste Porto: 11-6-1859, emb.: Continentista (vapor); destino: Nova Petrópolis. Obs.: Provenientes do navio Wilhelmina de Hamburgo. Seguiram para Nova Petrópolis no mesmo 11 de junho no vapor Correio. Reg. 3875-3876, fl. 119, nº 134-135.

SCHWANG, Ferdinand e a esposa Guilhermina, do registro acima, é o casal *Christian Friedrich Gottlieb Ferdinand Schwantes* e *Wilhelmine Charlotte Friedrike nasc. Barz*, conforme a Certidão de Casamento expedida pelo pastor Bürger.

Estes dois filhos com suas famílias não puderam viajar com os pais um ano antes. Tinham fortes motivos para protelar a viagem. Conferindo o documento de emigração

expedido pelo pastor Bürger, o filho Johann August Friedrich Christian, do casal Christian Friedrich August Ferdinand e Johanne Caroline, nasceu a 11 de dezembro de 1858. Isto significa que Johanne estava grávida na época em que os sogros emigraram e não pôde encarar a desgastante viagem. Por outro lado, Christian Friedrich Gottlieb Ferdinand Schwantes e Wilhelmine Charlotte Friedrike nasc. Barz ainda não eram casados quando os pais viajaram. Eles casaram no dia 18 de março de 1859 e partiram logo depois do casamento para uma longa viagem de lua-de-mel. Chegaram em Porto Alegre no dia 11 de junho de 1859, seguindo viagem no vapor Correios para São Leopoldo, donde continuara a viagem até Nova Petrópolis. Os patriarcas imigrantes Christian Friedrich Schwantes e Dorothea Louise Schwantes e sua família, nossos antepassados, estão definitivamente no Brasil e ajudam a construir esta nação em paz e amor

O BRASIL QUE OS SCHWANTES ENCONTRARAM

O Brasil e, principalmente, o Rio Grande do Sul que os Schwantes encontraram nos anos 1858 e 1859 não era um lugar desprezível, principalmente para quem vinha de uma Europa em crise. A revolução industrial em curso e o ultrapassado sistema feudal agrário atingiram o emprego e o trabalho dos artesãos e os agricultores em cheio. O período de dificuldades em nosso país e o pioneirismo dos primeiros imigrantes alemães que chegaram a São Leopoldo em 1824, 35 anos antes, estava superado. Os navios a vela, com os quais os primeiros imigrantes atravessaram o Atlântico, foram substituídos por navios com hélice movida a vapor.



O porto de Rio Grande, no sul do País, já recebia navios com grandes chaminés no lugar dos mastros de vela. Na Lagoa dos Patos e pelo Rio dos Sinos navegavam os barcos a vapor. Abaixo a visão que os imigrantes tinham ao chegar a Porto Alegre. Uma cidade em franco crescimento e desenvolvimento.



Os imigrantes, ao subirem o Rio dos Sinos com o barco a vapor Correios, encontravam a cidade de São Leopoldo já bem estruturada com os principais serviços públicos. Fundada no início da colonização em 1825, o povoado se transformou em pouco tempo numa vila com vertiginoso crescimento, tanto é que foi emancipada em 1^o de abril de 1846, apenas 21 anos depois do início da colonização. O porto fluvial do Rio dos Sinos em São Leopoldo tinha intenso movimento de passageiros e mercadorias, pois as novas colonizações abasteciam Porto Alegre.



A estrada de Porto Alegre a São Leopoldo já estava consolidada, bem como as estradas vicinais para as regiões da colonização. O Rio dos Sinos ainda tinha que ser atravessado com balsa, mas entre os anos de 1871 e 1876 foi construída a ponte de ferro, hoje tombada como patrimônio histórico com o nome de ‘Ponte 25 de Julho’.



Em meados do século 19 todas as terras planas do vale do Rio dos Sinos e do Rio Caí, até as fraldas da Serra do Mar, estavam ocupadas por agricultores. Os imigrantes que continuavam chegando tiveram que sujeitar-se a receber as terras na região montanhosa. Os Schwantes, oriundos de uma região absolutamente plana da Pomerânia, receberam suas terras na região acidentada de Nova Petrópolis. Para chegar à nova morada, os nossos antepassados partiram das margens do Rio dos Sinos em São Leopoldo, atravessaram uma planície de 12 km até chegarem à subida da serra em Novo Hamburgo. A estrada na serra não era pelo atual traçado da BR 116, mas um caminho que passava pela vila de Ivoti, Presidente Lucena e Picada 48, cheio de curvas com trechos íngremes até Nova Petrópolis.

Christian Friedrich Schwantes, a esposa Dorothea Louise nasc. Lüdke e os cinco filhos solteiros, que os acompanharam, passaram por este caminho e chegaram à Nova Petrópolis no início de setembro de 1858. Estava em cima da hora para fazer uma pequena derrubada de mato e plantar uma lavoura para ter o que comer no ano seguinte. Depois de uma longa viagem a primeira parte da nossa família estava, finalmente, acomodada em Nova Petrópolis.

NOVA PETRÓPOLIS COMEÇA COM OS SCHWANTES

O site do município de Nova Petrópolis nos conta os primeiros anos da sua história:

"Com a 'Paz de Ponche Verde', firmada em 1845, cessaram as hostilidades em toda a província Gaúcha, marcando o término das lutas da "Revolução Farroupilha".

Imediatamente foram retomados os grandes projetos de Imigração e Colonização do Império, interrompidos por dez anos no Rio Grande do Sul. A nova legislação permitiu as Províncias e até a iniciativa particular investir no setor. Assim o Rio Grande responsabilizou-se por oito Colônias Provinciais entre elas: Nova Petrópolis, fundada em 7 de setembro de 1858.

A nova Colônia abrangia um vasto território que excedia dos limites dos rios Caí e Cadeia, avançando até os limites presumíveis das primeiras Estâncias dos Campos de Cima da Serra. O nome do projeto foi em homenagem a Sua Majestade D. Pedro II (Nova Petrópolis = nova cidade de Pedro), mas também analogia a "Real cidade de Petrópolis" do Rio de Janeiro, local de férias da Família Imperial da Corte.

Os lotes de aproximadamente 50 hectares estendiam-se ao longo das "Linhas e Picadas" dispostos de tal forma a permitirem a implantação de núcleos Coloniais em cada 10 Km como apoio às Colônias isoladas.

A Sede, o "Stadtplatz", mais ou menos equidistante destes núcleos centralizaria o comércio, as pequenas manufaturas, os profissionais diversos, bem como a assistência médica, social e religiosa.

Uma avaliação errada a respeito da navegabilidade dos rios Caí e Cadeia e as dificuldades para a construção de estradas carroçáveis nos terrenos montanhosos da colônia, prejudicou muito o seu desenvolvimento inicial, desviando centenas de imigrantes para outras regiões. O isolamento dos assentados era dramático pois sua produção agrícola tornava-se muito cara visto que o transporte aos centros de consumo era feito no lombo de animais.

Coube aos Diretores Bartolomey e Sellim alcançar do Governo Provincial as concessões de abatimento

nas dívidas dos colonos para com os cofres da Província, com horas trabalhadas na construção e conservação das estradas.

Construiu-se desta maneira uma estrada carroçável até "Porto dos Guimarães", local onde o Rio Caí admitia embarcações de calado médio. Outra estrada ligava os núcleos implantados às margens do rio Caí à Colônia Feliz cujo ponto permitia a navegação de pequenas embarcações. Criou-se desta maneira tal movimento comercial junto ao "Porto Guimarães" que aprovou ao Governo a criação do Município de São Sebastião do Caí com sede neste local, abrangendo toda a região colonial do nordeste onde iniciava também a colonização italiana.

Nova Petrópolis tornou-se desta maneira Distrito deste novo município no ano de 1875. Os imigrantes que chegaram a Nova Petrópolis desde 1858, eram na maior parte oriundos dos "Estados Alemães": Pomeranos, Saxões, Renanos e Boêmios do Império Austro-Húngaro. Além destes, alguns franceses das regiões limítrofes franco-germânicos, holandeses, belgas, poloneses, russos até irlandeses e escoceses que haviam fugido dos Estados Unidos devido à Guerra da Sucessão.

A falta de escolas obrigou os imigrantes a criar sua estrutura educacional própria, onde o ensino era ministrado por pessoas escolhidas pelos próprios colonos e em língua alemã. As mesmas estruturas surgiram na organização religiosa, sociedades, etc. adotando uma sistemática em tudo semelhante ao que haviam deixado na velha Pátria.

No final do século XIX, com a Revolução Federalista que ensaguentou o Rio Grande do Sul, toda a região colonial foi vítima de bandos que se intitulavam "revolucionários". Os desmandos nas colônias foram tantos que os colonos decidiram tomar as rédeas da

segurança pública nas próprias mãos. Pois a única autoridade policial existente era a figurativa, o "Sub-intendente", um cargo honorário. O Coronel da "Guarda Nacional" Alfredo Steglich reuniu os homens válidos da colônia criando uma força paramilitar de "atiradores", nos moldes dos "Schützen" na Alemanha.

Uma vez treinados os colonos ofereceram tenaz resistência às investidas dos bandoleiros que acabaram vencidos após algumas refugas sangrentas. Alguns destes grupos de atiradores constituíram-se em "Sociedades de Atiradores Oficiais", com estatutos registrados. Foi o caso da Sociedade Tiro ao Alvo da Sede, fundada em 1895. As Sociedades da Linha Brasil e Linha Araripe poucos anos após.

A euforia geral que resultou do conhecimento do próprio calor e força, determinou um grande desenvolvimento sócio-cultural e também econômico na colônia. No palco religioso as duas grandes paróquias católica e evangélica, receberam sua estruturação definitiva além da criação de comunidades filiadas. As duas Matrizes, foram construídas em pouco tempo, entidades religiosas filiadas de cunho assistencial também surgiram.

Em 1902, sob a inspiração do Padre Theodor Amstad, criou-se a primeira Cooperativa de Crédito do Brasil e da América latina: a Caixa Rural de Nova Petrópolis. Em 1910, por força exclusiva dos colonos, implantou-se um serviço telefônico que interligava todos os núcleos coloniais às duas centrais da Linha Imperial e Nova Petrópolis, estas por sua vez ligadas à Linha Nova., São José do Hortêncio e São Sebastião do Caí onde o serviço foi conectado à subsidiária da Telefônica Riograndense.

Criou-se também a "Cooperativa da Banha" que purificava o produto comprado dos colonos, exportando-o em latas para a Inglaterra. A colônia progredia a olhos

vistos, pois a Estrada Presidente Lucena, concluída no final do século passado, interligava todos os núcleos desde Nova Petrópolis a Novo Hamburgo onde aguardava o transporte ferroviário. Além disso, a opção mais antiga, aproveitando o porto de São Sebastião do Caí, continuava em uso preferencial.

Na década de 1920, iniciou o êxodo de jovens colonos para as "Novas Colônias" ao mesmo tempo uma parte optava pelas cidades próximas."

Nova Petrópolis foi fundada oficialmente em 7 de setembro de 1858. A família do patriarca Christian Friedrich Schwantes chegou em Porto Alegre no dia 14 de setembro de 1858. Eles devem ter chegado em fins de setembro em Nova Petrópolis, pouco depois da fundação oficial. Os nossos antepassados participaram desde o início da construção de uma nova cidade no Brasil. Não era fácil. Mas os Schwantes, através das andanças da Tribo Chá-Avante pelo mundo, aprendeu a enfrentar e vencer todas as dificuldades que a vida exige e impõe.

O QUE OS SCHWANTES VIERAM FAZER NO BRASIL

Na Pomerânia nosso patriarca era um agricultor proprietário. Tinha um razoável pedaço de terra, uma bela e ampla residência, galpões e estrebarias e todos os equipamentos e ferramentas de trabalho. Os filhos trabalhavam com ele e provavelmente tinha empregados que faziam o grosso do trabalho. Era um proprietário que estava muito bem. Dois dos seus filhos estudaram uma profissão, eram alfaiates. Mas optaram enfrentar uma aventura no Brasil.

Optaram a serem agricultores na serra gaúcha, em Nova Petrópolis. A família Schwantes recebeu os lotes rurais na Linha Olinda, em Nova Petrópolis. Os patriarcas receberam o lote rural nº1, o filho Christian Friedrich August Ferdinand o lote rural nº 19, o filho Johann Carl August Friedrich o lote nº 3, o filho Christian Friedrich Gottlieb Ferdinand o lote nº 17 e o filho Wilhelm August Carl o lote nº 05. Também Christian Daniel Schwantes, o provável irmão mais novo do patriarca, recebeu o lote nº 16.

EDIT E EDIO NOS CAMINHOS DOS IMIGRANTES

Em fevereiro de 2017, a Edit e eu retornamos à serra gaúcha para reviver seus encantos. Não subimos pela BR 116, mas passamos por aquele antigo caminho dos imigrantes pelas cidades de Ivoti e Presidente Lucena até encontrar novamente a BR-116 na cidade de Picada 48, donde segue até Nova Petrópolis. Ivoti foi colonizada desde o início da imigração dos alemães, em 1824: *"A denominação de Bom Jardim, escolhida em virtude destas terras serem propícias ao cultivo de flores, foi alterada pela Lei nº 7.199, de 31 de maio de 1938, para Ivoti, que significa 'Flor', na língua Tupi-Guarani. Advém daí o fato de Ivoti ser conhecida como 'Cidade das Flores'."*

Neste meio tempo Ivoti se transformou numa cidade turística com muitas flores e construções antigas muito bem conservadas. Logo depois da cidade, num vale profundo do arroio Feitoria, chegamos ao '*Buraco do Diabo*', assim conhecido desde a época dos imigrantes. O arroio Feitoria forma uma espécie de pequeno pântano, com uma enorme variedade de sapos e rãs. Ao anoitecer os anfíbios fazem um 'barulho do diabo'. Nesse Buraco do Diabo iniciou a cidade de

Ivoti. As ruínas do banco da cooperativa e da antiga prefeitura foram tombadas.



A prefeitura e o banco da cooperativa
em prédios semelhantes

Uma série de casas em estilo enxaimel foram conservadas.



Sobre o arroio Feitoria foi construída, a partir de 1855, a Ponte do Imperador. Os Schwantes passaram sobre ela subindo a serra para Nova Petrópolis.



Junto à ponte encontra-se uma antiga casa de comércio, que abastecia os moradores locais. O prédio foi construído em 1907 e tornou-se um importante ponto comercial para a região. Em 2007, o prédio foi restaurada com recursos recebidos do Consulado Alemão.



Antiga casa de comércio

Seguimos pelo caminho dos imigrantes e chegamos à cidade de Presidente Lucena. Pequena, mas simpática e bem

conservada à moda antiga com muitas flores. Foi lá que encontramos o lugar ideal para almoçar num restaurante com farta comida típica colonial alemã e muito chucrute e *chopp*.



Continuando a viagem chegamos novamente a BR-116 na cidade Picada 48 e seguimos para Nova Petrópolis.

EDIT E EDIO PROCURANDO PARENTES

Como sabíamos que era em Nova Petrópolis, na Linha Olinda, que os Schwantes receberam os seus lotes rurais, resolvemos “escavar” aquele lugar para encontrar todas as informações possíveis sobre os antepassados. A Linha Olinda fica logo no começo da cidade, no primeiro retorno. Decidimos encostar na primeira casa da Linha Olinda, já que nosso Patriarca recebeu ali o lote número 1. A primeira casa, porém, é o Restaurante Colina Verde, rodeado de araucárias e com espetacular vista para os vales.

Já que estávamos lá, entramos. Era fim do horário do almoço. Fomos recebidos por uma simpática e linda jovem. Contei a ela que somos do Mato Grosso, da família Schwantes

que imigrou para a Linha Olinda e que estamos à procura de parentes. “Sim”, disse ela sorrindo, “Eu sou Schwantes, Vivian Schwantes”. A gente leva um susto quando se percebe que logo na primeira tentativa acerta na mosca. Coloquei as emoções novamente nos seus devidos lugares. O dia estava ganho! E a jovem acrescentou, com mais um sorriso nos lábios, “eu vou chamar meu pai”.



Vivian Schwantes

Não demorou para que Ido Schwantes chegasse.
Ágil, irrequieto, agitado, homem de múltiplos negócios.



Ido Schwantes e Edit Prade Schwantes

Depois dos cumprimentos e apresentações sentamos numa mesa do restaurante e conversamos como velhos conhecidos. Falei da coincidência de ter sido uma Schwantes a primeira pessoa que encontrei em Nova Petrópolis. Ele disse que fazia poucos dias que tinha tomado conhecimento da minha existência no Mato Grosso. Falamos sobre os Schwantes e constatamos que nós dois fizemos pesquisas paralelas sobre nossa família. Ele também já esteve na Alemanha à procura de suas raízes e origens. Constatamos que temos muito em comum, muito além de sermos parentes. Conversamos bastante e combinamos que ficaríamos em contato e que pensaríamos num “Encontro da Família Schwantes”.

Mas essas não foram as nossas únicas surpresas daquele dia. Descemos a Colina Verde e seguimos pela estrada da Linha Olinda. Ela acompanha o alto de um longo espinhaço com vales profundos nos dois lados. Não é bem uma terra para agricultura, mas é um belíssimo “Belvedere” natural. Hoje é uma área urbanizada. Seguimos por mais uns três ou quatro quilômetros. Avistamos, um pouco à frente, um casal sentado na varanda tomando chimarrão. Encostamos, pedimos licença e fomos chegando. Eles logo providenciaram cadeiras e nos convidaram para participar do mate. Para amenizar um pouco as expectativas deles fui logo dizendo que não somos vendedores e que estamos lá só para conversar um pouco e tomar um chimarrão. Com isso eu pude falar com calma sobre nosso passeio e de que estamos na Linha Olinda à procura das raízes dos Schwantes. A mulher deu uma risadinha e disse meio encabulada: “Eu sou filha de Schwantes”, sou a Edith Schwantes. Ai já foi demais. Encostamos aleatoriamente em dois lugares diferentes e encontramos dois Schwantes! Acho que eu sou um cara de sorte durante as viagens. Encontro o que procuro e até o que não procuro.

No outro dia fomos ainda a Cambará do Sul e ao cânion Itaimbezinho e voltamos realizados e satisfeitos ao Mato Grosso.

SCHWANTES COM GRAU DE PARENTESCO DESCONHECIDO


Além do casal de patriarcas e seus filhos, encontrei nos registros de imigração famílias Schwantes, cujo grau de parentesco não consegui descobrir.


1) A família de Friedrich e Dorothea Schwantes com três filhos, que emigraram com o segundo grupo em 11 de junho de 1859, são os antepassados de Ido Schwantes de Nova Petrópolis. Mesmo não tendo a certeza, Friedrich é possivelmente um irmão mais novo do patriarca, como veremos mais abaixo.

2) A família de Wilhelm e Augusta Schwantes e seus dois filhos. Não há nenhuma outra informação complementar, através da qual se pudesse estabelecer o grau de parentesco.

SCHWANG, Guilherme, 29, cas., prot.; Augusta, 28, al., cas. Carolina, 4; Carlos, 9 meses; al.; chegada de Rio Grande neste Porto: 11-6-1859, emb.: Continentista (vapor); destino: Nova Petrópolis. Obs.: Provenientes do navio Wilhelmina de Hamburgo. Seguiram para Nova Petrópolis no mesmo 11 de junho no vapor Correio. Reg. 3884-3887, fl. 119, nº 143-146.

A Ficha de Cadastro de Wilhelm Schwantes:

	Assento	Nome do Projeto	Ano do doc.
	Imigração	PROCESSO HISTÓRICO DE NOVA PETRÓPOLIS	1859
Imigrante: <i>Schwantz, Guilherme</i>			
Pai: _____			
Mãe: _____			
Data de Nascimento: _____		Religião: <i>evangélica</i>	
Local de Nascimento: <i>Alemanha</i>			
Idade na Imigração: <i>28 anos</i>			
Data da Chegada ao Brasil: <i>16 de janeiro de 1859</i>			
Data de Chegada à Nova Petrópolis: _____			
Estado Civil: <i>casado</i>			
Cônjuge: <i>Augusta</i>			
Filhos: <i>Carolina, Carlos</i>			
Irmãos: _____			
Data do Falecimento: _____			
Local de Sepultamento: _____			

	Assento	Nome do Projeto	Ano do doc.
	Imigração	PROCESSO HISTÓRICO DE NOVA PETRÓPOLIS	1859
Imigrante: <i>Schwantz, Augusta</i>			
Pai: _____			
Mãe: _____			
Data de Nascimento: _____		Religião: <i>evangélica</i>	
Local de Nascimento: <i>Alemanha</i>			
Idade na Imigração: <i>27 anos</i>			
Data da Chegada ao Brasil: <i>16 de janeiro de 1859</i>			
Data de Chegada à Nova Petrópolis: _____			
Estado Civil: <i>casada</i>			
Cônjuge: <i>Guilherme</i>			
Filhos: <i>Carolina, Carlos</i>			
Irmãos: _____			
Data do Falecimento: _____			
Local de Sepultamento: _____			

Esta família Schwantes é a única que recebeu seu lote rural na Linha Pirajá em Nova Petrópolis. Não encontrei nenhum motivo concreto para o fato, mas na Linha Pirajá também a família Seefeld, que veio no mesmo navio em 1859, recebeu seu lote. Possivelmente eram amigos ou parentes.

SEEFELD, João, 33, cas., prot.; Carolini, 30, cas.; Frederico, 7; Carlos, 5; Guilherme, 3; al.; chegada de Rio Grande neste Porto: 11-6-1859, emb.: Continentista (vapor) destino: Nova Petrópolis. Obs.: Provenientes do navio Wilhelmina de Hamburgo. Seguiram para Nova Petrópolis no mesmo 11 de junho no vapor Correio. Reg. 3890-3894, fl. 119, nº 149-153.

"Johann Seefeld, de 33 anos, casado com Caroline nasc. Lempke, imigrou com os filhos Friedrich com 7 anos, Carl Martin Heinrich com 5 anos e Guilherme com 3 anos, todos alemães, e chegaram do porto de Rio Grande em Porto Alegre no dia 11/06/1859 ..."

A família Seefeld viajou no mesmo navio do segundo grupo da família Schwantes em 1859. O casal de imigrantes Johann e Caroline Seefeld são avós de Miloca Seefeld, esposa de Arlindo Schwantes, irmão de meu pai.

OUTRAS FONTES DE PESQUISA

Também os livros de Registros Eclesiásticos, como batismos, casamentos e óbitos da Comunidade Evangélica de Nova Petrópolis são ricas fontes de pesquisa para encontrar os antepassados. No livro de Registro de Óbitos sob nº 15, na data de 15 e 16 de janeiro de 1875, consta o registro de óbito do patriarca imigrante Christian Friedrich Schwantes:

1875	15
15. Jan	Christian Schwantes, geboren am 18 Juni 1801 zu Neukirchen in Pommern, trat
16. Jan	dieselbst, 25 Jahre alt in den Stand des hl. Ehe mit Louise Lüdtkke, welchem stand er bis an sein Ende lebte und in welchem ihn 12 Kinder geboren sind, wovon bis jezt noch 4 leben. Im Jahre 1858 wanderte er mit der Familie nach Brasilien aus und wohnte bis am Ende auf Nova Petropolis woselbst er am fünfzehnten Januar ein tausend acht hundert fünf und siebenzig nach 14 tägigem Krankenlager starb, Morgens 1 Uhr und am folgenden Tage auf den Gottesacker in der Nähe des Stadtplatzes beerdigt wurde

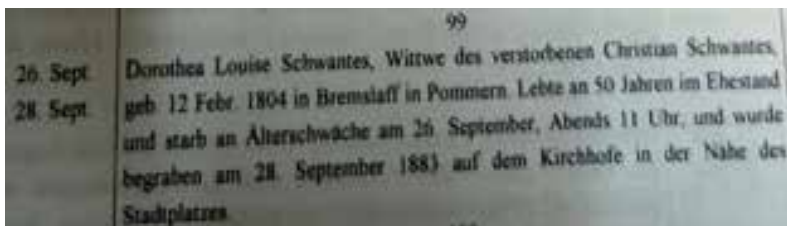
Tradução: “*Christian Schwantes, nascido em 18 de junho de 1801 em Neukirchen na Pomerânia, casou aos 25 anos com Louise Lüdtkke, com quem permaneceu casado até o fim de sua vida, e que gerou 12 filhos, dos quais 4 ainda vivem. No ano de 1858 ele emigrou com a família para o Brasil e viveu em Nova Petrópolis onde veio a falecer, após 14 dias acamado, no dia 15/01/1875, a uma hora da madrugada, e foi sepultado no dia seguinte no cemitério próximo do centro da cidade*”.

A Lápide do Patriarca imigrante Christian Friedrich Schwantes foi retirada da sepultura (não sabemos o lugar exato da sepultura) e está sendo conservada junto ao muro lateral no cemitério de Nova Petrópolis.

A lápide de sua esposa, a matriarca Dorothea Louise Schwantes nasc. Lüdke ainda não foi localizada no cemitério da cidade.



No mesmo livro de Registro de Óbitos, sob nº 99, de 26 e 28 de setembro de 1883 consta o óbito da matriarca imigrante Dorothea Louise Schwantes:



Tradução: “Dorothea Louise Schwantes, viúva do falecido Christian Schwantes, nascida a 12 de fevereiro de 1804 em Bremslaff na Pomerânia, viveu 50 anos de casamento e faleceu de velhice no dia 26 de setembro de 1883, às 11 horas da noite e foi sepultada no dia 28 de setembro de 1883 no cemitério próximo ao Centro da cidade”.

Nos livros eclesiásticos da comunidade evangélica de Nova Petrópolis também encontrei o registro de óbito de meu bisavô Christian Friedrich Gottlieb Schwantes.



Tradução: Christian Friedrich Gottlieb Ferdinand Schwantes nasceu a 16 de fevereiro de 1834 em Neukirchen, casou-se com Wilhelmine Charlotte Friedricke nasc. Bartz em 1859, com a qual ele viveu 49 anos e teve 8 filhos, dos quais 6 vivos. Em 1859 eles emigraram para o Brasil. Ele faleceu de câncer no estômago a 9 de outubro de 1908 e foi sepultado no dia 11 de outubro no cemitério da cidade. Ele deixa enlutados, além

da esposa, 6 filhos, 27 netos e 7 bisnetos. Isaías 48,10: 'Eis que te depurei, mas disso não resultou prata; provei-te na fornalha da aflição'".

A sepultura do casal Christian Friedrich Gottlieb Ferdinand Schwantes e Wilhelmine Charlotte Friedericke nasc. Barz. A lápide da esposa encontra-se na sepultura, mas a lápide do marido, que certamente era semelhante, está desaparecida.



Para quem procura informações sobre seus antepassados, os livros eclesiásticos da Comunidade Evangélica de Nova Petrópolis certamente é uma grande fonte de informações sobre a primeira e segunda gerações dos Schwantes no Brasil. A maioria dos Schwantes da terceira geração se dispersou pelo Brasil a fora.

CONCLUINDO O CAPÍTULO

Os Schwanz ou Schwants ou Schwantes, descendentes da tribo Chá Avante, que têm suas origens lá na longínqua mata das árvores Avante e que passaram pelos tempos e pelo mundo, guiados pelo espírito da paz e do amor, vieram da Alemanha para o Brasil. Aqui chegando receberam nomes

diferentes: Schwang, Schwaus, Schwanz, Schwants. Escrever corretamente nomes, principalmente alemães, não era fácil. Além de toda a dificuldade linguística, a grafia do nome Schwantes é especialmente difícil. Mas, já naquela época, depois que estavam devidamente instalados em Nova Petrópolis, todos adotaram a grafia **Schwantes**. O assunto estava encerrado. A santidade do Svantevit, a paz e o amor que o nome inspira, estavam definitivamente recuperados.

Nós, os Schwantes, ainda hoje continuamos tendo problemas com a grafia do nome nas repartições públicas e bancos, mas o espírito que o nome inspira nos dá força para superar qualquer falta de conhecimento e vontade de aprender de quem quer que seja. Conscientes da santidade que o nome expressa continuaremos a soletrar pacientemente:

S-C-H-W-A-N-T-E-S

QUINTO CAPÍTULO OU OS SCHWANTES NO BRASIL

A partir deste **QUINTO CAPÍTULO** será contada a história de alguns descendentes desta grande família Schwantes no Brasil. Os patriarcas imigrantes Christian Friedrich e Dorothea Louise Schwantes, tiveram 12 filhos, dos quais 7 deles, que imigraram em 1858 e 1859 para o

Brasil, formam a **Árvore Genealógica dos Schwantes no Brasil**.

Desta árvore genealógica eu e meus irmãos Norberto, Arlindo e Milton, já falecidos, somos brotos na ponta do quinto galho que nasceu do tronco principal, o casal de imigrantes, meus bisavós, **Christian Friedrich Gottlieb Ferdinand Schwantes e Wilhelmine Charlotte Friedricke nasc. Barz**.

Início contando primeiramente a história da família do meu avo Ferdinand August Schwantes, dos meus pais e nossa, não por ser a mais importante desta árvore genealógica, mas por eu ter conseguido reunir um grande número de dados, informações e histórias, que podem servir de exemplo para que os demais Schwantes contem a sua própria história.

OS IRMÃOS NORBERTO, EDIO, ARLINDO E MILTON SCHWANTES

Nosso **bisavós**, **Christian Friedrich Gottlieb Ferdinand Schwantes e Wilhelmine Charlotte Friedricke nasc. Barz**, foi um casal de imigrantes com uma bonita e bem sucedida história. Começaram a vida matrimonial com a 'lua de mel' mais longa, da qual tenho notícia. Logo depois do casamento em 18 de março de 1859 emigraram para o Brasil, onde foram morar com os pais Christian Friedrich e Dorothea Louise Schwantes em Nova Petrópolis.

A PRIMEIRA GERAÇÃO DE SCHWANTES BRASILEIROS

Os meus bisavôs tiveram oito filhos, todos nascidos em Nova Petrópolis, dos quais dois faleceram ainda como criança, mas de um destes não encontrei nenhum registro:

Robert Ferdinand	---	Faleceu a 03/07/1879
Eduard Friedrich August	∞	Eva Anna Wilhelmine Scheffler
Friedrich	∞	Anna Friedricke Wilhelmine Nienow
Carl Wilhelm	∞	August Catharine nasc. Bier (irmã de Wilhelmine)
FERDINAND AUGUST	∞	WILHELMINE NASC. BIER
Johann Hermann	∞	Delphine Haas
Wilhelmine Philippine	∞	Heinrich Krüger

Como foram os primeiros anos de vida e trabalho da família em Nova Petrópolis? Não sei! Não conheço nenhuma anotação, nada por escrito, nenhum relato. Só resta dar asas a imaginação e pintar um quadro dos 57 anos que abrangem o dia a dia de nossos antepassados nas pirambeiras de Nova Petrópolis, de 1859 até 1916. Desta época só temos registros em cartórios e nos livros das comunidades evangélicas, além das lápides nos cemitérios. Neste período, em 19 de janeiro de 1872 nasceu meu avô Ferdinand August, que aos vinte e quatro anos, em 1896, casou com Wilhelmine Bier.

Observando, porém, a foto que temos desse período, podemos deduzir que eles estavam bem. Todos estão vestidos a caráter – provavelmente o próprio pai foi o alfaiate que confeccionou os ternos – e com pose de quem superou as

dificuldades. Aparentemente estão de bem com a vida. Gente séria de cabeça erguida.



Os bisavós imigrantes Christian Friedrich Gottlieb Ferdinand Schwantes e Wilhelmine Charlotte Friedrike nasc. Barz e 6 os filhos. O do centro em pé é meu avô Ferdinand August.

A MIGRAÇÃO CONTINUA - IV

Os Schwantes, como as demais famílias naquela época, tinham muitos filhos e a mortalidade infantil entre os imigrantes era relativamente baixa. As famílias Schwantes, descendentes do casal de patriarcas imigrantes, tiveram em

média 10 filhos. Os meus bisavôs tiveram, por exemplo, 8 filhos, dos quais 2 faleceram. O meu pai pertence a uma família com 10 filhos, sendo que todos atingiram a idade de adulto. E, ao que tudo indica, estas famílias não eram uma exceção neste sentido. Assim sendo houve um expressivo crescimento demográfico na região dos imigrantes europeus.

Também os Schwantes cresceram, apareceram e se dispersaram. Um levantamento feito em cemitérios da região de Arroio do Tigre, Ferraz, Vera Cruz, Santa Cruz do Sul e outras localidades mostra a presença de Schwantes em fins do século 19. A maioria destes Schwantes nasceu após o ano de 1860, o que indica que provavelmente são descendentes dos Schwantes imigrados em Nova Petrópolis. Nos livros de imigrantes não encontrei nenhum Schwantes que tenha imigrado para aquela região. Como as terras de Nova Petrópolis são muito acidentadas, a segunda geração não encontrava terras para cultivar e foi buscar o futuro em outras regiões de terras mais planas.

A família dos meus avós, Ferdinand August e Wilhelmine Schwantes, foi uma das que migrou de Nova Petrópolis para Paiol Grande, região de Erechim, no início do século 20, onde haviam terras planas com boa estrutura para a agricultura.

O MEU AVÔ: FERDINAND AUGUST SCHWANTES

Ferdinand August Schwantes nasceu e cresceu em Nova Petrópolis. Quando adulto deve ter adquirido, com a ajuda dos pais, como era praxe na época, sua própria terra e construído uma ampla residência. Estava pronto para casar e constituir família.

OS BIER ENTRAM NA HISTÓRIA

Enquanto os Schwantes estão criando raízes por entre as pedras e os tocos na terra que vão cultivando, procurando seu lugar ao sol na sociedade e na economia emergente, crescendo e se multiplicando e, principalmente, vivendo em paz e amor com todos os demais imigrantes sob as estrelas do Cruzeiro do Sul na Serra Gaúcha, a família de **Karl Bier** e **Albertine Emilie nasc. Mädge**, se muda da Picada 48 para a região de Nova Petrópolis.

KARL BIER Nasceu a 10/06/1819 Em Trier, Renânia, Faleceu a 18/12/1886 Em Nova Petrópolis	∞ ∞	1ª esposa MARGARETE nasc. BLEIMEHL 2ª esposa ALBERTINE WILHELMINE EMILIE nasc. MÄDGE Nasceu a 25/08/1851 na Pomerânia. Faleceu a 04/12/1939 L. Pirajá, N. Petrópolis
---	--------------------------	---

Ainda não tenho maiores informações sobre a imigração da família Bier. Sei apenas que o casal teve no mínimo quatro filhos nascidos em Nova Petrópolis:

Karl	∞	?
Augusto	∞	?
Augusta	∞	Karl Wilhelm Schwantes (irmão do meu avô)
WILHELMINE BIER	∞	FERDINAND AUGUST SCHWANTES



A jovem Wilhelmine Bier, minha avó, na flor da idade.

Os anos passaram. A primeira geração dos Schwantes e dos Bier, nascida no Brasil, frequentou a escola em Nova Petrópolis, foram confirmados, ajudaram os pais no trabalho rural, cresceram e se prepararam para constituir família própria. Eram jovens “na flor da idade”. Assim, por meio de fortuitos encontros entre jovens de sexos opostos, forma-se um casal de brasileiros descendentes de alemães. Seus pais emigraram de regiões diferentes da Alemanha, com tradições e dialetos distintos. Mas estas diferenças não interferiram no amor. **Ferdinand August Schwantes** e **Wilhelmine Bier** casaram num dia 10 de abril de 1896, às 10hs, na Igreja Evangélica de Nova Petrópolis, e dão origem à segunda geração de Schwantes nascidos no Brasil.

MEUS AVÓS PATERNOS

FERDINAND AUGUST SCHWANTES Nasceu a 19/01/1872 Em Nova Petrópolis Confirmado 05/04/1885 Casou em abril de 1896 Faleceu a 02/07/1941 Em Linha Etelvina Sepultado em Lagoa dos Três Cantos	∞	WILHELMINE nasc. BIER Nasceu a 20/5/1875 Em Nova Petrópolis Casou em abril de 1896 Faleceu 01/02/1962 Em Linha Etelviana Sepultada em Lagoa dos Três Cantos
---	---	---

A SEGUNDA GERAÇÃO DOS SCHWANTES NO BRASIL

Os meus avós **Ferdinand August** e **Wilhelmine Schwantes** tiveram oito filhos e duas filhas, sendo que nove nasceram em Nova Petrópolis. Somente a última filha, a Rosa, nasceu em Paiol Grande, Erechim, RS.

Augusto Nasceu a 21/02/1897 Faleceu a 01/10/ 1969 Sepultado em Lagoa dos Três Cantos,RS	∞	Edvina nasc. Schwantes
Leopoldo Nasceu a 25/11/1898 Faleceu a 21/01/1982 Em Nova Petrópolis, RS Sepultado cemitério evang. N.Petrópolis, RS	∞	Ervina nasc. Rollof

Edmundo Nasceu a 24/09/1900 Faleceu a 14/04/1955	∞	Rosa nasc. Schwantes
Balduino Nasceu a 20/09/1902 Faleceu a 28/03/1972	∞	Olga nasc. Petry
Valentim Nasceu a 13/05/1905 Faleceu a 00/00/1982	∞	Frieda nasc. Lindermann
Jena Nasceu a 29/08/1907 Faleceu e está sepultada No asilo Bela Bethânia em Taquari, RS		(solteira)
DELFINO Nasceu a 09/08/1909 Faleceu a 13/02/1951 Sepultado em Lagoa dos Três Cantos. Os restos mortais foram transferidos para Nova Xavantiana, MT	∞	EUGÊNIA nasc. GRAEFF Nasceu a 08/05/1912 Faleceu a 10/08/2001 Sepultada em Nova Xavantina, MT
Alfredo (Fredo?) Nasceu a 25/12/1911 Faleceu a 30/06/1981	∞	Lina nasc. Berwig
Arlindo Nasceu a 20/10/1914 Faleceu a 00/00/0000	∞	Miloca nasc. Seefeld
Rosa Nasceu a 15/04/1920 Em Paiol Grande, Erechim. Faleceu a 15/01/1984 Sepultada em Lagoa dos Três Cantos	∞	Verno Beck

Considerando apenas os filhos do casal Ferdinand August e Wilhelmine Schwantes, o crescimento demográfico no Brasil foi extraordinário, mesmo sem o chá afrodisíaco e o fruto alucinógeno das árvores Avante. Por parte dos Schwantes eu devo ter em torno de 40 primos e outros tantos por parte dos Graeff (falta pesquisar!). Esse elevado crescimento demográfico não vigorou só entre os Schwantes e os Graeff. Na época era normal. Não é de se estranhar que os lotes rurais nas regiões da imigração, já com o nascimento da segunda geração nascida no Brasil, estavam ocupados. Quem queria mais terra para os filhos, teria que migrar!

A MIGRAÇÃO CONTINUA - V

Os filhos de Ferdinand August e Wilhelmine Schwantes nasceram e cresceram nas pirambeiras de Nova Petrópolis. Mas lá não tinha terra suficiente para todos. Depois que os primeiros filhos do casal já estavam bem crescidinhos e com muita força e vontade para trabalhar, tinha chegado a hora de sair à procura de mais terra, e terra plana, fácil de cultivar. Em 1916, a família migrou da Linha Olinda, em Nova Petrópolis, para Paiol Grande, atual Erechim, no Rio Grande do Sul.

Meu pai, que naquela época tinha sete anos, contou que uma parte da família, a gurizada mais nova e os mais velhos, fizeram a mudança de carroça de bois, atravessando a Serra Gaúcha, passando por Passo Fundo até Paiol Grande, o que totalizava um percurso aproximado de 470 km. Tudo isso em estradas precárias e montanhosas, com crianças de dois, quatro e sete anos! Uma verdadeira aventura que durou de 15 a 20 dias. Mas vale lembrar que os pais deles haviam enfrentado condições bem piores para imigrar de uma distância de 10.000 km.

Uma outra parte da família viajou de trem. Na época já tinha ferrovia a partir de Novo Hamburgo, via São Leopoldo, Porto Alegre, Santa Maria, Cruz Alta, Carazinho, Passo Fundo, Paiol Grande e a linha seguia por Santa Catarina, Paraná, São Paulo até o Rio de Janeiro.

O meu tio Arlindo Schwantes, que nessa ocasião tinha dois anos, escreveu sobre essa mudança nas “**Memórias do Arlindo**”. Ele conta com minúcias fatos interessantes da vida de seus pais e irmãos. Transcrevo *ipsis litteris* parte da introdução e da mudança de Nova Petrópolis para Paiol Grande:

“A pedido do nosso neto Wolfgang Striebel para escrever algo sobre a minha vida, quero aqui fazer o possível de relatar o que ficou na minha mente. Embora que não tenho estudo nenhum em portuguez, porque naquela época não existia aula da língua portugueza, portanto é de esperar que aconteça muitos erros em palavras, mas quero crer que dá para entender o que quero deixar registrado aqui. Como se sabe, os pais nasceram em Nova Petrópolis, como também nove filhos. Quando eu tinha 2 anos, os pais se mudaram para Erechim, na época Paiol Grande-RS, para ter uma terra mais fácil para trabalhar, uma colônia nova, mas não aconteceu o que o pai esperava, uma migração das nossa origem alemã, só poucas famílias, a maioria eram descendentes de polonês, e assim após 7 ou 8 anos o pai resolveu de procurar outras terras, para sua família. Aprontou uma mala de pano, (em alemão Zwerchsack) passou o Rio do Peixe (Santa Catarina), mas não se agradou desta terra e entrou em Rio G. do Sul, e foi até município de Carazinho, onde tinha terras a venda, e a população era de origem alemã e de origem da Alemanha Westfalia. Esta gente quase falava sómente o dialeto deles da Westfalia, mas já era mais fácil, não tinha polaco, nem famílias de cor, das 4 colônias que o pai tinha em Erechim, ele conseguiu 3 colônias em Linha Etelvina (aliás uma em Alto Jacui) a casa de moradia era bastante precária, com galpões etc. A metade da terra era pinhal. A cada 5 – 6 metros tinha

um pinheiro, até um metro de grossura, só que naquela época o pinho não valia quasi nada, só estrovava para fazer roça, e era difícil para derrubar devido a grossura. Anos mais tarde foi construído uma Serraria por perto, ali um pinheiro valia 5 mil reis, era pouco, mas pelo menos não estrovava na roça, a maioria dos pinheiros davam 3 torras de 5 metros de comprimento, mas mesmo assim ficou mais uma torra de 5 metros que já tinha nó. Eu comessei freqüentar a aula com 4 anos e dez meses em Erechim, meu professor era um marinheiro alemão (Otto Eduard Müller); este senhor possuía uma loja na cidade de Erechim, veio uns 9 km a cavalo para dar aula para nos no interior, uma tarde, posava na casa dos pais, e no outro dia deu outra aula de manhã, e de lá retornava para Erechim onde ele morrava.”

No início do século XX as novas colônias de Paiol Grande e a cidade de Boa Vista de Erechim já estavam bem desenvolvidas. A cidade, por exemplo, já possuía iluminação pública. Mas para meu avô não interessava somente o desenvolvimento material e econômico. Para que ele pudesse educar sua família nos princípios da paz e do amor, era preciso também de boa vizinhança, de convivência e de vida social e cultural. Isso ele não encontrou na sociedade multicultural (descendentes de poloneses, italianos e outros) de Paiol Grande. Por isso, depois de sete ou oito anos, o Ferdinand, como escreve o Arlindo, saiu a procura de um novo lugar para morar. E depois de muita procurar, encontrou um lugar onde também havia vida social e cultural. Era a Linha Etelvina, em Lagoa dos Três Cantos.

Antes de acompanhar a família em mais essa mudança, quero contar o que eu descobri aqui em Nova Xavantina (MT) sobre os Schwantes em Paiol Grande. Nossos vizinhos, o Helio e a Dulce Bach, são natural do interior de Erechim. Um dia desses perguntei ao Helio se o pai dele nunca teria falado de Schwantes que moravam por lá. “Sim”, disse ele, “o pai falava muito dos Schwantes que fabricavam cerveja para as festas e os bailes da região. Os Schwantes cervejeiros”.



Paíol Grande fica a 9 Km da cidade Boa Vista do Erechim, que mais tarde foi denominada simplesmente Erechim. A foto mostra a avenida com iluminação elétrica.



O "X" no telhado da casa ao lado da construção sextavada indica a moradia do professor do Arlindo e do meu pai. (Foto: arquivo Edio).



Imagem de Boa Vista do Erechim. Casas boas de dois e três pisos. No centro a estação ferroviária e o trem com vagões de passageiros e carga e o piquete do gado a ser embarcado. (Foto: arquivo Edio).

A MIGRAÇÃO CONTINUA - VI

No decorrer de oito anos os Schwantes migraram duas vezes e chegam à Linha Etelvina, Lagoa dos Três Cantos, a última morada da primeira geração. Foi ali que Ferdinand August e Wilhelmine Schwantes fixaram morada definitiva com sua família de dez filhos. Os filhos cresceram e, aos poucos, cada um encontrou o/a companheiro/a da vida, se casaram e bateram asas. Sobre este período as “Memórias do Arlindo”, em 13 páginas datilografadas, nos trazem muitas informações. Só elas formariam um livro. Transcrevo aqui apenas algumas partes que nos dão uma visão sobre a vida da primeira e segunda gerações da família Schwantes no Brasil (quem se interessar pelo texto completo das ‘Memórias do Arlindo’ é só solicitar):

AS MEMÓRIAS DO ARLINDO

“Quando fomos morar em L. Etelvina, a primeira coisa que o pai foi fazer, a inscrição para nos gurisada continuar na escola. Quando eu tinha 15 anos, o pai resolveu construir uma cervejaria de baixa fermentação, a produção de cada fornada deu 530 garaffas, no verão as vez tínhamos que produzir duas fornadas para satisfazer a freguezia, quando alcancei 16 anos eu era distribuidor, uma carocha com três animais, era uma

atividade que eu gostei no começo, eu levava a bebida 3 a 4 horas de viagem longe, normalmente estive cada sabado ou domingo em um baile, levando cerveja, e trazendo as garaffas vacias de volta, e assim cheguei a conhecer muitas garotas lindas e conquistava com facilidade.”

“Mas após anos estive enjoado deste serviço, esta bebedeira cada sabado e domingo, e tinha medo de me perder completamente na bebida, pedi a meu pai me deixar em casa, e trabalhar por conta, mas morando com os pais, e o pai concordou, e eu arumei um serviço numa serraria como ajudante, ganhei 3 mil reis por dia”.



Rótulo da cerveja dos Schwantes que chegaram em minhas mãos, não sei mais como. São relíquias que guardo no cofre. A fábrica destas cervejas encontrava-se nas terras que meu pai adquiriu dos seus pais em Linha Etelvina.

"Serviço pesado, mas gostei, após três meses trabalhei por dúzia. 700 Reis por dúzia, daí tinha 7 mil reis por dia. Quando eu tinha 17 anos eu fiz a primeira viagem até Erechim por Trem, visitei o meu ex professor, que tinha uma menina da mesma idade, bonita e querida e me convidou ir no cinema, mas naquela noite eu queria voltar para casa? Mas ela me disse até as onze horas tu podes pegar o Trem ainda. No Trem não tinha nenhum que eu podia conversar, peguei no sono, e o vento me derubou o meu chapéu, se foi toda a minha alegria, e o pior de tudo, era que o pai ainda me avisou de cuidar o chapéu, e o dinheiro, quando cheguei em Carazinho, estava saindo o sol, desembarquei, e procurei imediatamente uma loja para comprar outro chapéu, para ninguém desconfiar que eu

perdi o chapéu no Trem, este chapéu custou 24 Mil Reis, era muito dinheiro naquela época, quando cheguei em casa, já com medo, a primeira coisa que o Pai me pediu, porque eu tinha comprado um chapéu novo? Vai dizer que perdeu o chapéu no Trem,?

Eu sonhava de conhecer algo mais na minha vida, e para isso tinha que deixar mais os bailes para economizar dinheiro. Um dia no chimarão que nos tomava no serviço, eu pedi a meu patrão de fazer uma vez uma viagem para conhecer Nova Petrópolis onde moravam antigamente os pais. Mas fazer uma viagem não era tão fácil, não tinha Onibus naquela época, e a distância era mais ou menos 600 Km. Ou tomar um Trem, ou arumar uma lotação,? Na volta contei ao meu pai que eu não trabalharia mais na serraria, mas também não queria mais trabalhar na cervejaria, resolvi de voltar novamente para Nova Petrópolis. Me acampei na casa da minha prima (futura sogra) que era minha madrinha também, ela tinha uma moça bonita.

Procurei um caminhão de carga que ia levar frete a Porto Alegre, e achei, compinei a viagem até por telefone, que na época era por manivela, foi a primeira vez que eu cheguei a conhecer o que é um telefone, e arumei uma carona com um caminhoneiro, ele levava batatinha banha feijão etc., a P. Alegre naquela época existia os bondes elétricos ainda. Ficamos dois dias em P. Alegre até que o caminhoneiro vendeu todos os produtos dele, e voltamos para casa. Pedi a mão daquela menina bonita para noivar, e me acompanhar até lá em casa, mas os pais naquela época não deixava nem por nada viajar dois namorados sozinho, nem com anel no dedo, daí a minha tia foi junto com nos, de Trem, levamos dois dias até chegar lá.

Um dia veio a futura sogra conversar comigo, sobre o trabalho que eu fazia, e de repente ela me falou que futuramente nos vamos ver a nossa terra que nos temos em S. Catarina, Um dia ela me pediu se eu ia junto com o sogro até S. Catarina para ver aquelas terras que o sogro erdou do sogro dele. E

justamente naquella época um vendedor de terras de Nova Petrópolis tinha comprado um carro novo Onibus para levar gente (compradores) de N. Petropolis para aquelle lugar, e chegou o dia da partida, eu me senti feliz de participar desta viagem pioneira para S. Catarina, levamos dois dias para fazer 700Km.

Tudo acertado com a companhia de terras, já tinha comprado uma serraria velha, por 6.400,000 seis conto e quatrocentos mil reis. Voltei novamente para S. Catarina para contratar a casa, e a madeira necessária para a Serraria, até Janeiro de 1938. Voltei para casa para tratar do casamento. Finalmente estava tudo pronto, e o dia do casamento estava na Porta, 30 de Dezembro de 1937, três dias depois o cunhado fez o casamento dele, nos queríamos fazer num dia, mas uma Vovozinha tinha medo que tirava a sorte do outro (bobagem).”

... “Um cunhado, a minha esposa e eu então fomos de carroça com certos objetos de mudança, cama, panelas etc., e embarcamos em janeiro, (não sei a data) só sei que tínhamos que fazer quase 700 Km. num calor que dava de fritar ovos no sol, no primeiro dia posamos num hotel em Feliz, a segunda noite no campo, o terceiro dia, ao anoitecer levantou uma tempestade, e nos tínhamos que engostar a carroça ao lado da estrada, tinha capoeira, desabrochar os animais de pressa, amarar bem, feijar a carroça em roda e aguardar os acontecimentos, mas nada aconteceu de anormal, no outro dia o sol saiu como um fogo, a estrada era pesada, e numa subida a mulher e eu fomos a pé numa subida braba, para poupar os animais, caminhando atrás da carroça, observei que uma roda traseira andava quase engostando no caixão da carroça, mandei parar e ver o que tinha nesta roda, e observei que o eixo estava quebrado, mudei o peso um pouco daquelle lado, e fomos adiante, não tinha outra alternativa, já estávamos perto de Bento Gonçalves, chegamos ao meio dia naquella cidade, procurei uma carpintaria, e mandei fazer outro eixo, que durou até no outro dia até meio dia, ali no hotel deixei uma parte da carga para evitar esta incomodação. Como tinha

anotado todas as vilas, e a distancia de uma até a outra, era previsto que a próxima noitada era de pousar no campo, ao anoitecer engostamos a carroça no lado da rodovia, desabroxi os animais, preparamos a nossa janta, para seguir a viagem cedo no outro dia, e por acaso veio aquele Onibus de Nova Petrópolis, o motorista parou e colheio as informações da nossa viagem, e emcarguei o mesmo trazer na próxima vez uma parte daquela mudança que eu deixei em Bento Gonçalves para aliviar a caroça, e os demais acontecimentos para avisar os nossos parentes em Nova Petropolis. No dia seguinte nos tínhamos que pousar fora também, e até mais vezes até que chegamos em Paim Filho, ao anoitecer chegamos lá, e posamos no hotel, donde saímos e chegamos até Marcelino Ramos, ahí posamos também no hotel, 9 dias de viagem, no outro dia traveçamos o Rio Uruguai, no engostar na Balça, abelhas avançaram e atacaram os animais, a nossa sorte foi, que tinha muita gente na Balsa que ajudaram nos de segurar os animais, mas mesmo assim uma parte de Abelhas acompanharam nos até o outro lado do Rio. Neste dia chegamos em Concordia SC, cedo ainda claro, era o décimo dia de viagem, o Hoteleiro informou nos, que não era conveniente seguir a viagem no outro dia que teria um Rio (Jacutinga) que estava alto e não daria passagem, e lá não existia hotel, aí nos ficamos um dia em Concordia para no outro dia seguira viagem até Arabutã, que ficava logo no outro lado do Jacutinga, chegando lá, o Rio não deu Passagem ainda, mas como tinha um Hotel do outro lado, passamos de canoa um por um, mais do que uma pessoa não podia carregar devido a correnteça da água, eu fui o ultimo que embarcou na canoa, e como o homem da canoa já estava cansado, quase fomos Rio a baixo, felizmente tinha mais um remo na canoa que eu peguei, e ajudei remar e se salvamos, no outro dia ainda estava alto, mas o homem da balsa amarou a balsa com 4 correntão forte, e conseguimos passar os animais também, finalmente no outro dia chegamos em Nova Estrela era um domingo, segunda feira carregamos a Egua com a nossa

muxilla, cama painelas pregos etc. e seguimos rumo a Taquarembó, para travessar o Rio Engano, usamos uma balsa pequena, mais ou menos para 5 pessoas, nos éramos em três e o animal, nos levamos uns 20 quilos de Batatinha, e no atravessar o rio, o saco com as Batatinhas caiu no Rio, mas felizmente o cunhado salvou as batatinhas, (Obs.: Em 1955 eu estive na casa do tio Arlindo em Taquarembó. Naquela época ainda era o fim do mundo.)

Finalmente dia 7 de setembro a Serraria estava pronta para funcionar, era no ano de 1939 já. No mesmo dia não deu para serrar madeira ainda e sim só deixar correr para ver se tudo estava no seu devido lugar, mas no dia seguinte já serramos algumas taboas, após alguns dias começamos para valer. Torras prontas já tinha e dentro de pouco tempo toda a madeira para o Moinho também estava pronto, mas quando a Serraria funcionou, o construtor foi para casa, deixou só os ajudantes. E a Serraria não funcionou mais, esquentava tudo, e não achamos o defeito, o construtor morava em Barros (Gaurama) fui lá e deixei dito em casa que não voltarei antes de trazer o homen, dentro de uma semana eu trouxe ele meio na mara. E dentro de dois meses mais ou menos estava pronto o Moinho também, daí a alegria era grande. Mas um pouco antes que estava pronto, aconteceu a melhor Alegria nossa, foi no dia 18 de setembro de 1939, quando nasceu a nossa filha, Irmtraude. A imigração era tão violenta, quando o povo sabia que tinha Serraria e Moinhos neste lugar novo, que tinha que trabalhar quase dia e noite, para vencer o serviço, nos cobramos 16.000\$000 dezesseis mil Reis para serrar uma dúzia de taboas, Em 1940 a guerra prejudicou muito o nosso desenvolvimento, tudo subiu de preço. Estava na hora de criar uma escola, e uma comunidade de Igreja, no começo éramos membro da Igreja de Nova Estrela, falamos com o Pastor, e criamos uma Comunidade em Taquarembó, os primeiros cultos foram dados em nossa casa, eu estudei as notas de música para compor um coro misto, eu era cantor desde 14 anos de

idade e tinha um certo dom de música, e deu certo, antes que a igreja estava pronta nos já cantávamos no culto.

Mas me escapou um acontecimento do ano de 1944, dia 8 de março de 1944 nasceu nosso filho tão esperado, Amelio. Mas, além de ser um ano feliz familiar, tanto mais difícil ficou a vida lá fora na sociedade, devido a guerra que durou mais um ano, as importações ficam cada vez mais difícil, serra e limas para a Serraria, e tantas outras coisas mais, finalmente em 1945 terminou a guerra, tudo voltou ao normal de novo, os mais idosos sofreram muito durante os anos de guerra, porque foi proibido a língua alemã, e a maioria não sabia falar o português. A Gasolina também foi racionada muito tempo, até que se inventou o Gas Pobre, isto quer dizer, no lugar da gasolina se usava carvão, até nos Onibus, na costa das estradas existia Postos de Carvão, como antes tinha Postos de Gasolina. Vale a pena salientar, que eu foi o unico da família que conseguiu comprar um Automovel, isto porque antigamente não era fácil, um colono ter o seu carro próprio embora que não era um colono, mas pertencia a uma família que era colono, hoje qualquer colono tem o seu carro. A primeira coisa que eu fiz, carregar minha família para um passeio para Carazinho, hoje M. Tapera, visitar os parentes e amigos.

.....

Outro fato que vale a pena de registrar era um acontecimento triste quando queimou a nossa primeira casa, isto aconteceu no ano 1946, foi a primeira casa bem construída , e pintada, aconteceu em pleno dia, a 1 hora da tarde, a minha esposa não estava em casa, era uma casa de 6x11 mt., não sobrou quase nada, fomos morar novamente num rancho durante um ano inteiro.

.....

Mais um fato que eu esqueci do ano 1951. Quando ficemos a primeira viagem de Avião, de Erechim a Carazinho, antigamente esta classe da gente como nos, nunca tinha oportunidade de experimentar algo diferente, pouca

esperiência, e medo, e como eu era um tipo muito curioso, queria ver como era uma viagem de avião? O primeiro dia não tinha mais lugar no Avião, pernoitamos em Erechim para tomar um outro avião no dia seguinte, nos podíamos ter feito esta viagem de Onibus ou de Trem, mas o negocio era experimentar um Avião.

.....-

Estes eram os fatos mais curiosos na nossa vida até hoje, quando escrevemos dia 14 de Fevereiro de 1984.

Arlindo Schwantes”

O DIÁRIO DO AUGUSTO

Também o irmão mais velho do pai, o tio Augusto, nos deixou uma jóia da literatura caipira. No “DIÁRIO DO AUGUSTO”, escrito em alemão, em parte no alfabeto gótico, em uma caderneta de anotações de 45 páginas, o tio, que era agricultor em Paiol Grande e em Lagoa dos Três Cantos, fala de nascimentos, doenças e falecimentos, do clima e da temperatura, das frustrações de safra e de boas colheitas, dos preços dos produtos agrícolas, de compra e venda de terras, de rodovias e ferrovias, de viagens e quilometragem entre as principais cidades do Brasil. Ele se interessou até pela cotação do câmbio e do comércio internacional, por política federal e pelas revoluções no país e a segunda guerras mundial. Augusto resumiu em poucas páginas a vida cotidiana dos anos de 1919 a 1939. A caderneta está bem guardada e conservada no meu cofre. Aqui reproduzo apenas algumas páginas e transcrevo algumas curiosidades. Quem se interessar pelo texto completo e traduzido, é só pedir. O tio Augusto escreve no DIÁRIO DO AUGUSTO:

“1919 – Augusto Schwantes – Boa Vista – Município de Erechim – Paiol Grande

No dia 22 de março de 1920 parti de P(aiol) Grande até Taquara, onde desembarquei dia 24 de março. Retornei até Sapiranga, donde fui a pé até Marcon, onde cheguei na casa de Carlos Schwantes no sábado à noite, dia 27 de março de 1920.

Início da construção da casa na quinta feira 24 de março de 1921. Mudamos para a nossa casa nova dia 21/4/1921. Robert chegou dia 29/4/1921. Na mesma noite foi roubado. Wilhelm chegou dia 26 de novembro de 1921.

August Bier e esposa e Willibald Schwantes chegaram na parada Becker dia 5 de janeiro e partiram dia 11 de janeiro. Balduin e Edmund partiram dia 10/4/1922 de Paiol Grande às 11 horas da noite. Chegaram em Rio dos Sinos. Preço da passagem 30.300 Rs(Reis). Roberto fez escritura da terra com Ferdinand 18/4/1922 em P. Grande. 19/4 chuva com tempestade.

17 de abril foi assassinado um rapaz em Paio Grande M.(unicípio) E.(rechim). No mês de maio de 1922 construímos estrevaria na casa do pai. Fizemos tabuinhas neste e no mês passado. Os primeiros milhos foram vendidos no mês de maio. Irmão Edmundo namorou com Rosa Schwantes só no mês de abril em Nova Petr.(ópolis). O novo professor Gustav Kunz iniciou a aula no dia 4 de maio de 1922.

Edmund e Balduin foram convidados para cantar no coral e fazer serenata na Fazenda Piraja do senhor tio August Bier. Foram comprado tábuas do senhor Poker Aureh H. Einziger. Preço da Banha de porco M.(ês) de maio 1,400 Rs. Foi feito erva mate no m.(ês) de maio. Anotações feitas no dia 5 de maio de 1922. Início de maio chuva. Dia 7 de maio chuva forte, estragou o “Kerb”. Edmund e Balduin chegaram com a família Strei em 20 de maio de 1922. Chegada neste mesmo ano, dia 28 de junho, Carlos Schwantes e família. Edmund adoeceu neste mesmo mês, forte gripe.

Finalizado as negociações de paz no m.(ês) de dezembro de 1923. Início da revolução em janeiro de 1922. Retorno do ministro da Guerra quinta feira dia 27 de dezembro de 1923.

Foram vendido os últimos feijões dia 24-1-24 por 18.000 Rs ao senhor Dirnhofen. Preço da banha 1.600 Rs. Preço ruim para os colonos por causa da forte variação cambial. Ricardo Lemke vendeu a colonia a um italiano no mês de janeiro de 1923. 23 de janeiro chamado a parteira Olga Piehl para a mulher doente. No princípio do mês de janeiro muito inço 1923. Quarta feira, dia 2 de abril de 1924 desmoronou o tunel no Km 474. A máquina ficou totalmente imprestável. Pai vendeu as terras no dia 9 de abril de 1924.

Parti pela segunda vez para Carasinho no dia 19/4/24. Lá comprei terras no dia 17 e 18/4/24. Venda da terra em Paiol Grande no dia 24/4/24 por 12 contos. Migramos para o novo lar no dia 7/5/24 comprado do senhor Ferdinand Rollwagen.

Vendi no Colorado em 1929 para A. Löser 17 hectares e 500 ares. Resto vendi para Ernst Lindemann por 4:500.000 Rs no ano 1931. Comprei 84.700 m² de W. Leuchtenberger por 5:250.000. Migramos para o A.(rroio) Carapato em maio de 1929.

1930 *Aborto no dia 6 de março. 10 de abril novamente para o hospital. segunda-feira, 14 de abril foi operada no útero e no apêndice. 26 de abril retornou para casa. Operador Dr. Steffens. De 10 a 12 Amanda teve inflamação das amídalas, foi tratada por Reinhold Berwian com inalação . “Motivo do Aborto” queda do cavalo no caminho para 15 de Novembro. Seco nos meses de janeiro e fevereiro 1931. Choveu no dia 24/2/1931. Pequena pescaria no primeiro Domingo de março 1931. Sogro bêbedo 1/3/1931. Última vez que tive ataque epiléptico em 19/2/1931. Professor Vogelmann teve que sair de Lagoa dos Três Cantos por ter ofendido a honra do Sr. Theophil Fiegib. (Obs.: Theophil Fiebig era o comerciante de secos e molhados ainda na época em que nós morávamos em Lagos dos Três Cantos. Ele comprava o excedente dos produtos agrícolas – batatinas, milho, trigo, feijão, arroz, porcos, banha, etc. e vendia de tudo que o agricultor necessitava). *Bênção da bandeira do coral masculino “Immergrün”. Na terça-feira dia 19 de janeiro de 1932 meu**

pai comemorou seu 60º aniversário. O Coral “Immergrün” fez uma serenata e lhe entregou uma bandeja como lembrança e o coral de Krohental lhe entregou um charuto do tamanho de um pé. Preço do feijão 12.000 Rs. Banha 1.600 Rs. Terça-feira, dia 26 de janeiro Etwine consultou com doutor Steffens e constatou uma inflamação no útero. Foi receitado: banhos de cócoras.

Conforme notícias da “Serra-Post” (Correio Serrano) os custos da revolução de outubro de 1930 foram de 1.154:940\$523 em ouro e 117.092:079\$356 moeda papel. Quarta-feira, dia 27 de janeiro, à tarde chuva forte com tormenta. Sábado, 23 de janeiro foi inaugurada a cancha de bolão em Lagoa dos Três Cantos na casa do ferreiro Ernst Rambo. Quinta-feira, 28 de janeiro o sogro estava bêbedo no trabalho na estrada. No dia 27 de janeiro a vaca emprestado do pai caiu no poço. Com ajuda de 16 homens nós a erguemos para fora. 30 de janeiro chuva. 6 de fevereiro baile do coral em Kronental. Domingo, 28 de fevereiro festa da escola na casa de Carlos Krauspenhar, organizada pelo professor Adolf Beutler (Obs. Adolf Beutler foi meu padrinho de batismo). Lucro líquido da festa escolar 500\$000 Rs. A 26 de fevereiro Kogler & Lindemann compraram de Willi Berwig um caminhão para tábuas por 6:500\$000 Rs. Terça-feira, 22 de março Alfred Lammers acidentou-se na serraria de Kogler & Lindemann. Ele teve calos nas têmporas, no olho, na parte de trás da cabeça, de forma que permaneceu quase 24 horas desacordado. Ele foi levado imediatamente ao hospital de Tapera e permaneceu em tratamento dos médicos Dr. Stein e Dr Steffens e retornou para casa no dia 3 de abril.

29 de junho a irmã Jena foi como empregada para Boa Vista do Erechim. Dia 29 de setembro a senhora Gingelnagel foi atingida mortalmente por um raio. 21 de outubro Jena retorna de B.V.do Erechim para cuidar da mãe. 26 e 27 de outubro morreram os bois de canga na peste das guampas. 20 de novembro uma tormenta com redemoinho destelhou a casa. 15/2/1933 o irmão Fredo foi operado da apendicite e esteve no

hospital até o dia 25/2. O trabalho na estrada iniciou dia 10/3/1933. Nos anos 1933 a 35 as colheitas foram fracas. No ano 1934 os gafanhotos comeram o que a seca não destruiu. De 12 a 21 de fevereiro de 1935 o tio Wilhelm juntamente com sua esposa, a neta Miloca e o irmão Leo.(pold) com noiva estiveram aqui de visita. Na noite de 25 de fevereiro tive ataque epiléptico. **Na casa do irmão Delfin chegou o herdeiro (Norberto) no dia 18 de março. A esposa do irmão Delfin foi levada ao Dr. Steffens no dia 22 de março.** Jena retornou de Boa Vista do Erechim no dia 19 março. Tio Wilhelm faleceu a 30/8/1935.

Arnodo Kogler e irmão Arlindo iniciaram dia 13/1/1936 uma viagem para Nova Petrópolis com o caminhão de Robert Hoffmann.(Obs.: comparar com “Memórias do Arlindo”) Dia 10/1/1936 à noite choveu um pouco e deu outra chuva pequena no dia 26/1. O milho, que esteve na floração, já sofreu, por falta de chuva. De acordo com notícias da “Serra Post” (Correio Serrano) do dia 21/1/1936 a banha custa em S. Catarina (Perdizes) 2.551 Rs e aqui no nosso m.(unicípio) de Carasinho 1.900 Rs Arnold Kogler e irmão Arlindo retornaram de Nova Petrópolis no dia 30 de janeiro.

O salão da sociedade queimou no dia 16 de fevereiro de 1936 às 3 horas da madrugada. Dia 14 de fevereiro ainda tinha sido realizado uma reunião. O salão era o de Lagoa dos Três cantos. Geou em 4/3/1936. Ataque epiléptico na noite de 16/3/1936. Casamento do irmão Fredo em 18/4/1936. Início da construção do novo salão da sociedade no mês de abril de 1936. A construção foi contratada por Scholler por 31:000.000 Rs até entrega da chave. Festa da escola do professor A. Beutler em 19/4/1936. Tormenta em Arroio Carapato a 9/5/1936. Fiz escritura da terra para o irmão Delfin em 2 de julho de 1936 e mudamos para S. Catarina em princípios de setembro de 1936. Retornamos de lá com a mudança a 14 de setembro de 1936. Arlindo casou dia 24 de dezembro de 1937. Choveu granizo em 14 de novembro de 1937, de forma que parte do trigo foi destruído totalmente. Geou no dia 19 de

novembro de 1937. Pai foi operado na bilis dia 24 de fevereiro de 1938. Dia 15 de março de 1938 o pai voltou para casa da operação na bilis. Tio Johann veio para cá de visita em 19 de março de 1938 e saiu novamente dia 27 de março. Chuva com tormenta muito forte no dia 19 de março. O riacho transbordou de todos os barrancos e desde que isto aqui está habitado, ninguém viu este riacho tão alto. 17 de junho de 1938 o Floribert começou a transportar leite. P. Atkinson retornou da Alemanha no mês de dezembro. A mãe e a Jena viajaram para S. Catarina em 13/2 e retornaram em 28/2/1939. A sogra viajou para Três Passos em 20/2 e retornou em 2/3/1939. Nós fomos morar junto com Albin Bratz. Primeira chuva na nova moradia dia 20 de junho. Primeira geadas forte deste ano dia 24 de julho. Participamos do primeiro baile dia 29 de julho na casa de H. Decker. Quando o coração acelera: Digalene Roche.

Albin Löser ficou devendo juros de 500.000 de 1º de outubro a abril 1936. Edwine comprou para mim uma jaqueta na venda de A.(rtur) Graeff por 60.000 no dia 03/08/1929.

Número de Registro do revolver: 219 353.”

Páginas originais da caderneta do “Diário do Augusto”.



Estas duas primeiras gerações de brasileiros descendentes de alemães, nascidos e crescidos entre pedras e tocos, nas pirambeiras de Nova Petrópolis, derrubando mato nas novas colônias de Paiol Grande e Linha Etelvina, plantando e colhendo os produtos de primeira necessidade e produzindo cerveja para alegrar as festas e bailes da região, conservaram e cultivaram um conhecimento e uma cultura invejáveis. Suas preocupações estavam voltadas para o preço dos produtos agrícolas, mas também para o bem estar geral da família. Seus interesses iam além dos limites do lote rural para o comércio nacional e internacional, para o valor do câmbio, para o desenvolvimento dessa jovem e grande nação brasileira. Eles estavam atentos à construção das ferrovias, energia elétrica, sistema escolar e de saúde, desenvolvimento urbano e, além das fronteiras, para política internacional e da Segunda Guerra Mundial. Essa geração estava informada e ligada ao mundo, mesmo tendo apenas alguns poucos jornais bilíngues impressos em Porto Alegre e alguns poucos rádioreceptores para ouvir notícias. Meu pai assinou o Correio do Povo de Porto Alegre, jornal diário de grande circulação, que sempre chegava um dia atrasado. Nas longas noites de inverno ele nos reunia em torno do fogão a lenha e, à luz de lamparina, lia livros infantis alemães da biblioteca de Kronental. Aquela turma estava informada! E isso tudo há 80 e 90 anos.

Quanto desse conhecimento e dessa cultura foi perdida nas gerações subsequentes!? As escolas comunitárias, criadas e mantidas pelas comunidades religiosas ou civis dos imigrantes foram, durante a Segunda Guerra, simplesmente proibidas e extintas. O Estado brasileiro, porém, não as substituiu por escolas do Estado. Jamais recuperou essa forma de ensino que visava integrar a pessoa na sociedade e se contentou com uma educação baseada na decoreba, sem nexos e sem conexão com a vida e, logicamente, sem transmissão de valores que proporcionam a paz e o amor.

GALERIA DE FOTOS - I



A antiga residência do professor da sociedade escolar de Lagoa dos Três Cantos. Infelizmente a construção histórica foi demolida. Ao fundo, o cemitério da Comunidade Luterana. (Foto: Edio - 1998)



O salão de baile e festas da Sociedade Lira Sempre Viva de Lagoa dos Três Cantos, construído logo depois que o primeiro salão queimou em 1936 (Foto: Edio - 1998).



Uma festa de casamento na Linha Etelvina. A segunda da esquerda para a direita, é minha mãe apoiando as mãos nos ombros do Norberto. (Foto: arquivo Edio)



Sociedade de Cantores Immergrün (Sempre Verde) de Linha Kronental (Vale da Coroa), na qual meu avô - o terceiro da direita para esquerda, sentado no banco - e meu pai - à frente da janela, no centro, de pé com a faixa - participavam. (Foto: arquivo Edio)



Irmãos Schwantes da primeira geração nascida no Brasil com as esposas. Ao centro, meus avós. A esquerda o tio-avô Johann, o dono do moinho em Nova Petrópolis (Foto:Edio)



A juventude de Linha Etelvina. Nosso pai à esquerda de pé. (Foto: Arquivo Edio)



A casa dos avós em Linha Etelvina. À esquerda a tia Jena e à direita a tia Rosa. No centro, entre os avós, o Norberto. (Foto:arquivo Edio)



Os meus avós Schwantes em foto colorida à mão, novidade na época. A foto com a moldura original está com a prima Irmtraude (Foto: arquivo Edio).



Os jovens paquerando. O pai está à direita sentado. Os tempos eram outros. Na época os homens sentavam e as mulheres ficavam atrás de pé. (Foto: arquivo Edio)



*O jovem **Delfino**, sétimo filho de Ferdinand August e
Wilhelmine Schwantes. (Foto: arquivo Edio)*



O tio Augusto e a Edvina, avós do Ademir Darci Schwantes.

Autor do “DIÁRIO DO AUGUSTO”

(Foto: arquivo Edio)

OS GRAEFF ENTRAM NA HISTÓRIA

Quando a família Schwantes se mudou de Paiol Grande para Linha Etelvina em maio de 1924, a família Graeff já morava em Lagoa dos Três Cantos. Há tempos eu procurava pela história dos Graeff, meus antepassados maternos. A única coisa que eu tinha encontrado foi que o casal Johann Jacob Graeff e Catharina nasc. Veck emigraram da região da Renânia, Alemanha para a colônia de Languirú, onde os bisavós estão sepultados no cemitério da comunidade. Mas, quem procura acha!

Numa de nossas viagens para a Alemanha - se não me falha a memória, foi em 2009 - amigos nossos, Reiner e Elke Kirse, sabendo do meu interesse pela pesquisa sobre os antepassados, nos levou para a região do Hunsrück, na Renânia, entre o rio Reno e a divisa com a França. De lá tinham emigrado, na segunda metade do século XIX, os Bier e os Graeff. A única referência que eu tinha dos Graeff era da

lápide da sepultura de meu bisavô, sepultado no cemitério da Comunidade Evangélica Betânia no Município de



de Languirú (RS). ***“Johann Jacob Graeff, nascido em 25 de maio de 1832 em Weinsheim, distrito de Kreuznach, município Coblenz Alemanha, falecido a 6 de julho de 1916”*** e sua esposa ***Catharina Gräff nasc. Veek nascida a 10 de setembro de 1838 em Oberstein, principado de Birkenfeld, falecida a 11 de junho de 1920***. Meu amigo me disse que com aquela precária informação seria difícil encontrar os antepassados. Fomos assim mesmo para conhecer a região. Ele nos levou à cidade de Boppard, centro regional, onde todos os antigos arquivos eclesiásticos estão reunidos. Fomos direto à secretaria da comunidade evangélica. “*Sim*”, disse a secretária, *“todos os livros e documentos eclesiásticos antigos da região estão reunidos aqui. Mas tem uma coisa: esse departamento está aberto só uma vez por mês e quem quer fazer consultas precisa se anunciar com antecedência.”* Meu ânimo, que com o primeiro “*sim*” tinha subido às alturas, caiu às profundezas. “*Mas eu vou ver qual é o dia do mês que o arquivo está aberto*”, continuou a secretária. Depois de uma rápida consulta ela voltou com um sorriso no rosto. “*Vocês tem sorte, o dia é hoje e lá nos arquivos não há ninguém anunciado, de forma que a senhora Ulrike vos receberá*”.

Com a pouca informação que tinha em mãos, a senhora Ulrike foi a uma ampla sala climatizada. Em poucos minutos retornou com livros de registros eclesiásticos de batismos, confirmações, casamentos e óbitos que abrangem a época do meus bisavôs. Com sua experiência de anos de pesquisa, encontrou tudo e muito mais o que eu procurava. Depois de duas horas ela nos apresentou a relação de meus antepassados, regressando até 1709 (os registros eclesiásticos naquela região só iniciaram, para nascimento e casamento, em 1680 e para óbitos, em 1725). Imagine minha alegria e meu sentimento de realização naquele momento! Dava vontade de pular pro ar e se deixar cair! Eu tinha em minhas mãos a relação de 300 anos de história de meus antepassados Graeff!

São essas coincidências e surpresas que dão cores à vida. Sair do Brasil num dia qualquer, viajar pela Europa, visitar um amigo que está disponível num determinado dia para passear com a gente, chegar em Boppard no lugar certo - mais precisamente, nos Arquivos de St. Martin da Comunidade Evangélica de Boppard, rua Mainzer, 8 - no dia certo, na hora certa e encontrar uma senhora quase tão idosa quanto os velhos arquivos, disposta a nos ajudar. É, acho que essas coisas acontecem só uma vez na vida!

Eis o que encontramos nos Livros Eclesiásticos:

<p>Johann Jacob Graeff (meu bisavô)</p> <p>Filho de:</p>	<p>Nasceu a 26/05/1832 em Weinsheim, município de Kreuznach, região de Coblenz na Renânia, Alemanha e faleceu a 06/07/1916 em Languiru. Casou com Catharina nasc. Veck, que nasceu em Oberstein, antes de 1868, (10.09.1838) filha de Wilhelm Veck e Elisabeth nasc. Kettler e faleceu a 11 de junho de 1920 em Languiru, RS.</p>
--	---

<p>Johann Greff (seu pai)</p> <p>Jacob</p> <p>Filho de:</p>	<p>Nasceu a 23/09/1807, casou a 16/06/1828 com Justina nasc. Schwarz, que nasceu no ano de 1807 como filha de Peter Schwarz, evangélico e agricultor em Bochenau e de Catharina Lorenz, ainda viva em 1828.</p>
<p>Johann Greff (seu avô)</p> <p>Jacob</p> <p>Filho de:</p>	<p>Nasceu a 25/04/1772 em Weinsheim, profissão mestre de obras e agricultor, evangélico reformado, casou a 09/02/1796 em Staudenheim com Anna Margaretha Schmitt, ainda viva em 1828, evangélica luterana, filha de Johann Nickel Schmitt (Schmid), residente em Staudesheim, que ainda era vivo em 1796. No livro de Registros de Casamentos consta a anotação: “... die hatten sich miteinander vergangen”. O que pode ser traduzido como: - “<i>que pecaram mutuamente</i>”, ou seja, ela provavelmente estava grávida.</p>
<p>Christophel Wolfgang ou Gräff (Seu bisavô)</p> <p>Greff</p> <p>Filho de:</p>	<p>Nasceu a 19/07/1743, evangelico reformado, casou a 08/01/1769 em Weinsheim com Anna Gertrud nasc. Schneider, que nasceu a 09/04/1747 em Bockenau e faleceu a 23/05/1815, aos 67 a., 1 m. e 13 d., em Weinsheim. Ela era filha de Johannes Schneider, evangélico reformado, residente em Bockenau, natural de Gutenberg, que casou a 13/11/1731 com Maria Sibilla Wagner, e que faleceu antes de 1772.</p>

Johann Jacob Greff ou Graef ou Grefen (seu trisavô)	Nasceu a 19/10/1709 e casou a 12/10/1733 em Weinsheim com Elisabetha Margaretha nasc. Kalbfuss, que nasceu a 03/07/1709, filha primogênita de Johann Nikolaus Kalbfuss, que casou a 19/06/1709 com Sophia nasc. Säckler.
Filho de:	
Johann Stephen Gref (seu tetravô)	Deve ter nascido fins da década de 1680, início da década de 1690, casou a 08/01/1709 com Maria Catharina Beuscher em Allenfeld.

Com pouca pesquisa, somente um dia, mas através de um lance de muita sorte, consegui os dados dos antepassados de minha mãe. Esta árvore genealógica é a mais antiga dos meus ancestrais. ela nasceu no filha do século XVII, em torno do ano de 1885.

O casal de imigrantes, meus bisavós por parte da mãe:

Johann Jacob Graeff Nasceu a 26/05/1832 em Weinsheim, município Kreuznach, Região de Koblenz Faleceu a 06/07/1916 em Languirú, RS	∞	Catharina nasc. Veeck Nasceu em Oberstein, Principado Birkenfeld, nasceu a 10/09/1368, filha de Wilhelm Veeck e Elisabeth nasc. Kettler. Faleceu a 11/06/1920 em Languirú, RS
---	---	---

Os filhos:

Friedrich	∞	Wilhelmina nasc. Kraus
Peter	∞
Katarina	∞	... ? ... Lersen
Julia	∞	Peter Lersen

Nesta onda de imigração vieram também os pais de Catharina, os sogros de Johann Jacob Graeff, meus trisavós:

Wilhelm Veeck	∞	Elisabeth nasc. Kettler Nasceu a 10/09/1838 Em Oberstein Renânia, Alemanha Faleceu a 11/06/1929 Sepultada no cemitério de Boa Vista, Languirú.
----------------------	---	---

Nos anos 60 do século 19 imigrou também, para a colônia de Teutônia (RS), extensão de Languirú, o casal **Heinrich Kraus** e ... ? ... nasc. **Klein** meus bisavós, pais da avó, mãe de minha mãe:

O casal imigrou com a filha mais velha, Elisabeth. Os demais filhos nasceram no Brasil:

Elisabeth	∞	Adolf Schneider
Julia	∞	Alberto Sommer
Karin	∞	Karlus Mueller
Katarina	∞	Heinrich Guinold
Heinrich	∞	... ? ... nasc. Kerle
Wilhelmina	∞	Friedrich Graeff
Luisa	∞	1 ^o matr.: Friedrich Dreier 2 ^o matr.: ... ? ... Liesenfeld

Em Languirú e Teutônia, colonizações vizinhas no vale do rio Taquari, vivem ainda hoje muitos pequenos agricultores, que produzem alimentos para a Grande Porto Alegre. Foi ali que **Friedrich Graeff e Wilhelmina Kraus** se encontravam nos bailes e nas festas das comunidades. Começaram a se observar, dar umas piscadinhas, dançar umas valsas, tomar um refrigerante juntos até que, finalmente, Friedrich começou a frequentar a casa da namorada Wilhelmina nos sábados à tarde para tomar um mate doce. Assim foi acontecendo, até que se casaram em 1889 em Teutônia.



O Moro dos Graeff em Teutônia

Antiga moradia dos Graeff em Teutônia

Meus avós:

<p>FRIEDRICH GRAEFF Nasceu a 10/06/1868 Em Languirú, RS Faleceu a 30/12/1919 Causa Motis: Ele era açougueiro em Lagoa dos Três Cantos e ao carnear um boi para o ano novo se descuido e foi chifrado mortalmente. Sepultado cemitério de Lagoa dos Três Cantos</p>	<p>∞</p>	<p>WILHELMINA NASC. KRAUS Nasceu a 19/05/1872 Em Teutônia, RS Depois da morte do marido ficou viúva por 50 anos, residindo em Lagoa dos Três Cantos, onde criou os 13 filhos. Faleceu a 18/06/1969. Jaz na mesma sepultura do marido em Lagos dos Três Cantos</p>
---	----------	--

O casal Friedrich Graeff saiu à procura de mais terra, terra fácil de cultivar para a família em franco crescimento. A terra existia logo ali, subindo a Serra do Mar. Passando pelos municípios de Soledade, Espumoso, Tapera, chegaram a nova colonização de Lagoa dos Três Cantos. Lugar de terra vermelha, bem estruturada, fértil e fácil de trabalhar. Friedrich comprou duas colônias há 500 metros do Centro da vila em crescimento.

Em 1902, o casal Friedrich e Wilhelmina Graeff com seis filhos se mudou de Teutônia para Lagoa dos Três Cantos, onde nasceram mais 7 filhos. Além do trabalho na agricultura, Friedrich Graeff instalou um matador e açougue para fornecer

carne nos fins de semana para os moradores. No dia 30 de dezembro de 1919 o açougueiro Friedrich se preparou para providenciar carne para as festas de fim de ano. Um pequeno descuido foi fatal. O boi o atingiu mortalmente com uma chifrada. Foi um fim de ano muito triste para a família Graeff. Depois deste acidente o açougue foi assumido pela família Bohn, onde eu ia todas as sextas-feiras comprar carne e um pedaço de fígado para a semana toda. Eu era colega de classe do filho do açougueiro Bohn, no Grupo Escolar Joaquim José da Silva Xavier de Lagoa dos Três Cantos. Esse colega manteve o matador e açougue até se aposentar.

As coincidências da vida também juntam elos distantes: Minha prima de terceiro grau, filha da Elaine, casou com o filho do meu ex-colega açougueiro e vivem felizes em Lagoa dos Três Cantos.

Foi ali em Lagoa dos Três Cantos que a família Graeff fixou morada e nasceram mais 7 filhos, de um total de 13. Entres estes, a segunda mais nova, a Eugênia é minha mãe.

Luisa Graeff * 18/04/1891 em Teutônia Faleceu em 1947 em Chapada, RS	∞	1 ^o casamento: Pedro Schneider 2 ^o casamento: Quirinus Schneider Agricultor em Chapada.
Leopold Graeff * 1893 em Teutônia Faleceu em 1954 em Xingu,RS	∞	Mina Wagner
Alfred Graeff * 1895 em Teutônia Faleceu Agosto 1961 em Não Me Toque, RS	∞	Rosa Schneider
Olivia Graeff * 01/06/1897 em Teutônia	∞	Albin Pigel

Faleceu em 1960, em Lagoa dos Três Cantos		
Linda Graeff * 01/05/1899 em Teutônia	∞	Heinrich Bartz Tinham serraria em Linha Alemão, Tapera
Verônica Graeff * 20/05/1901 em Teutônia	∞	Wilhelm Artmann (irmão do Albert) Residiram em Lagoa dos Três Cantos
Florian Luiz Graeff * 18/04/1902 Em Lagos dos Três Cantos	∞	Frida Dickel
Frida Graeff Nasceu a 10/03/1905 Em Lagoa dos Três Cantos	∞	Albert Artmann (irmão do Wilhelm) Residiram em Lagoa dos Três Cantos
Friedrich Graeff * 30/09/1906 Em Lagoa dos Três Cantos, faleceu 1962 em Maravilha.	∞	Blondina Gedege
Artrur Reinaldo Graeff Nasceu a 06/07/1908 Em Lagoa dos Três Cantos	∞	Olinda Dickel Nasceu 26/11/1902
Lilli Graeff * 06/06/1910 Em Lagoa dos Três Cantos	∞	Andreas Simon Residiram em Coqueiros, Mun. Carazinho.
Eugênia Graeff * 08/05/1912 Em Lagoa dos Três Cantos	∞	Delfino Schwantes Nasceu a 09/08/1909 Em Nova Petrópolis
Amanda Graeff * 29/09/1914 Faleceu em Passo Fundo, RS	∞	João Blos Residiram em Soledade, RS e Passo Fundo,RS



*Os avós **Friedrich e Wilhelmina Graeff** e os sete filhos nascidos em Lagoa dos Três Cantos. A mãe é a primeira da esquerda. (Foto: arquivo Edio)*

Observando a foto pode se deduzir que a família Graeff estava bem de vida. Todos estão muito bem arrumado, com vestidos e ternos da moda. Significa que os pais agricultores e açougueiro tem condições de dar a família uma vida boa.

MEUS AVÓS MATERNOS



Minha avó materna Wilhelmina Graeff (Foto: Edio)

Tudo aconteceu para que a vida pudesse continuar seu ritmo ininterrupto de geração a geração. Em Lagoa dos Três Cantos morava a viúva Wilhelmina Graeff, cuja segunda filha mais nova, Eugenia, que já havia frequentado quatro anos do primário da escola da comunidade, já estava confirmada e tinha concluído o curso de corte e costura. Anos mais tarde, depois de adquirir um fogão à lenha Geral N 2, suficientemente grande para cozinhar para uma família numerosa, e depois que a novilha já tinha dado a primeira cria e o leite para o café da manhã estava garantido, a jovem Eugenia participava dos bailes no salão da Sociedade Lira Sempre Viva e das festas da comunidade. Ela estava aflorando para a vida.

Há cinco quilômetros dali, em Linha Etelvina, morava a família de Ferdinand August e Wilhelmine Schwantes. O sétimo filho do casal, Delfino, nascido em Nova Petrópolis, havia frequentado a escola e fora confirmado quando a família ainda morava em Paiol Grande. Cantava no coral da comunidade de Lagoa dos Três Cantos, e no coral Immergrün de Kronental. Durante um período trabalhou na serraria dos Salvadori, que era movida à turbina com as águas do córrego dos Carrapatos, à margem esquerda do rio Colorado. Na época, o jovem já tinha comprado um dos lotes rurais dos seus pais, com moradia, paióis, chiqueiros e estrebaria, moega de cana-de-açúcar e todas as instalações necessárias. Neste lote rural estava instalada a fábrica de cerveja e refrigerante da família. Delfino estava preparado para a vida. Frequentava as festas da comunidade e os bailes no salão da Sociedade Lira Sempre Viva. O inevitável aconteceu. O destino da vida se cumpriu. Os olhos de Delfino e Eugênia se cruzaram! As valsas e as marchas que os dois dançavam juntos se sucediam cada vez com mais frequência, até que os dois só tinham olhos um pelo outro. No dia 04 de maio de 1933, no mês das noivas, Delfino Schwantes e Eugênia Graeff se casam.

O INÍCIO DE UMA NOVA GERAÇÃO



Eugênia e Delfino. (Foto: arquivo Edio)

Naquele tempo, a lua de mel se restringia em simplesmente observar a lua. Não havia sequer um hotel em Lagoa dos Três Cantos. Depois da festa, os noivos certamente foram dormir na própria casa em Linha Etelvina. Com toda a certeza era a primeira vez em que se admiraram e se apalparam ao natural e aprenderam juntos a fazer sexo. Foi o início de um matrimônio muito bonito, que deu origem a terceira geração dos Schwantes nascidos em Linha Etelvina e Lagoa dos Três Cantos:

<p>Delfino Schwantes Nasceu a 09/08/1909 residiram em Linha Etelvina até 1944 e em Lagoa dos Três Cantos Faleceu a 13/02/1951 sepultado em Lagos dos Três Cantos restos mortais transferidos para a sepultura da esposa em Nova Xavantina, desde 2006</p>	∞	<p>Eugênia Graeff Nasceu a 08/05/1912 em Lagoa dos Três Cantos a viúva residiu em Nova Petrópolis em 1953 e em São Leopoldo até 1998 e em Nova Xavantina, MT. Faleceu a 10/08/2001 sepultada em Nova Xavantina, MT</p>
--	---	---

NÓS PERTENCEMOS À TERCEIRA GERAÇÃO DOS SCHWANTES NO BRASIL

NORBERTO	∞	GERTRUD nasc. Ramminger
EDIO	∞	EDIT nasc. Prade
ARLINDO	∞	TEREZINHA e JULIA
MILTON	∞	ELISABETH klein e ROSILENY Alves Dos Santos

UMA CURIOSIDADE

Na busca dos Schwantes que imigraram e de seus descendentes que nasceram no Brasil um fato curioso me chamou atenção:

PAIS:	flhs	H*	M*
Os patriarcas imigrantes Christian Ferdinand e Charlotte Dorothea Schwantes imigraram com:	7	5	2
Os imigrantes Christian Friedrich Gottlieb Ferdinand e Charlotte Friedricke Schwantes :	6	5	1
Ferdinand August e Wilhelmine Schwantes :	10	8	2
Delfino e Eugênia Schwantes :	4	4	-
Total	27	22	5

H = Homem, M = Mulher

Fiquei curioso e queria saber o que isso significa. Saí a campo fazer pesquisa, perguntei sociólogos, sexólogos e outros 'ólogos' mais. Revirei o Google, que tudo sabe, ao avesso. Depois de uma cansativa busca e pesquisa cheguei à conclusão que, apesar da grande diferença entre homens e mulheres na minha própria família e nas famílias de meus antepassados, isto nada significa. Na geração de meus filhos e netos tudo entrou no equilíbrio: filhos: 1 mulher e 1 homem e netos: 3 mulheres e 2 homens.

A FAMÍLIA EM LINHA ETELVINA



A casa, construída sobre os alicerces da casa dos meus pais, onde eu nasci. Ao redor da construção, minha mãe mantinha um bonito jardim, horta, pomar e demais instalações de um agricultor. Está localizada à margem esquerda do córrego Carrapato e o lote rural de 23 hectares se estende para os dois lados. No canto direito inferior da foto existia uma vertente de água pura para a fabricação de cerveja e refrigerante. A moradia dos avós estava localizada a 100 metros de nossa casa. (foto: arquivo Edio)

Trabalhar para ganhar a vida é uma bênção. Meus pais trabalharam muito para poder proporcionar a nós todos uma vida confortável. A família começou a crescer com o nascimento de Norberto, no dia 18 de março de 1934; e continuou a se expandir com o meu nascimento, no dia 27 de outubro de 1937, do nascimento do Arlindo no dia 05 de setembro de 1939 e, por último, o Milton, em 26 de abril de 1946.



A família Schwantes na frente da porta principal da residência em Linha Etelvina. (Foto: arquivo Edio)



Os irmãos Schwantes - Norberto, Edio e Arlindo em Linha Etelvina - com ternos costurados pela mãe. (foto: arquivo Edio)



Três gerações em Linha Etelvina. Minha avó sentada com vestido preto e branco, minha mãe na segunda fila a direita e o Norberto e eu na frente à esquerda. (Foto: arquivo Edio)



A tia Jena (esquerda) e a tia Rosa (direita), o Norberto e eu. Era inverno, estamos usando casacões costurados pela mãe. (Foto: arquivo Edio)



Norberto, o “garoto propaganda” da cerveja Elefante da família Schwantes. (Foto: arquivo Edio).

Enquanto a família aumentava a situação econômica dos pais melhorava por meio de muito trabalho na agricultura. Um sinal dessa melhora econômica é a compra de uma bonita charrete com a junta de cavalos, como essa na foto a seguir:



A nossa charrete era semelhante a esse modelo de luxo. Era o meio de locomoção – o Uno Mile ou o Gol Zero da época – com o qual íamos de Linha Etelvina para o culto, às festas ou ao comércio em Lagoa dos Três Cantos e visitar os parentes nos fins de semana. Meu pai construiu uma garagem para a charrete.

Nós, os filhos, tivemos muita sorte, pois vivemos numa época em que ainda não existia lei que proibia os pais a levar os filhos juntos para o trabalho. Assim, nós aprendemos a trabalhar na lavoura e, principalmente, vimos que o bem estar se constrói com muito esforço e dedicação. Cada um de nós tinha uma pequena enxada para capinar. O que eu mais gostava era andar a cavalo quando o pai abria vergas para o plantio de ramas de mandioca.

O mais importante, porém, era o estudo. O pai ajudou a construir a escola comunitária de Linha Etelvina e era membro da diretoria da Sociedade Escolar. A função dele era se certificar de que sempre haveria um bom professor. Lembro-

me de um professor solteiro que morou conosco. Com ele o pai e a mãe aprenderam a jogar xadrez, depois o pai me ensinou e o jogo passou a ser o meu esporte preferido. Gostei tanto que conquistei a Taça de Xadrez da Cidade de São Leopoldo, no período que frequentava a Faculdade de Teologia.

Mas os pais sabiam que a escola em Linha Etelvina não conseguiria proporcionar uma boa formação aos filhos. Lá havia poucas crianças e uma única sala de aula com apenas um professor disponível para as quatro turmas.

A MIGRAÇÃO CONTINUA - VII

Pensando no futuro do filhos, os pais venderam o lote rural de Linha Etelvina e compraram um lote mais perto da vila de Lagoa dos Três Cantos. Nos mudamos em 1944. O lote rural tinha 29,5 hectares e estava a um quilômetro do centro da vila. Tudo era mais fácil. Nós íamos a pé para a escola, para a igreja, para o comércio e para brincar com os amigos na vila. No Grupo Escolar Joaquim José da Silva Xavier tinha várias salas de aula com um professor para cada turma. A venda dos produtos agrícolas se intensificou e o negócio melhorou, já que o produtor e o consumidor estavam mais próximos. Quando eu ia à escola levava leite para moradores da vila.



O Norberto, eu e o Arlindo na frente da nova moradia das terras recém adquiridas em Lagoa dos Três Cantos. Era uma ampla casa de alvenaria, localizada também à margem esquerda das cabeceiras do córrego Carrapato. (Foto: arquivo Edio)



O orgulho de Delfino e Eugênia. Os ternos costurados pela mãe. A camisa com colarinho arredondada era a última moda. (Foto: arquivo Edio)



*Agora a família está completa.
Norberto, Edio, Arlindo e Milton.
(Foto: arquivo Edio)*



*A turma está crescendo e começa a aparecer,
o Norberto já usa gravata.*
(Foto: arquivo Edio)

À medida em que crescíamos, a preocupação dos pais pela nossa formação aumentava. Como o pai se mantinha bem informado, - continuava lendo diariamente o *Correio do Povo* - sabia que o modelo da agricultura familiar manual estava com os dias contados. Foi no final da década de 40 que o trator começou a aparecer – em substituição a junta de bois para preparar a terra. O pai fez os cálculos e concluiu que não teria condições para comprar mais terra e passar para a agricultura mecanizada. Foi quando decidiram dar um novo rumo para a família. Em vez de procurar encaminhar os quatro filhos para a agricultura, decidiram buscar condições para que pudessem estudar e se preparar para uma profissão urbana.

Quando o pastor Teuner, da comunidade de Lagoa dos Três Cantos, ficou sabendo das intenções dos meus pais, sugeriu que o Norberto fosse estudar no Instituto Pré-Teológico e depois na Faculdade de Teologia em São Leopoldo para se formar como pastor. Por meio da igreja ele poderia receber uma bolsa parcial de estudos. Os pais gostaram da ideia e o

Norberto topou. Em março de 1950 ele foi estudar em São Leopoldo.

Agora a preocupação dos pais aumentou mais ainda. Eles se colocaram como objetivo de providenciar condições para que os outros filhos também pudessem estudar. Para isso, porém, precisariam morar mais próximos de uma cidade grande, que oferecia melhores condições de estudo. Assim, o pai viajou para Carazinho e Passo Fundo, para ver o que se oferecia por lá. Em Passo Fundo, ele encontrou uma chácara com todas as instalações necessárias para uma leiteria. Na época o leite ainda era vendido não beneficiado a domicílio. O pai voltou e discutiu o assunto com a mãe. Decidiram fechar o negócio. Programaram arrendar a leiteria e procurar um arrendatário para as terras em Lagoa dos Três Cantos. Tudo estava acertado para assumir o local em Passo Fundo e entregar as terras no início de março de 1951.

A VIDA SEGUE RUMOS INESPERADOS

Mas há anos o pai sofria de úlcera de estômago. Fazia tempo que ele estava em tratamento com o Dr. Steffens de Tapera. O medicamento trazia alívio para alguns meses, mas as dores sempre voltavam. Os conhecimentos de medicina ainda não estavam tão evoluídos a ponto de poder curar a úlcera. A alimentação pode não ter sido a mais adequada. Eu assistia o sofrimento do pai. À procura de alívio, ele resolveu mudar de médico e fez uma consulta com o Dr. Schmidt, de Não-Me-Toque, que tinha fama de bom cirurgião. Ele sugeriu ao pai que fizesse uma cirurgia estomacal, que foi marcada para a segunda-feira, dia 12 de fevereiro de 1951. Antes de assumir a leiteria em Passo Fundo, ele queria se curar do que tanto o atormentava. Domingo à tarde o pai se despediu de nós,

dizendo que voltaria na próxima semana. O Norberto o acompanhou ao hospital.

Na terça-feira, dia 13, lá pelas 2 horas da madrugada, um carro parou à porta de nossa casa. Era um táxi de Não-Me-Toque que veio nos buscar porque o pai estava passando mal. Em menos de uma hora estávamos no hospital, quando recebemos a notícia de que o pai havia falecido. De acordo com as explicações do médico, a cirurgia teria transcorrido bem, mas não haviam conseguido estancar a hemorragia, mesmo com a transfusão de sangue do Norberto. Quanta falta fez um simples exame de sangue para ver o fator de coagulação! Assim, meu pai faleceu aos 41 anos de idade.

Com isso, os planos de mudança caíram por terra. De um dos planos, porém, a mãe não abriu mão: “Os filhos vão estudar, custe o que custar”! Em março, o Norberto foi continuar os estudos em São Leopoldo – ele recebeu bolsa integral – e nós ficamos morando em Lagoa dos Três Cantos, cultivando a terra e produzindo o que era possível. Nessa época, aos 14 anos, compartilhei com a mãe os trabalhos na roça, inclusive lavrando com a junta de bois ou assumindo o cuidado pelos irmãos mais novos.

Enquanto trabalhava, a mãe aproveitou o ano para fazer planos para o futuro. Concluiu que continuar na lavoura era impossível. Como a mãe sabia cozinhar bem, resolveu arrendar a terra e se empregar em algum restaurante como cozinheira. Por meio de amigos, conseguiu uma vaga no hotel Tepper em Nova Petrópolis, para onde se mudou em fevereiro de 1953.

O mesmo pastor que havia ajudado Norberto também conseguiu para mim uma bolsa de estudos. No início do ano letivo de 1952, eu fui para o Instituto Pré-Teológico – I.P.T. – e em 1953, o Arlindo foi estudar na Escola Normal Evangélica de São Leopoldo. O Milton ainda era criança e ficou com a mãe. Assim, nós estávamos relativamente próximos e era possível nos encontrarmos com mais frequência. O nosso convívio melhorou consideravelmente quando em meados de 1953 a mãe recebeu o convite para trabalhar na cozinha do

Instituto Pre-Teológico em São Leopoldo, onde ela permaneceu até se aposentar. Nesse meio tempo, as terras em Lagoa dos Três Cantos foram vendidas e foi comprado um bonito apartamento em São Leopoldo, onde a mãe foi morar ao se aposentar.

GALERIA DE FOTOS - II



Foto tirada no Morro do Espelho em São Leopoldo, onde nós estávamos nos preparando para o futuro. (Foto: arquivo Edio)



A mãe se sentia realizada, mesmo que trabalhava muito.
(Foto: arquivo Edio)



A mãe com sua imagem serena de sempre.
(Foto: arquivo Edio)

O Norberto cursou o Instituto Pré-Teológico e a Faculdade de Teologia e se formou. Casou-se com Gertrud Ramminger e foi enviado pela Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil como pastor para a comunidade de Tenente Portela, no noroeste do Rio Grande do Sul. Eu segui o mesmo caminho. Me formei em fins de 1963. A Edit e eu casamos no dia 1^o de fevereiro de 1964 em Paraíso do Sul. Eu fui enviado

como pastor para a comunidade de Mondai, no oeste de Santa Catarina. O Arlindo já tinha se formado como professor dois anos antes e foi lecionar na escola da comunidade evangélica de Tenente Portela. O Milton, mais novo, também cursou o Instituto Pré-Teológico e a Faculdade de Teologia. Depois de formado foi para Heidelberg, Alemanha, fazer a pós-graduação em teologia, especializando-se no estudo do Antigo Testamento.

A decisão que os pais tinham tomado em 1950, reafirmada pela mãe após a morte do pai, tinha se concretizada. Os quatro filhos de Delfino e Eugenia Schwantes, Norberto, Edio, Arlindo e Milton, tinham cursado ótimas escolas e estavam formados.



*Este era o sonho do pai!
Esta é a turma da mãe!*

Estávamos prontos para enfrentar o futuro!



Em busca da realização da vida.

A mãe ficou morando em seu apartamento em São Leopoldo enquanto pôde permanecer sozinha. Com o avançar dos anos as doenças apareciam sempre com mais frequência, de modo que ela já não podia mais ficar sozinha. Por isso, vendeu o apartamento em São Leopoldo e veio residir conosco em Nova Xavantina, onde faleceu a 10 de agosto de 2001. Os restos mortais do pai também foram transferidos para o cemitério de Nova Xavantina. Hoje os pais descansam juntos na paz do Senhor.



*A sepultura dos pais em Nova Xavantina (MT).
(Foto: arquivo Edio)*



A lápide da sepultura dos pais no cemitério Cristo Redentor em Nova Xavantina. A lápide do pai é a original de Lagoa dos Três Cantos (Foto: arquivo Edio).

A partir deste ponto, a história da vida do Norberto, do Arlindo e do Milton e suas famílias deve ser contada pelos respectivos descendentes. Para que a tarefa possa ser cumprida com facilidade e precisão, é recomendável que os filhos e netos conservem o máximo possível de registros. As futuras gerações serão gratas aos que registrarem a história de seus antepassados.

FINALIZANDO

Os caminhos do Norberto e os meus como pastores da IECLB foram interrompidos pelo projeto de auxiliar os agricultores do sul do país, onde já não havia mais lotes rurais disponíveis, encontrar novas oportunidades para adquirir terras. Através de uma cooperativa e empresa colonizadora foram comprados grandes áreas de terras na região do vale do rio Araguaia e Rio das Mortes, no Mato Grosso. Nestas terras foram implantados projetos de colonização com toda a infraestrutura necessária e os lotes rurais foram vendidos a preços acessíveis e financiados pelo banco para os agricultores. Ao todo foram colonizados mais de 450 mil hectares. Esse trabalho trouxe os efeitos desejados e muitos agricultores gaúchos e catarinenses migraram para Mato Grosso, hoje o celeiro do Brasil.

A MIGRAÇÃO CONTINUOU EM EVIDÊNCIA

Desse movimento migratório, liderado pelo Norberto, nasceram e se desenvolveram cidades como Canarana, Água Boa, Nova Xavantina, Querência, Terra Nova do Norte e várias vilas. Hoje esses agricultores participam da produção de soja, milho, algodão, carne e outros produtos agrícolas no Mato Grosso.

A TRIBO XAVANTE

Mas a região do vale do rio Araguaia não estava desabitada. Em diversas reservas moravam índios da etnia Xavante. O cacique Mario Juruna Xavante liderava os índios do vale do Araguaia, assim como o Norberto liderava os agricultores da região. Os dois exerciam liderança positiva, de forma que as diferentes etnias aprenderam a se respeitar e a conviver em paz e amor.

O cacique da tribo Xavante Mario Juruna tinha pretensões políticas e procurou o Norberto para que ele o ajudasse a se candidatar ao cargo de Deputado Federal. Era o ano 1982 e Mato Grosso ainda tinha poucos eleitores para muitos candidatos. Por isso Norberto sugeriu ao Juruna que se candidatasse pelo Rio de Janeiro, onde Leonel Brisola concorria ao cargo de governador. Juruna e Brisola toparam a empreitada e Norberto levou o cacique para o Rio, onde ele foi eleito Deputado Federal com larga margem de votos. O Norberto foi o padrinho político de Mario Juruna e a mim ele escolheu como padrinho de casamento. Na escolha do presente de casamento o cacique não foi nada modesto. Escolheu uma casa na Vila Santo Antônio, em Barra do Graças, e pediu que eu a pagasse. O Norberto foi eleito para Deputado Federal constituinte, na legislatura de 1986.

O HISTÓRICO REENCONTRO

Dessa forma ocorreu o encontro histórico entre os dois caciques descendentes da Tribo Chá Avante, do qual falei lá no início do Primeiro Capítulo, na brincadeira do WhatsApp: *“O destino quis que o Norberto e mais uma pequena parte da tribo*

viesses para o vale do rio Araguaia e aqui se deu, depois de 40, 60, 80 mil anos o histórico reencontro. Os dois caciques, Norberto Schwantes e Mário Juruna Xavante, se encontram em Barra do Garças. A estória vira história, que todos conhecem”.

O FIM QUE REMETE A UM NOVO COMEÇO

No momento em que concluo a pesquisa da história de meus antepassados, lanço a meus netos e descendentes o desafio de iniciar uma nova pesquisa: Contar a história da vida de Edit e minha. Essa eu não posso escrever, pois mesmo que eu já tenha idade relativamente avançada, não sou antepassado de mim mesmo.

P O R . . .

Ao concluir em 2016 a primeira edição das pesquisas sobre a Tribo Schwantes achei que tinha reunido tudo sobre nossos ancestrais. Concluí o livro me achando o máximo. Minha idéia era que daqui por diante cada uma das famílias Schwantes deveria pesquisar de que forma está ligado ao grande troco dos patriarcas imigrantes Friedrich Christian Schwantes e Dorothea Louise nasc. Lüdtkke.

Mas, para quem experimentou o gosto e a satisfação da descoberta através da pesquisa, não consegue mais parar. É como chocolate, uma vez experimentado, não para mais de comer. Eu continuei viajando e pesquisando e encontrei raízes mais profundas, encravadas no ano de 1748, bem como mais galhos e novos ramos ligados a Tribo Schwantes.

Isso fez com que eu decidisse continuar com este trabalho que tanto me fascinou. Decidi pesquisar sobre as andanças dos inúmeros Schwantes espalhados por este Brasil a fora. Pois hoje, quando se chama o nome Schwantes no Facebook, vem gente correndo de todo o canto, do Chuí ao Oiapeque.

Foi por isso que decidi elaborar o **VOLUME 2** da **TRIBO SCHWANTES - A ÁRVORE GENEALÓGICA DA TRIBO NO BRASIL**. Como base nos dados dos antepassados que imigraram em 1858 e 1859, complementados com os dados

dos Schwantes que nasceram, casaram, tiveram filhos e faleceram em Nova Petrópolis, extraídos dos registros eclesiásticos da Paróquia Evangélica de Nova Petrópolis de 1868 a 1921, montei a base da Árvore Genealógica dos Schwantes no Brasil. Vou solicitar ainda os registros a partir de 1921 e aos poucos complementar a montagem da árvore dos Schwantes. Mas com os dados até agora reunidos não será difícil cada família Schwantes encontrar o galho, através do qual está ligado ao tronco. Monte você o galho com todos os ramos de sua família e mande-os para mim através Site

<http://triboschwantes.org>

onde você também encontra o livro

TRIBO SCHWANTES

VOLUME 2

A ÁRVORE GENEALÓGICA DA TRIBO NO BRASIL

Neste livro você encontrará seus antepassados, através dos quais você está ligado ao tronco dos Schwantes que imigraram na segunda metade do século XIX.

. . . F I M